

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

MESTRADO EM ENSINO DOS 1.º e 2.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

ESTÁGIO PROFISSIONAL I, II, III e IV

Errata

Página	Onde se lê...	Deve ler-se...
3		O estágio profissional III e IV (2.º Ciclo do Ensino Básico) foi realizado no Colégio São João de Brito e no Jardim-Escola João de Deus do Entroncamento.
141	Seguidamente apresentam-se três dispositivos de avaliação efetuados durante o estágio profissional (...).	Seguidamente apresentam-se seis dispositivos de avaliação efetuados durante o estágio profissional (...).
176		Bélair, L. (2001). "A formação para a complexidade do ofício de professor". In Paquay, L., Perrenoud, P., Altet, M. & Charlier, É. <i>Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?</i> . Porto Alegre: Artmed Editora; pp. 55-65.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

MESTRADO EM ENSINO DOS 1.º e 2.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

ESTÁGIO PROFISSIONAL I, II, III e IV

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

RICARDO MANUEL DE MELLO TOSCANO ALVAREZ

LISBOA, JULHO DE 2012

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

MESTRADO EM ENSINO DOS 1.º e 2.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

ESTÁGIO PROFISSIONAL I, II, III e IV

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

RICARDO MANUEL DE MELLO TOSCANO ALVAREZ

Relatório apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena Tomaz Henriques Serrano Caldeira

LISBOA, JULHO DE 2012

Agradecimentos

A realização deste trabalho foi pautada por uma caminhada repleta de aprendizagens, muitas delas conquistadas, outras que guardo para conquistar numa etapa seguinte. Ao longo destes dois anos foram muitos os momentos de trabalho e de esforço, mas também de prazer e alegria. Considero que este percurso representa um somatório de experiências e nelas estiveram presentes algumas pessoas a quem não posso deixar de agradecer por me terem ajudado a cumprir este desafio.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria Filomena Caldeira, por desde o primeiro momento me ter incitado a redigir este relatório, por me ajudar a ultrapassar as dificuldades que se apresentaram, por ter orientado este trabalho com seriedade e rigor, por todos os ensinamentos relevantes para a integração na vida profissional e por ter acreditado nas minhas capacidades. Obrigado também por ter sido uma professora que soube ensinar e transmitir os seus conhecimentos. Sem o seu apoio teria sido mais difícil levar a cabo estes dois anos de mestrado.

Agradeço à “Ariana”, por me acompanhar sempre em todas as circunstâncias, por me fazer crer que tudo vale a pena, por me ensinar a lutar pelos meus objetivos e por me motivar quando é preciso. Obrigado também pelos momentos de partilha, pela ajuda prestada em todos os instantes, mesmo quando esta não foi solicitada e por me lembrar que vale sempre a pena atingir os nossos propósitos. A ela devo o que sou e o que projetei ser.

Agradeço aos meus pais por terem sempre apoiado as minhas decisões, por me ajudarem a concluir este curso e por serem meus amigos. À minha mãe pelo carinho e dedicação com que sempre me trata. Ao meu pai por me ter dado o exemplo de lutar por aquilo que se quer alcançar.

Agradeço à minha colega e amiga Sofia pelos anos de apoio e companheirismo. Obrigado pela partilha de tarefas, pela demonstração de respeito e amizade, sem ela não teria sido tão gracioso frequentar este curso. Agradeço também à Raquel por todos os momentos de trabalho e lazer.

Índice Geral

Índice de Quadros	ix
Índice de Figuras	xi
Introdução.....	1
1. Identificação do local de estágio.....	3
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio.....	3
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional.....	4
4. Identificação do grupo de estágio	4
5. Metodologia utilizada	5
6. Pertinência do estágio	6
7. Cronologia/Duração.....	6
Capítulo 1 — Relatos diários	9
1. Descrição do capítulo	11
1.1. 1. ^a Secção	11
1.1.1. Caracterização da turma	11
1.1.2. Relatos diários	12
1.2. 2. ^a Secção	30
1.2.1. Caracterização da turma	30
1.2.2. Relatos diários	31
1.3. 3. ^a Secção	41
1.3.1. Caracterização da turma	41
1.3.2. Relatos diários	42
1.4. 4. ^a Secção	51
1.4.1. Caracterização da escola	51
1.4.2. Caracterização da turma	52
1.4.3. Relatos diários	52
1.5. 5. ^a Secção	55
1.5.1. Caracterização da turma	55
1.5.2. Relatos diários	55
1.6. 6. ^a Secção	68
1.6.1. Descrição da secção	68

1.6.2. Caracterização da escola	68
1.6.3. Caracterização das turmas	68
1.6.4. Relatos diários	68
1.7. 7. ^a Secção	90
1.7.1. Descrição da secção	90
1.7.2. Caracterização da turma	90
1.7.3. Relatos diários	91
1.8. 8. ^a Secção	103
1.8.1. Descrição da secção	103
1.8.2. Caracterização da turma	103
1.8.3. Relatos diários	104
Capítulo 2 — Planificação.....	117
2.1. Descrição do capítulo	119
2.2. Fundamentação teórica	119
2.3. Planos de aula.....	125
2.3.1. Plano de aula de Matemática do 3. ^o ano do 1. ^o Ciclo.....	125
2.3.1.1. Inferências	126
2.3.2. Plano de aula de Matemática do 5. ^o ano do 2. ^o Ciclo	127
2.3.2.1. Inferências	128
2.3.3. Plano de aula de Língua Portuguesa do 4. ^o Ano do 1. ^o Ciclo	129
2.3.3.1. Inferências	130
2.3.4. Plano de aula de Língua Portuguesa do 5. ^o Ano do 2. ^o Ciclo	131
2.3.4.1. Inferências	132
2.3.5. Plano de aula de Ciências da Natureza do 5. ^o Ano do 2. ^o Ciclo .	134
2.3.5.1. Inferências	135
2.3.6. Plano de aula de História de Portugal do 4. ^o Ano do 1. ^o Ciclo	136
2.3.6.1. Inferências	137
Capítulo 3 — Dispositivos de Avaliação.....	139
3.1. Descrição do capítulo.....	141
3.2. Fundamentação teórica	141
3.3. Avaliação da atividade n.º 1	145
3.3.1. Contextualização	145
3.3.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....	146
3.3.3. Descrição de parâmetros, critérios e cotações.....	147

3.3.4.	Grelha de correção	148
3.3.5.	Apresentação dos resultados.....	149
3.3.6.	Análise dos resultados obtidos	149
3.4.	Avaliação da atividade n.º 2	149
3.4.1.	Contextualização	149
3.4.2.	Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....	150
3.4.3.	Descrição de parâmetros, critérios e cotações.....	151
3.4.4.	Grelha de correção	152
3.4.5.	Apresentação dos resultados.....	153
3.4.6.	Análise dos resultados obtidos	153
3.5.	Avaliação da atividade n.º 3	153
3.5.1.	Contextualização	153
3.5.2.	Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....	154
3.5.3.	Descrição de parâmetros, critérios e cotações.....	154
3.5.4.	Grelha de correção	155
3.5.5.	Apresentação dos resultados.....	156
3.5.6.	Análise dos resultados obtidos	156
3.6.	Avaliação da atividade n.º 4	156
3.6.1.	Contextualização	156
3.6.2.	Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....	157
3.6.3.	Descrição de parâmetros, critérios e cotações.....	158
3.6.4.	Grelha de correção	159
3.6.5.	Apresentação dos resultados.....	160
3.6.6.	Análise dos resultados obtidos	160
3.7.	Avaliação da atividade n.º 5	160
3.7.1.	Contextualização	160
3.7.2.	Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....	161
3.7.3.	Descrição de parâmetros, critérios e cotações.....	162
3.7.4.	Grelha de correção	163
3.7.5.	Apresentação dos resultados.....	164
3.7.6.	Análise dos resultados obtidos	164
3.8.	Avaliação da atividade n.º 6	164
3.8.1.	Contextualização	164
3.8.2.	Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....	165
3.8.3.	Descrição de parâmetros, critérios e cotações.....	166

3.8.4. Grelha de correção	167
3.8.5. Apresentação dos resultados.....	168
3.8.6. Análise dos resultados obtidos	168
Capítulo IV — Reflexão final	169
1. Considerações finais	171
2. Limitações	172
3. Novas pesquisas	173
Referências bibliográficas.....	175
Anexos	185
Anexo 1	187
Anexo 2	191
Anexo 3.....	197
Anexo 4.....	201
Anexo 5.....	205
Anexo 6.....	209

Índice de Quadros

Quadro 1 — APTL – Atividades de prolongamento e de tempos livres	3
Quadro 2 — Cronograma de estágio	7
Quadro 3 — Cronograma de estágio	8
Quadro 4 — Horário da turma do 3.º ano B	11
Quadro 5 — Horário da turma do 4.º ano A	31
Quadro 6 — Horário da turma do 1.º ano B	42
Quadro 7 — Horário da turma do 2.º ano B	52
Quadro 8 — Horário da turma do 2.º ano B	55
Quadro 9 — Horário do estágio no 2.º Ciclo, no Colégio São João de Brito.....	68
Quadro 10 — Horário da turma do 2.º Ciclo, no Jardim-Escola do Entroncamento.....	90
Quadro 11 — Horário da turma do 4.º ano, no Jardim-Escola de Alvalade	104
Quadro 12 — Planificação em cada nível do modelo.....	123
Quadro 13 — Plano de aula de Matemática sobre o Pi.....	125
Quadro 14 — Plano de aula de Matemática sobre as frações irredutíveis	127
Quadro 15 — Plano de aula de Língua Portuguesa sobre os quantificadores universais.....	129
Quadro 16 — Plano de aula de Língua Portuguesa sobre o texto memorialista e funções sintáticas	131
Quadro 17 — Plano de aula de Ciências da Natureza sobre a unidade na diversidade dos seres vivos	134
Quadro 18 — Plano de aula de História de Portugal sobre o 5 de outubro de 1910	136
Quadro 19 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 1	146
Quadro 20 — Escala das classificações quantitativa e qualitativa	147
Quadro 21 — Grelha de correção da atividade n.º 1	148
Quadro 22 — Grelha de parâmetros e cotações atribuídos à atividade n.º 2	150
Quadro 23 — Grelha de correção da atividade n.º 2.....	152
Quadro 24 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 3	154
Quadro 25 — Grelha de correção da atividade n.º 3.....	155
Quadro 26 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 4	157
Quadro 27 — Grelha de correção da atividade n.º 4.....	159

Quadro 28 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 5	161
Quadro 29 — Grelha de correção da atividade n.º 5.....	163
Quadro 30 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 6	165
Quadro 31 — Grelha de correção da atividade n.º 6.....	167

Índice de Figuras

Figura 1 — Material Cuisenaire	13
Figura 2 — Exercício A	16
Figura 3 — Exercício B	16
Figura 4 — Escola Internacional de Torres Vedras	51
Figura 5 — Colégio São João de Brito	68
Figura 6 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 1.....	149
Figura 7 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 2.....	153
Figura 8 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 3.....	156
Figura 9 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 4.....	160
Figura 10 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 5.....	164
Figura 11 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 6.....	168

Introdução

No âmbito da Unidade Curricular de Prática Pedagógica I, II, III e IV do 2.º Ciclo de estudos, inserido no Modelo Bolonha, foi elaborado o respetivo relatório de estágio profissional enquadrado numa vertente educativa construtivista. Neste relatório são descritos os acontecimentos diários de várias turmas que pude acompanhar ao longo de dois anos e, elaborado um conjunto de inferências sobre práticas, metodologias e didáticas cumpridas em sala de aula.

1. Identificação do local de estágio

No respeitante à prática pedagógica I e II (1.ºCiclo do Ensino Básico), esta foi realizada no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade que se situa em Lisboa, na rua Conde Arnos, tendo sido, o estágio, realizado nos quatro anos do 1.º Ciclo.

Referente à organização das infraestruturas do Jardim-Escola este tem: um gabinete de direção, uma sala de professores, um salão, quatro salas de pré-escolar no rés-do-chão, oito salas do 1.ºCiclo (duas no rés-do-chão e seis no primeiro andar), diversas casas de banho para os alunos professores e auxiliares da educação (com ou sem dificuldades motoras), uma cozinha, uma cantina, uma sala de informática, uma sala de reuniões, um ginásio, uma biblioteca e um espaço de recreio coberto e dois descobertos.

O horário dos alunos do pré-escolar cumpre planificações diferentes do horário dos alunos do 1.ºCiclo, como se pode observar no quadro 1.

Quadro 1 – APTL – Atividades de prolongamento e de tempos livres

	Componente de apoio à família	Componente Educativa	APTL
Pré-escolar	8h/9h	9h/12h	17h30m/19h
	12h/14h30m	14h30m/16h30m	
	16h30m/17h30m		
1º Ciclo	8h/9h	9h/13h	17h30m/19h
	13h/14h30m	14h30m/17h	
	17h/17h30m		

2. Descrição da estrutura do relatório de estágio

A estrutura do relatório de estágio é apresentada do seguinte modo: capa; agradecimentos; índice geral; índice de figuras; índice de quadros; índice de figuras; introdução; capítulo I – relatos diários; capítulo II – planificações; capítulo III – dispositivos de avaliação; reflexão final; referências bibliográficas.

No capítulo 1, serão realizados os relatos diários dos períodos de estágio (separados por secções), acompanhados de inferências e sua fundamentação teórica. No início de cada secção será feita uma introdução, que contempla, breves dados da professora cooperante e caracterização da turma.

No capítulo 2, será abordada a importância e finalidade de planificar e apresentadas as planificações que elaborei para as aulas que lecionei assim como, as estratégias e inferências, baseadas cientificamente.

No capítulo 3, falarei da utilidade, importância, finalidade e objetividade da avaliação de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, História e Geografia de Portugal, descrevendo os seus instrumentos, através de estudos científicos.

Na reflexão final, é referido a importância do estágio profissional, os objetivos atingidos, que aprendizagens foram adquiridas, quais as limitações e novas perspectivas do mesmo.

O Estágio Profissional teve o seu início a 12 de outubro de 2010 e término a 22 de junho de 2012, realizando-se três dias por semana, num período de quatro horas por dia.

3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

O relatório de estágio é constituído, essencialmente, por relatos diários e suas inferências, observados e realizados na prática pedagógica, é relevante referir, como mencionam Alarcão, Infante e Silva (1996, p.154), “numa concepção renovada de professores, o papel da prática é encarado como fundamental para a análise e reflexão da acção do professor”, a qual, pode e deve ser exposta no relatório de estágio. Para além do que foi mencionado, o mesmo, tem um trabalho de investigação sobre as práticas que são observadas, sendo que, para os mesmos autores, “uma formação de professores como ponto de partida para a reflexão permite que se analisem situações, se estudem alternativas e se modifiquem planos de acção” (p.161).

No final, este será um trabalho que tem como objetivo, não só a reflexão, mas um auxílio ao longo dos anos de professorado tendo em vista as melhores atividades e estratégias para o ensino-aprendizagem, suportadas e sustentadas cientificamente.

4. Identificação do grupo de estágio

No princípio o grupo de estágio era constituído pela Ana, pelo Bernardo e por mim. No entanto, passado um mês de aulas, o Bernardo cancelou a matrícula na Escola Superior de Educação João de Deus, tendo deixado o estágio.

Depois das férias de carnaval, a nossa colega Filipa Martins passou a fazer parte do grupo de estágio até ao final do ano letivo.

Já no último ano letivo, foi integrado um novo membro no grupo, a Ana até ao fim do mestrado.

A Sofia e a Ana são colegas que conheço desde o meu segundo ano da licenciatura em Educação Básica e, com as quais, mantenho uma boa relação de amizade e companheirismo, o que se reflete na ajuda, auxílio e troca de ideias entre o grupo.

5. Metodologia utilizada

O método qualitativo foi escolhido para fundamentar metodologicamente este relatório, pois a abordagem e os modelos de investigação estão em consonância com os dados recolhidos e análise dos mesmos. O paradigma qualitativo abrange uma dimensão que envolve as ciências humanas e sociais, e os instrumentos de trabalhos citados fazem jus a este método uma vez que se baseiam no contato direto com a realidade observada, tratando comportamentos, acontecimentos e contextos onde decorrem os mesmos.

O objetivo desta escolha prende-se com o facto de encarar o relatório como uma interação com as pessoas e com os espaços físicos onde decorrem as ações (também estas alvo de análise e crítica) e retirar dessa interação: quer os significados que não se manifestam aparentemente, quer os que são manifestos.

As observações marcam uma parte crucial do relatório, pois a partir delas extrai-se a riqueza de conceitos e obtêm-se os dados para análise e fundamentação teórica, segundo Quivy & Campenhoudt (2003, p.155), “a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é submetido ao teste de factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações”.

No entanto, como menciona Sousa (2009, p.111), a observação deve ser rigorosa, para tal a observação deve ser criteriosa:

- i) Observar não é julgar: é só “olhar” e não “ajuizar” (o observador não é juiz). “Olhar” com “olhos de ver, factos e não juízos.
- ii) Neutralidade: Observar com isenção, sem tomar partido.
- iii) Objectividade: Sem subjectividade (“acho que”, “penso que”, etc.), sem especulações, sem inferências, sem empirismos, sem intuições.
- iv) Universalidade: Susceptível de que o outro observador observe o mesmo nas mesmas condições.
- v) Registo factual: Vídeo, filme, ou áudio-gravação do comportamento observado.

De acordo com Afonso (2005, p.91), a observação é uma técnica de recolha de dados útil e fidedigna, pois “a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos.”

Como referem Bogdan e Biklen (1994, p.91), a observação revela-se uma das técnicas mais eficazes na recolha de dados, no entanto o observador corre o risco de se deixar dispersar na realidade que observa, pois facilmente se influencia pelas características da mesma, de modo que é importante estabelecer planos cuidadosos. Segundo Ludke e André (1986, p.25), para que a observação se torne um instrumento válido e fidedigno tem de ser “controlada e sistemática”.

6. Pertinência do estágio

Sendo a prática de ensino valorizada e autenticada a sua necessidade e utilidade, para criar, futuros, profissionais na escola, cabe aos atuais docentes, como diz Jacinto (2003, p. 28), “possibilitar ao estagiário uma prática pedagógica orientada de qualidade e uma articulação entre a teoria e a prática, dando, assim, continuidade à formação já iniciada pela instituição de formação”.

Ao proporcionar diferentes contextos educativos, o estágio cria condições para a autonomia. No decurso do mesmo desenvolve-se competências indispensáveis ao exercício da profissão de professor, por meio da participação em múltiplas atividades que têm lugar na escola, pela experiência que se adquire no campo da didática, mas também pelas reflexões e avaliações críticas às diferentes estratégias educativas que se vão observando, como mencionam Alonso & Roldão (2005, p.29), “durante esta formação adquire-se conhecimentos basilares para podermos desempenhar corretamente a docência, mas tomamos também conhecimentos de quais as características mais importantes para vir a ser um professor de qualidade”.

Os estágios profissionais são fundamentais, pois possibilitam que sejam trabalhados aspetos fundamentais na construção da identidade, dos saberes e das posturas necessárias ao exercício da profissão docente.

7. Cronologia/Duração

No cronograma que se segue, evidencio a cronologia de estágio e elaboração do relatório. Nele estão presentes as aulas observadas, as aulas programadas, as aulas surpresa, as reuniões da prática pedagógica, o estágio intensivo, a elaboração do relatório de estágio profissional e as pesquisas bibliográficas. Nos quadros 2 e 3 demonstra-se os cronogramas referentes aos anos letivos 2010/2011 e 2011/2012.

Quadro 2 — Cronograma de estágio 2010/2011

	Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				Julho				Horas				
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4					
Atividades																																													
Aulas observadas																																													
Aulas programadas																																													
Aulas surpresa																																													
Reuniões da prática pedagógica																																													
Estágio intensivo																																													
Elaboração do relatório de estágio																																													
Pesquisas bibliográficas																																													

Quadro 3 — Cronograma de estágio 2011/2012

	Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				Julho				Horas				
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4					
Atividades																																													
Aulas observadas				■				■	■	■	■				■	■	■	■	■	■			■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■									
Aulas programadas	■	■				■			■	■	■								■		■		■						■					■											
Aulas surpresa																																													
Reuniões da prática pedagógica	■																							■																					
Estágio intensivo																				■																									
Elaboração do relatório de estágio	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■					
Pesquisas bibliográficas							■	■	■	■	■	■	■												■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■					

Capítulo 1 – Relatos diários

1. Descrição do capítulo

Neste capítulo serão relatadas e inferidas, com fundamentação teórica e científica, todas as aulas observadas ao longo do período de estágio profissional.

O capítulo está dividido em seis secções, sendo que a primeira secção é referente ao 3.º ano B, a segunda secção é relativa ao 4.º ano A, a terceira secção é respeitante ao estágio intensivo, a quarta secção é relativa ao 1.º ano B, a quinta secção visa o 2.º ano B e, por fim, sexta secção é alusiva ao 2.º Ciclo do Ensino Básico.

1.1. 1.ª Secção

Período de estágio: de 12 de outubro de 2010 a 26 de novembro de 2010.

Faixa etária: 8 anos

Ano: 3º ano

Turma: B

Professora cooperante: Margarida

1.1.1. Caracterização da turma

A turma do 3.º ano B é constituída por 21 alunos, 11 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

A maioria dos alunos que fazem parte desta turma conhece-se desde a infantil, embora, haja um aluno que tenha entrado a meio do percurso escolar do Ensino Básico, no início do 2.º ano de escolaridade. No quadro 4 apresenta-se o horário da turma.

Quadro 4 — Horário da turma do 3.º ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m 11h30m	Tempo de jogos				
11h30m 13h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	Almoço/recreio				
14h30m 15h30m	Estudo do Meio	Música	História de Portugal	Computadores/ biblioteca	História de Portugal
15h30m 16h30m	Educação física	Clube de ciência	Estudo do Meio	Trabalhos manuais	Inglês
16h30m 17h00m	Área de projeto arrumar trabalhos	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Trabalhos manuais	Assembleia de turma
17h00m	Lanche e saída				

1.1.2. Relatos diários

Terça-feira, 12 de outubro de 2010

Na aula de Matemática, a professora introduziu o tema, sólidos geométricos, questionando os alunos sobre a definição dos mesmos. Por meio de perguntas e pistas (tais como, características dos sólidos, tridimensionalidade e sua composição: faces, arestas, vértices e lados), a professora ajudou os alunos a construírem a definição pretendida. Posteriormente a docente compilou as respostas obtidas e escreveu no quadro a definição de sólido geométrico.

Na etapa seguinte, os alunos tiveram que conhecer, diferenciar e denominar os sólidos geométricos apresentados, distinguiram os poliedros de não poliedros.

Para realizar esta atividade, a professora utilizou o material disponível em sala de aula. Mostrou as diferenças entre os sólidos e falou de prismas e pirâmides (pirâmide hexagonal, prisma pentagonal, etc.).

A turma realizou um jogo: um aluno segurou um sólido geométrico, sem que os restantes alunos o visualizassem, e descreveu-o com o propósito de os colegas denominarem o sólido.

Para finalizar, a professora forneceu aos alunos uma ficha informativa e uma ficha formativa (realizada em sala de aula) de modo a consolidarem o tema explorado.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos (um a um) leram um texto do livro de Língua Portuguesa, “Viva lá, senhor Outono!”. Posteriormente fizeram a interpretação do texto, a análise sintática de algumas frases e a análise morfológica de palavras, trabalhando matéria anteriormente lecionada.

No fim da manhã, os alunos estiveram a realizar exercícios escritos de Língua Portuguesa e de Matemática que tinham em atraso.

Inferências

A professora, para lecionar, a aula de Matemática utilizou sólidos geométricos aplicando assim o concreto. Como defende Piaget, citado por Collis (1979, p. 210), a criança aprende por meio de situações concretas pois “está limitada, no seu raciocínio, a operações sobre fenómenos físicos, imediatamente observáveis.”

A realização de um jogo, com as crianças, serviu como impulso para uma aprendizagem motivadora e lúdica, pois brincar é uma característica primária no quotidiano da criança, de acordo com Caldeira (2009a, p. 334), “brincar é um direito fundamental de todas as crianças qualquer uma deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas de modo a satisfazer as suas necessidades básicas de aprendizagem.”

São várias as tarefas que o professor deve propor em sala de aula e diversificadas as estratégias que pode apresentar, no entanto a aprendizagem é estabelecida também por outros fatores, que se puderam observar durante a aula de Matemática, tais como a comunicação e a interação. Como referem Ponte e Serrazina (2000, pp. 124,125), o ambiente no qual os alunos aprendem é caracterizado pelo envolvimento dos mesmos e pela relação entre eles e os professores. O ambiente de aprendizagem é determinado pelas tarefas propostas, pelo tipo de comunicação, pela cultura da sala de aula e pelo modo de trabalho dos alunos.

Ponte, Boavida, Graça e Abrantes (1997), citados por Ponte e Serrazina (2006, p. 125), defendem que a aprendizagem é fortemente marcada pelo que é esperado tanto do aluno como do professor e colocam algumas interrogações acerca do ambiente de aprendizagem:

- (i) O que é permitido que os alunos façam?;
- (ii) Podem fazer perguntas em voz alta ao professor?;
- (iii) Podem trocar-se impressões com os colegas do lado?;
- (iv) De que modo é que o professor se relaciona com os diferentes alunos?;
- (v) Solicita a sua participação?;
- (vi) Trata todos de modo idêntico?;
- (vii) Que expectativas tem que os alunos realizem o trabalho proposto?

O professor deverá ter em conta estas interrogações numa perspetiva de melhoria do ensino-aprendizagem e da respetiva aprendizagem dos seus alunos.

Sexta-feira, 15 de Outubro de 2010

Na aula de Matemática, a professora resumiu a noção de perímetro que os alunos tinham trabalhado no dia anterior.

A professora utilizou o material *Cuisenaire* para trabalhar conceitos já aprendidos pelos alunos. Os alunos calcularam o perímetro da face de uma peça desse material. A docente foi pedindo que tirassem diferentes peças da caixa. A turma tinha de aplicar a fórmula de cálculo do perímetro e dizer qual o resultado obtido. Na imagem seguinte mostra-se o respetivo material.



Figura 1 – Material Cuisenaire

Numa fase posterior a professora começou por juntar peças diferentes do *Cuisenaire*, demonstrando que os alunos não podiam somar o valor do perímetro de cada uma das peças separadamente e obter o perímetro, pois havia lados das peças que não podiam contar (estavam agregadas a outra peça). Os alunos tiveram alguma dificuldade quanto à orientação espacial.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora referiu as classificações não satisfatórias, que os alunos tiveram num exercício caligráfico realizado noutra dia.

Pediu que repetissem os exercícios.

Inferências

Ao utilizar materiais didáticos, de forma orientada, a professora, proporciona aos alunos uma facilitação na construção de certos conceitos, como vem referido no programa de Matemática do Ministério da Educação (2004, p.168), “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração experimentação e manipulação.”

Posteriormente, a docente desenvolveu a capacidade de orientação espacial, conceito este que é de extrema importância em muitas tarefas do dia a dia. Como afirmam Ponte e Serrazina (2000, p.167), “pode dizer-se que sem a capacidade espacial bem desenvolvida e o seu vocabulário próprio para descrever relações geométricas não podemos comunicar sobre as posições e relações entre dois ou mais objectos.”

Na aula de Língua Portuguesa foi notória a insatisfação e tristeza dos alunos perante os resultados apresentados, empenhando-se na repetição do exercício, de modo a alcançar os objetivos definidos, e melhorar desempenhos por parte dos alunos, pela professora. De acordo com Estrela e Nóvoa (1999, p.105), os alunos aprendem quando lhes são dadas oportunidades para uma reflexão orientada e contínua, com base nas experiências vivenciadas.

Segunda-feira, 18 de Outubro de 2010

Na aula de Matemática a docente deu uma ficha formativa para os alunos realizarem. Nesta ficha era suposto aplicar os conhecimentos adquiridos em aulas anteriores sobre o perímetro, mais concretamente o perímetro do retângulo.

Cada criança realizou individualmente a ficha e a maioria terminou a ficha no tempo previsto pela professora. Posteriormente foram os próprios alunos que fizeram a correção da ficha, indo ao quadro resolver os exercícios. A professora foi corrigindo as incorreções que iam surgindo por parte dos alunos.

No final da aula de Matemática, sem os alunos terem conhecimento prévio, a professora realizou uma chamada oral de cálculo mental (tabuada). A docente foi anotando registos sobre o desempenho de cada aluno, através de uma grelha de avaliação.

Na aula de Língua Portuguesa a professora iniciou a aula com a leitura do texto “A Surpresa...!” (Catherine Metzmeier, *Rita e Gil na Escola*, Ed. Verbo.).

Posteriormente, os alunos treinaram a leitura lendo um excerto do texto. Fizeram a análise gramatical (sintática e morfológica) de frases e palavras contidas no mesmo através de perguntas dirigidas por parte da docente, contemplando assim grande parte da matéria dada em aulas anteriores. Por fim, também com questões orais colocadas pela professora, realizaram a interpretação da história. As perguntas eram de índole objetiva e a exploração do sentido do texto foi pouca.

Dando por terminada a parte inicial da aula, a docente introduziu um novo conteúdo gramatical: grau superlativo relativo dos adjetivos. Para tal, a professora serviu-se de cartolinas coloridas, que continham cada uma o nome dos graus. Através destas cartolinas a professora elaborou um esquema, com o objetivo de simplificar o tema abordado. Posteriormente essas mesmas cartolinas foram afixadas na parede da sala de aula, servindo de material de apoio que as crianças podem consultar todos os dias.

Para finalizar a aula, a professora realizou um exercício ortográfico utilizando o texto que foi trabalhado durante o dia.

Inferências

Ao entregar as fichas formativas, a professora concedeu tempo para a realização das mesmas. No fim, os alunos foram incentivados a descobrir a resolução dos exercícios das fichas, pelos seus próprios meios. Estas práticas incutem nas crianças o sentido de autonomia e de construção de saber. À luz do construtivismo, como referem Matos e Serrazina (1996, p. 83), o saber é ativamente construído pelo sujeito cogniscente, neste caso as crianças, e não pela transmissão (passiva) de conhecimentos de professor para aluno.

Ao realizar os exercícios orais de cálculo mental, a professora atribuiu uma classificação de acordo com o desempenho dos alunos e de certa forma diagnosticou (ainda que esse não tenha sido o principal propósito) a efetividade das aprendizagens dos alunos.

Como explicam Ribeiro e Ribeiro (1990, p.338), a classificação, ao contrário da avaliação, reporta para uma escala de valores que permite comparar e seriar resultados. Neste sentido seria importante que a classificação fosse uma dimensão da

avaliação, ou seja, era importante que a professora utilizasse a grelha preenchida para, como afirmam Ribeiro e Ribeiro (1990, p.337), analisar de forma cuidada as aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas.

Em relação à aula de língua materna, a professora realizou atividades que são propostas pelo Ministério da Educação (2004, pp. 152-153), através do programa nacional em vigor: “ler e interpretar textos narrativos e poéticos; estabelecer relações de sinonímia e antonímia para aprofundar a compreensão do texto; localizar a acção no espaço e no tempo”, mas a exploração do texto foi superficial.

Terça-feira, 19 de Outubro de 2010

Na aula de Língua Portuguesa o grupo de estágio, do qual faço parte, pediu à professora para realizar uma aula de introdução à poesia.

Nesta aula lemos trinta e dois poemas, revezadamente, de diferentes autores.

Para esta aula os estagiários criaram um ambiente envolvente, fechando os estores, iluminando a sala com velas e reproduzindo música de fundo.

Foi pedido às crianças que no final da leitura de cada poema atribuíssem uma cotação ao mesmo, esta cotação contemplava apenas três parâmetros: mais, mais ou menos ou menos. Para no final realizar uma tabela e saber quais os poemas que eram mais do agrado da turma.

No final da leitura de todos os poemas, foi pedido aos discentes que realizassem uma quadra. As crianças podiam escolher o tema que iriam abordar, dando os estagiários alguns exemplos: sentimentos, amizade, escola...

Na aula de Matemática, a professora distribuiu uma ficha formativa de geometria.

A ficha era composta por duas figuras:

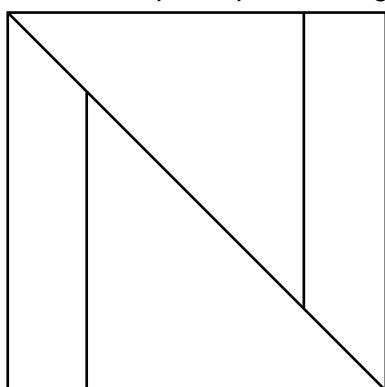


Figura 2 – Exercício A

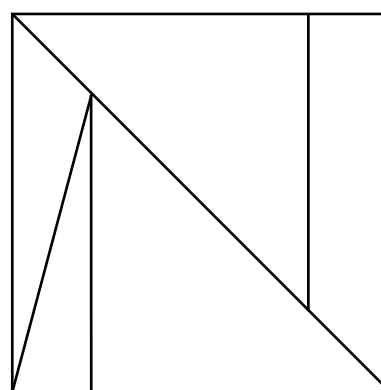


Figura 3 – Exercício B

Na primeira figura as crianças tinham de identificar o número de triângulos que conseguiam visualizar e pintar a amarelo um polígono quadrilátero.

Na segunda figura os alunos tinham de identificar quantos triângulos conseguiam descobrir.

Estes exercícios foram realizados individualmente, tendo depois havido uma discussão entre a turma em que cada aluno defendia os seus pontos de vista.

A professora serviu de mediadora sempre aproveitando as respostas corretas ao exercício.

Para finalizar a docente, através de perguntas dirigidas, lembrou a noção de figuras geométricas e polígonos.

Na aula de Estudo do Meio, a professora lembrou alguns conceitos sobre o sistema circulatório e introduziu novos conteúdos do mesmo através de uma apresentação em *powerpoint*.

Após a apresentação em conversa com os alunos estes referiram que o sangue arterial transporta oxigénio e o sangue venoso transporta dióxido carbono, explicação pouco correta.

Inferências

Entre os poemas escolhidos para crianças havia alguns que lhes estavam dirigidos, outros que lhes estavam conotados (apesar de o autor não os ter escrito com o intuito do seu público alvo serem as crianças) e poemas de extrema complexidade.

Sabendo que, e em contexto de sala de aula, cabe ao professor criar tempos de leitura recreativa, deixando o aluno “vaguear”, deliciosamente, pelos livros, sem “contabilizar” aquilo que foi lido, como diz Pennac (1996, p.116), “além do medo de não compreender, uma outra fobia a vencer, para reconciliar este pequeno mundo com a leitura solitária, é a duração”, a leitura realizada por nós poderá servir de motivação, pois foi proporcionado um momento de prazer sem ligar ao tempo de duração do mesmo, tanto pelos alunos como por nós.

A professora tentou que a definição mais correta do sistema circulatório fosse dada. Escrevo aqui que foi explicada. O coração impulsiona o sangue para as artérias, que transportam (para além de outras substâncias) uma maior quantidade de oxigénio versus dióxido de carbono ou uma maior quantidade de dióxido de carbono versus oxigénio e através das quais vai-se ramificar, em vasos sanguíneos mais pequenos, chegando a todo o corpo; as veias conduzem o sangue do corpo para o coração este pode estar rico em dióxido de carbono e pobre em oxigénio ou rico em oxigénio e pobre em dióxido de carbono.

A docente conseguiu captar a atenção dos alunos criando momentos de expectativa e entusiasmo.

Segunda-feira, 25 de outubro de 2010

Neste dia, foi-me pedido para dar uma aula (a manhã inteira) sobre: o sistema respiratório; os perímetros do quadrado e do retângulo; análise e interpretação de um texto.

Preparei um texto que aborda a pequena e a grande circulação. No âmbito da Língua Portuguesa, fiz a leitura modelo do texto e, posteriormente, pedi aos alunos para lerem um excerto. Fiz algumas perguntas de interpretação. De seguida, através de questões dirigidas, escolhi palavras para classificarem morfologicamente, nas respetivas linhas do texto, tais como: “funciona, uma, os, corpo, sanguíneos, finos, rico, percurso, prossegue e veias”. Para terminar a aula de Língua Portuguesa, escrevi no quadro a frase “O António e a Joana ofereceram um estetoscópio à Filomena.” e solicitei que alguns alunos fossem ao quadro realizar a análise sintática da mesma.

Aproveitando o texto facultado na aula de Língua Portuguesa, fui colocando perguntas dirigidas sobre a grande e pequena circulação iniciando assim a área de Estudo do Meio. Após uma breve reflexão conjunta sobre este tema, apresentei uma maquete de um corpo humano com algumas artérias e veias. Os alunos colocaram questões e fizeram associações entre o texto que tinha sido abordado e a maquete.

Na aula de Matemática, entreguei quadrados encarnados, retângulos verdes e uma ficha. Os alunos tinham que colar na ficha os quadrados e os retângulos e medir os seus lados com a régua. De seguida, os meninos tiveram que calcular o perímetro das figuras geométricas, utilizando a fórmula convencional. No final da aula e já tendo os alunos concluído as tarefas, propus a dois alunos que fizessem a correção do exercício no quadro.

Inferências

Para trabalhar com as crianças os conteúdos propostos das diferentes áreas do conhecimento, aproveitei o tema de Estudo do Meio de modo a cumprir a aula de Língua Portuguesa, interligando assim duas áreas diferentes. Como refere Fourez (2008, p. 74), é fundamental pôr em prática “processos de aprendizagem integradores [que] visa[m] a aquisição de saberes estruturados, transferíveis e actualizáveis na acção”. Em Estudo do Meio as crianças ao visionarem a maquete, ao tirarem elações e partilharem os seus conhecimentos com a turma, vão ao encontro do que evidencia Pereira (2002, p. 84), “é necessário que a criança possa discutir com as outras e com o professor que significados acorda ao que vê e experimenta”, podendo assim partilhar e chegar ao conhecimento através da discussão e reflexão.

Terça-feira, 26 de outubro de 2010

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos realizaram uma ficha formativa com os conteúdos programáticos lecionados até então.

Na aula de Matemática, a professora titular entregou uma ficha com diferentes tipos de exercícios e situações problemáticas. Após a entrega da mesma, a professora fez a leitura e explicou o que era pretendido em cada um deles. Posteriormente pediu aos alunos para a realizarem e sempre que surgisse alguma dúvida por parte de um menino, a professora explicava o que era pedido, para toda a turma.

No final da aula de Matemática, a professora, solicitou a alguns alunos que fossem corrigir a ficha ao quadro, sendo o raciocínio acompanhado pela professora e a restante turma. A turma foi corrigindo os exercícios à medida que eram feitos no quadro.

Inferências

Na ficha de Matemática a maioria dos alunos demonstrou alguma facilidade na execução dos exercícios propostos o que evidenciou um desenvolvimento de processos, como referem Ponte e Serrazina (2000, p.48), para proporcionar “um «cálculo» que mecanize a respetiva resolução, em vez de procurar resolver cada problema pela sua vez. É isso que faz o cálculo aritmético, que se torna assim num importante instrumento para a resolução de problemas”.

Foi interessante observar o modo como os alunos realizaram a correção da ficha, os quais, sem qualquer critério de seleção, foram ao quadro e deste modo a professora verificou as respostas. Como referem Ponte e Serrazina (2000, p.103), tanto as respostas erradas como as certas são importantes, pois “através da análise dos erros o professor pode aperceber-se das dificuldades que eles estão a sentir e do caminho a seguir para as colmatar”.

Sexta-feira, 29 de outubro de 2010

Este dia de estágio foi realizado pelo meu colega estagiário Bernardo.

Ele começou a manhã de aulas com um texto escrito por si próprio, no qual o tema principal tinha por base as drogas, mais concretamente o tabaco. Pediu aos alunos que lessem o texto solicitando a alguns meninos que realizassem a leitura parágrafo a parágrafo. Realizou perguntas dirigidas, fazendo assim a interpretação do texto. No final da aula de Língua Portuguesa, escolheu algumas palavras do texto, não as contextualizando, para fazer a análise morfológica das mesmas.

Posteriormente, o Bernardo dialogou com as crianças sobre os malefícios das drogas e suas consequências. As crianças colocaram as suas ideias sobre o tema e

sempre que achava necessário ele completava de forma a obter um melhor esclarecimento sobre o assunto. Propôs para finalizar, uma atividade de criação de um “slogan”, consolidando assim o que havia sido debatido anteriormente.

Na última hora iniciou a Matemática entregando três folhas quadriculadas divididas em cem partes (quadrículas) iguais. Relembrou o conceito de décima e utilizando as folhas introduziu o tema da aula de Matemática, a centésima. Pediu aos alunos que pintassem um determinado número de quadrículas para representarem uma quantidade de centésimas. No final realizou oralmente alguns exercícios, sobre o tema que abordou em sala de aula.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa as palavras escolhidas pelo Bernardo na análise morfológica deviam ser contextualizadas no texto e nas respectivas frases para as crianças poderem classificá-las corretamente.

Com o texto prevenção de drogas, o Bernardo deixou que as crianças após a sua leitura questionassem e partilhassem as suas ideias num diálogo aberto com ele. Citando Stel (2000, p. 76), a entidade escolar pode aproveitar a influência que os alunos exercem sobre os seus pares “e pedir (...) que expliquem porque é que não usam álcool nem drogas”, de modo a perceber os malefícios das mesmas.

Quando o estagiário iniciou a atividade do slogan com as crianças, apelou à sua criatividade de modo a que estas se expressassem através da escrita. Evidenciei muitos meninos, ao fazerem o slogan sentiram a necessidade de criar um desenho, tentando assim expor o que sentiam. Relativamente ao tema em questão, como refere Sousa (2003 p.167), a finalidade da ação criadora da criança “não é o desenho ou a pintura em si, mas a catarse das suas forças inconscientes mais profundas”.

Terça-feira, 2 de novembro de 2010

Este dia foi destinado à aula de manhã inteira da minha colega de estágio Ana.

A Ana entregou um texto da sua autoria, intitulado “Como respira o homem? E o peixe?”. Pediu a todos os alunos que lessem um excerto e posteriormente fez a leitura modelo. De seguida colocou perguntas dirigidas realizando assim a interpretação do mesmo.

Numa segunda parte da aula, a minha colega, escolheu palavras do texto para os alunos realizarem a análise morfológica das mesmas. Para finalizar a aula de Língua Portuguesa a Ana colocou uma frase no quadro e foi chamando alguns alunos para realizarem a análise sintática da mesma, fazendo assim uma revisão do que os alunos já tinham aprendido.

A aula de Estudo do Meio tinha como proposta, a demonstração dos movimentos respiratórios da respiração pulmonar. Para tal, ela levou o aparelho respiratório de um porco.

A Ana realizou duas atividades. Na primeira colocou um tubo pela traqueia e soprou pelo tubo enchendo de ar os pulmões, mostrando assim os movimentos respiratórios (inspiração e expiração); posteriormente cortou um dos pulmões longitudinalmente para apresentar os bronquíolos. Ela entregou luvas para os alunos calçarem e tocarem no sistema respiratório do porco.

Na segunda atividade, a Ana, levou um peixe para todos os alunos verem e cortou um opérculo para expor as brânquias do peixe. Os alunos tinham uma lupa e observaram como é o órgão pelo qual o peixe capta o oxigénio. Ao mesmo tempo que os alunos observavam o opérculo a Ana ia explicando oralmente o que estava a ser observado.

Neste dia, a Ana não lecionou a área de Matemática visto os alunos terem uma atividade, no fim da manhã, sobre o Halloween. Ficando então acordado com a professora cooperante que iria lecionar esta aula no dia 9 de novembro de 2010.

Inferências

A aula de Estudo do Meio foi conseguida por parte da Sofia pois juntou dois fatores importantes na aprendizagem: o ensino-aprendizagem com o entusiasmo que demonstraram os alunos. Ela criou interesse nos alunos com o tema apresentado, pois tal como refere Jesus (2004, p.179) citando Postic (1977), existe uma função que desperta o interesse por parte do professor que, “engloba as estratégias utilizadas para motivar os alunos no sentido da maximização da sua participação e aprendizagem, aproveitando as oportunidades que as situações de ensino podem permitir”. Pereira (2002, p. 71) concluiu que as crianças não aprendem porque o docente expõe os conteúdos científicos, norteando-se então no comportamentalismo, “segundo o qual a criança reage naturalmente a estímulos externos, ou seja, como resposta a um estímulo externo a criança adquire um conhecimento novo”. Penso que a colega conseguiu este objetivo através da metodologia utilizada.

Sexta-feira, 5 de novembro de 2010

Este dia foi destinado à aula de manhã inteira da minha colega de estágio Ana.

Ela começou com a área de Matemática e distribuiu por cada par de alunos algarismos móveis e um material didático de madeira não estruturado, que se destinava a representar a unidade, a décima, a centésima e a milésima.

A estagiária pediu aos alunos que representassem, com os algarismos móveis e com o material, um valor numérico. No princípio do exercício foram pedidos valores referentes às décimas e às centésimas, fazendo assim uma revisão. De seguida, recorrendo-se do material, explicou o conceito de milésima, passando posteriormente para exercícios relacionados com o mesmo.

No final da aula de Matemática, enunciou algumas situações problemáticas com a soma de milésimas. Os alunos realizaram as operações e a Ana pediu a alguns para irem resolver ao quadro as situações problemáticas. Ao mesmo tempo que os meninos iam fazendo no quadro a resolução, a estagiária foi corrigindo.

No decorrer da aula de Matemática, o comportamento da turma não foi o mais adequado, gerando assim dificuldades na gestão da disciplina da aula.

Finalizada aquela aula, entregou um texto aos alunos relacionado com os povos bárbaros. Após a entrega do texto, “Os Bárbaros”, a Ana realizou a leitura modelo. Na continuação da aula efetuou perguntas de interpretação do mesmo. Em diálogo com as crianças, conduziu os alunos a perceberem quais os constituintes do texto em prosa (introdução, desenvolvimento e conclusão). De seguida, através de perguntas dirigidas, pediu que alguns alunos identificassem no texto a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Aproveitando o tema do texto e sem terminar a aula de Língua Portuguesa, a Ana introduziu a área de Estudo do Meio. Recorrendo-se ao *powerpoint*, a minha colega de estágio, iniciou o tema a que se tinha proposto “os povos bárbaros na Península Ibérica”. Utilizou mapas que ilustravam a chegada de alguns desses povos à Península Ibérica pelo norte da Europa. Efetuou perguntas dirigidas, aproveitando as respostas dadas pelas crianças, para no final fazerem uma síntese sobre o tema. No final da aula, a colega, distribuiu a cada aluno uma cartolina, com o mapa da Península Ibérica, para desenharem a chegada dos povos bárbaros pelos caminhos que estes realizaram no passado.

No fim da manhã, aproveitou para retomar a aula de Língua Portuguesa e sem se dispersar da área de Estudo do Meio, fez interdisciplinaridade solicitando aos alunos que elaborassem um texto sobre o tema abordado, o qual, tinham de recorrer às regras de construção de um texto em prosa.

Inferências

Na área de Matemática a Ana encontrou grandes dificuldades para controlar o barulho existente, proporcionado pelas conversas paralelas de alguns alunos. Tentou contornar esta adversidade sem, no entanto, atingir o sucesso pretendido. A Sofia não referiu as regras de comportamento, pois como afirmam Carita & Fernandes (1997,

p.78), sem um conjunto de regras estabelecidas nas primeiras aulas por parte do professor criam-se “situações de grande ambiguidade”, nas quais os alunos experimentam o limite do permitido e os professores adotam “atitudes dispersas, um pouco ao sabor das circunstâncias e das idiosincrasias de cada um”.

Uma das estratégias possíveis de abordar, como indica Jarez (2002, p.106), seria a “participação dos próprios alunos na elaboração das normas a estabelecer na turma” com o objetivo de criar no grupo as respectivas regras, de modo a “prevenir um certo tipo de conflituosidade e facilitar a sua resolução”. Essas normas podem se “orientar por princípios de responsabilidade, respeito, igualdade, iniciativa, (...) aceitação da discrepância e da diversidade”, tal como defende aquele autor.

Segunda-feira, 8 de novembro de 2010

A Ana voltou a lecionar uma aula de Matemática. Utilizando o mesmo material que tinha utilizado na aula anterior, iniciou o tema da milésima servindo-se das mesmas estratégias.

Finalizada a aula, a professora Margarida iniciou a correção dos trabalhos que a turma tinha levado para casa e pediu a vários alunos que se dirigissem ao quadro e fizessem os exercícios. A professora cooperante prosseguiu a aula com uma chamada oral da tabuada, registrando sempre os resultados dos alunos.

Posteriormente, a professora titular solicitou que os alunos abrissem o manual *Porta-te bem!*, Ed. Ambar no texto “bons modos à mesa”, de José Jorge Letria. Cada aluno leu um excerto do texto e, de seguida, colocando questões dirigidas, os alunos realizaram a interpretação do mesmo.

Por fim, os alunos efetuaram exercícios ortográficos com palavras do texto e análise sintática de algumas frases.

Inferências

A Ana e a professora cooperante, após conversarem, chegaram à conclusão que ela devia repetir a aula de Matemática lecionada anteriormente. Neste dia, os alunos depois de terem refletido sobre o comportamento incorreto procederam a um pedido de desculpa à colega.

A professora ao proporcionar a leitura do texto aos alunos e posteriormente colocar questões dirigidas sobre o mesmo, facilitou a compreensão deste, pois tal como referem Sousa e Cardoso (2010, p.75), “para ajudar a construir a complexidade da significação, o professor guia as observações dos alunos, organiza actividades sistemáticas de questionamento de textos e reflecte sobre os modos de agir quando se trata de enfrentar um texto”. A leitura em sala de aula, tal como definem Rebelo,

Marques & Costa (2000, p.123), funciona como um aperfeiçoamento da competência individual no ato de ler, sendo que, “a leitura deve surgir sempre associada a uma situação que a torne apetecível e indispensável no contexto das actividades desenvolvidas”.

Terça-feira, 9 de novembro de 2010

Neste dia a Ana lecionou a aula de Matemática que tinha pendente.

A aula da Ana tinha como base a soma e a subtração de frações com o mesmo denominador. Introduziu a aula relembrando o conceito de fração através do exemplo de uma piza dividida em fatias iguais, proporcionando uma breve conversa com os alunos sobre os seus gostos gastronómicos pessoais.

Posteriormente recapitulou as partes constituintes da fração (denominador, numerador e o traço de fração), através de perguntas dirigidas. Com alguns exemplos solicitou que os alunos indicassem quais as frações próprias e impróprias, recordando, deste modo, outro conceito das frações.

A Ana, auxiliando-se do quadro da sala de aula, enunciou duas frações com o mesmo denominador incitando os alunos a concretizarem a operação. Visto que os meninos realizaram com alguma facilidade o exercício proposto solicitou que estes efetuassem, mentalmente, uma nova operação com o mesmo denominador, no entanto, com quatro frações.

Para iniciar a subtração com frações utilizou a mesma estratégia.

No final e consolidando o tema apresentado entregou uma ficha com diversos exercícios e uma situação problemática para os alunos resolverem individualmente. Posteriormente desafiou um aluno para resolver a situação problemática no quadro.

A professora Margarida, no seguimento da manhã, entregou aos alunos o texto “O meu irmão é um artista”. Os meninos fizeram a leitura e a interpretação do mesmo, mediante questões dirigidas. Por fim, a professora titular introduziu o tema do grau superlativo absoluto dos adjetivos. Depois de ter fornecido a definição do grau superlativo absoluto, escolheu alguns adjetivos do texto para os alunos os escreverem no grau que estava a ser trabalhado, mediante perguntas dirigidas. De seguida, os alunos tiveram de enquadrar as palavras numa frase criada por eles.

No fim desta manhã, os alunos deslocaram-se para o ginásio para assistirem a uma exposição de “Os Super Sorrisos”, sobre cuidados a ter com a higiene oral.

Inferências

Através da conversa proporcionada pela Ana os alunos discutiram para além dos seus gostos gastronómicos a noção de fração. Citando Matos e Serrazina (1996,

p.171), a postura do professor é fulcral para o progresso de um ambiente na sala em que os alunos discutem e partilham os seus pensamentos matemáticos, através de uma comunicação ativa entre si e com o docente. “Comunicação com sucesso exige a negociação de intenções e depende de todos os elementos da turma expressarem respeito e apoio pelas ideias dos outros”.

Foi importante a professora ter solicitado que os alunos enquadrassem as palavras numa frase, pois como refere Villalva (2008, p.17), estas “não ocorrem isoladamente, ocorrem integradas em frases, ou seja, em contínuos sonoros (embora não tenham) de ser interrompidos por pausas.” O mesmo autor indica ainda que “a relação entre morfologia e sintaxe assenta no facto de as unidades produzidas pela morfologia, ou seja, as palavras, serem as unidades terminais das estruturas sintácticas” (p.36).

Sexta-feira, 12 de novembro de 2010

Neste dia, foi-me pedido para lecionar aulas durante a manhã inteira. Na área de Matemática, o tema abordado foi a circunferência e suas linhas; na área de Língua Portuguesa, a banda desenhada e na área de Estudo do Meio, os Mouros.

Na aula de Matemática, comecei por dialogar com os alunos e distinguir a diferença entre circunferência e círculo. Após a turma ter chegado a uma definição de circunferência, solicitei que utilizassem o compasso para desenharem a mesma numa folha. No seguimento da aula, incitei os alunos a descobrirem e representarem, na sua circunferência, as linhas que dela podem fazer parte. Posteriormente, solicitei a alguns alunos que fossem registar o que tinham descoberto numa circunferência inscrita no quadro. No final da aula de Matemática, os alunos fizeram a legenda das linhas e através de perguntas dirigidas recapitulei o que tinha sido apresentado.

Na área de Língua Portuguesa, entreguei a cada aluno, um excerto adaptado, da Banda Desenhada, de Manuel Pinheiro de Chagas, *História Alegre de Portugal*, Ed. Bertrand. De seguida, coloquei o mesmo excerto em *powerpoint*. Posteriormente solicitei que cada aluno lesse uma parte da Banda Desenhada, tentando recorrer-se ao código da mesma. Acabada a leitura dos alunos, fiz a leitura animada do texto, baseando-me na Banda Desenhada. No seguimento, solicitei que os alunos identificassem os diferentes tipos de balões e legendas que existiam na banda desenhada fornecida. Por conseguinte, e em conversa com os alunos, propus que atribuíssem um significado a cada balão e uma legenda diferente a cada imagem. No final da aula de Língua Portuguesa, apresentei um *powerpoint* elucidativo, que demonstrava e aclarava o código genérico da Banda Desenhada.

Na área de Estudo do Meio, e fazendo interdisciplinaridade, aproveitei para interpretar a Banda Desenhada, fornecida anteriormente, através de perguntas dirigidas sobre o povo Muçulmano. No seguimento, exibi um friso cronológico que realçava a data de chegada dos Mouros à Península Ibérica. Por conseguinte, apresentei algumas imagens legendadas, que elucidavam o modo de vida e as principais características dos Muçulmanos. Posteriormente incitei os alunos a interpretar as imagens, a ler e a parafrasear as legendas das mesmas. No final, solicitei que os alunos realizassem uma analogia do povo Muçulmano com os povos que já tinham estado na Península Ibérica (Romanos e Bárbaros).

Inferências

Quando preparei a aula de Língua Portuguesa interliguei a Banda Desenhada com o tema de Estudo do Meio, o povo Muçulmano. As crianças ao lerem o excerto da Banda Desenhada nem se aperceberam que estavam a aprender a cultura do povo Muçulmano, extraindo o máximo prazer da leitura. Como referem Lages et al. (2007, p.32), nos tempos que correm as crianças têm uma panóplia de artefactos substitutos do prazer de ler. “Ao livro e à leitura é exigida uma proposta de valor clara, atractiva, portadora de benefícios tangíveis para o seu utilizador. (...) Importa que o livro saiba construir e comunicar uma forte identidade”.

Segunda-feira, 15 de novembro de 2010

A professora titular, na área de Matemática, apresentou em *powerpoint* uma história intitulada “O Senhor Anacleto”, para lecionar a leitura de números, números relativos e absolutos, numeração romana, operações e respetivas provas.

A professora Margarida solicitou que alguns alunos lessem a imagem projetada, no entanto um aluno não conseguiu ler a palavra Anacleto. Para colmatar a dificuldade desse aluno, a docente, recorreu à 13.^a lição da Cartilha Maternal (noção de sílaba forte).

No seguimento dos exercícios de operação, a professora, aproveitou para fazer uma chamada oral da tabuada, a todos os meninos da turma, registando os resultados obtidos.

Para finalizar, a docente, solicitou que alguns meninos fizessem a correção dos trabalhos de casa no quadro da sala de aula, corrigindo sempre quando algum aluno se enganava.

Após a aula de Matemática, iniciou a aula de Língua Portuguesa, lembrando a poesia e a prosa. Para lecionar a poesia, a docente, dialogou com os alunos sobre os diferentes tipos de rima (interpolada, alternada e emparelhada). Concretizou o que

tinha sido falado sobre a poesia, realizando um esquema no quadro, o qual legendava cada um dos tipos de rima. De seguida, a docente, realizou um ditado mágico, escrevendo algumas palavras no quadro e apagando-as duas a duas. Posteriormente, os alunos, tiveram de se recordar das palavras e escrevê-las numa folha. No decorrer deste exercício, alguns meninos não conseguiram realizar a atividade. Para terminar a manhã, a professora leu um texto sobre João de Deus e incitou à turma que escrevesse uma quadra sobre João de Deus Ramos, para posteriormente, expô-las na escola. A professora Margarida solicitou que eu e a Ana corrigíssemos as quadras ao mesmo tempo que os alunos as acabavam de escrever.

Inferências

A professora Margarida ao colmatar o erro de leitura da criança através da Cartilha Maternal proporcionou, como refere Laranjeira, citado por Deus (1997, p. 8), “uma fácil aprendizagem para o aluno”, no entanto, este método, segundo o mesmo autor, “exig[e] um consciente trabalho de compreensão por parte do professor”, o que se verificou, pois o aluno, após a explicação, realizou a leitura da palavra corretamente.

Quando fez a chamada oral, a professora ao registar os dados poderá mais tarde realizar um tratamento dos mesmos, mantendo-se informada sobre as capacidades dos alunos e, em consonância dos resultados, decidir o que fazer para melhorar as suas aprendizagens, assim como, verificar a progressão dos mesmos, como refere Tenbrink (2006, p.19), “evaluación es el proceso de obtención de información y de su uso para formular juicios que a su vez se utilizarán para tomar decisions”.

Alguns alunos não conseguiram realizar corretamente a atividade do ditado mágico, desta forma verificou-se que a grande maioria das crianças estava desconcentrada, dispersando a sua atenção.

Terça-feira, 16 de novembro de 2010

No começo da manhã, a docente solicitou que alguns alunos corrigissem no quadro da sala de aula os trabalhos de casa.

Posteriormente, a professora distribuiu uma conclusão de um texto aos alunos, para estes realizarem a introdução e o desenvolvimento.

Na aula de Matemática, a docente distribuiu pelos alunos uma ficha formativa. A ficha contemplava frações, leitura de números, números decimais, perímetro e tabuada. A professora, após a entrega da ficha formativa, solicitou que tanto eu como

a minha colega de estágio, não ajudássemos os alunos a realizar a mesma, para poder aferir os conhecimentos destes.

Quando os alunos terminavam a ficha formativa, dirigiam-se a mim e à Ana, para continuarmos com a correção das quadras realizadas no dia anterior e posteriormente passarem para uma folha de papel de cenário.

Inferências

A professora ao solicitar às crianças a produção de textos, de uma maneira diferente do rotineiro, cumpre, como indica o programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo do Ensino Básico na comunicação escrita (2001, p.152), a diversificação de “contextos de produção, multiplicar práticas de escrita, (...) permite aprofundar a compreensão da leitura, acelerar aprendizagens, organizar e desenvolver o pensamento”.

Sexta-feira, 19 de novembro de 2010

Neste dia, a professora Margarida depois de todos os alunos estarem nos seus lugares na sala de aula, entregou-me uma ficha de Matemática, com exercícios e situações problemáticas, para eu desenvolver com a turma.

Os alunos, ainda não tinham exercitado, anteriormente, alguns dos exercícios e situações problemáticas contemplados na ficha e sendo uma novidade para a turma, eu teria de explicá-los de forma, harmoniosa e concisa, para que eles os conseguissem executar. No seguimento da aula, houve um exercício que gerou mais dúvidas, o qual, os alunos, perante a minha explicação, alcançaram o caminho para a sua resolução. No decorrer da aula, fui solicitando que alguns alunos fizessem as situações problemáticas no quadro.

Posteriormente à minha aula, a professora Margarida introduziu o tema complemento circunstancial de tempo. Para tal, a professora, dialogou com as crianças, obtendo assim, uma definição do mesmo. No continuar da aula, a docente, escreveu, no quadro da sala de aula, certas frases e pediu a alguns alunos para identificarem o devido complemento.

Inferências

Após a entrega das fichas foi possível observar que nem todos os alunos estavam a perceber os exercícios ou situações problemáticas. Neste contexto, é importante referir a diferença entre estes, tal como referem Ponte e Serrazina (2000, p.52), que afirmam que só é uma situação problemática “para um dado aluno, se ele não tiver uma forma de obter rapidamente uma solução num único passo. Se ele tiver uma maneira de realizar rapidamente uma solução, não estará perante um problema

mas sim um exercício”. Existem determinadas etapas na resolução de problemas, que eu procurei seguir, tal como mencionam Ponte e Serrazina (2000, p.53), citando Pólya (1975): “i) *Compreender* o problema; ii) *Conceber* um plano de resolução; iii) *Executar* o plano; iv) *Refletir* sobre o trabalho realizado”. Após a reflexão, os alunos demonstraram que tinham percebido os problemas, pois as respostas finais, ao mesmo, eram as pretendidas.

Segunda-feira, 22 de novembro

Neste dia lecionei a aula com o supervisionamento das professoras da prática pedagógica.

No primeiro tempo da manhã entreguei aos alunos um texto, que retirei da net, sobre o Pi e a sua descoberta. Realizei a leitura modelo e solicitei-a também aos meninos. Aproveitando o texto, elaborei um conjunto de perguntas dirigidas sobre a interpretação do mesmo. Coloquei ainda questões visando a análise gramatical. No final da aula de Língua Portuguesa, escrevi uma frase no quadro e pedi a alguns alunos para concretizarem a análise sintática da mesma.

Na aula de Estudo do Meio os alunos visualizaram, através de um *powerpoint*, a árvore genealógica de D. Afonso Henriques. No encadeamento da aula propus aos alunos a sua interpretação e a simbologia utilizada.

Na área de Matemática elaborei um conjunto de questões de modo a relembrar a diferença de círculo e circunferência. De seguida entreguei a cada aluno quatro fios de lã equivalentes ao diâmetro de uma circunferência previamente desenhada. Os alunos colaram sobre a linha da circunferência fios de lã (até a preencherem). Posteriormente questionei o que poderia representar este número de fios e os alunos foram concluindo que era o valor aproximado de Pi.

Inferências

Hoje em dia, como refere Serrazina (2002, p.9), “sabe-se que os alunos constroem activamente o seu conhecimento”, não sendo, de todo, possível ensinar através da “transmissão do conhecimento por parte do professor, mas sim num modelo onde a investigação, a construção e a comunicação entre os alunos são a palavra-chave”. As crianças ao investigarem e experimentarem, como aconteceu na aula de Matemática, mais facilmente podem adquirir conhecimentos e aprendizagens. Como referem Abrantes, Ponte e Matos (1998, p. 320), a aprendizagem da Matemática está relacionada com “a capacidade de lidar com novas situações, incluindo a exploração e investigação de situações, a formulação e testagem de conjecturas”.

Terça-feira, 23 de novembro

Nesta aula a professora Margarida solicitou-me que consolidasse a aula de Matemática anteriormente lecionada.

Inferências

Para desenvolver o que me tinha sido proposto, solicitei aos alunos que recordassem o que tinha sido lecionado na aula anterior, posteriormente, apliquei alguns exercícios que incidiram sobre a investigação efetuada, também na aula anterior, alcançando um dos pressupostos que, é referido no programa de Matemática do Ministério da Educação (2007, p.8), “o aluno deve ter diversos tipos de experiências Matemáticas, nomeadamente resolvendo problemas, realizando actividades de investigação, desenvolvendo projectos, participando em jogos e ainda resolvendo exercícios que proporcionem uma prática compreensiva de procedimentos”.

Sexta-feira, 26 de novembro

No início desta manhã a professora Margarida pediu à Sofia a explicação e realização de alguns exercícios de uma ficha formativa de Matemática que incidia sobre diferentes tipos de situações problemáticas.

Inferências

Com este tipo de atividades os alunos além de exercitarem os exercícios propostos devem compreendê-los. É interessante, o professor aproveitar estes exercícios para avaliar de forma a diagnosticar os erros e progressos dos alunos pois, como refere Hadji (1994, p.65), “a avaliação formativa tem um objectivo «diagnóstico» (...) serv[indo] para guiar”. Assim o professor além de ter mais um elemento avaliativo preocupa-se com as dificuldades dos seus alunos para posteriormente as colmatar.

1.2. 2.ª Secção

Período de estágio: de 29 de novembro de 2010 a 11 de fevereiro de 2011

Faixa etária: 9/11 anos

Ano: 4º ano

Turma: A

Professora cooperante: Filipa

1.2.1. Caracterização da turma

A turma do 4º ano A é constituída por 25 alunos; 12 elementos do sexo feminino e 13 elementos do sexo masculino. No quadro 5 apresenta-se o horário da turma.

Quadro 5 — Horário da turma do 4.º ano A

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m 11h30m	Tempo de jogos				
11h30m 13h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	Almoço/recreio				
14h30m 15h30m	História de Portugal	Clube de Ciências	Inf./Biblioteca	História de Portugal	Estudo do Meio
15h30m 16h30m	Música	Inglês	Expressões Plásticas	Estudo do Meio	Ed. Física
16h30m 17h00m	Orquestra	Assembleia	Expressões Plásticas	Estudo do Meio	História de Portugal
17h00m	Lanche				

1.2.2. Relatos diários

Segunda-feira, 29 de novembro de 2010

Neste dia, a pedido da professora Filipa auxiliámos a preparar os cenários para a festa de natal. Esta atividade realizou-se, continuamente, até ao término das aulas, antes das férias letivas dos alunos, vindo os pais à escola para verem os seus filhos a representarem.

Inferências

Sabe-se hoje que é de extrema importância haver uma relação próxima entre a escola e os pais com o intuito de originar um maior aproveitamento das crianças na escola. Davies (1989, p.38) refere que, o envolvimento dos pais está intimamente ligado ao “desenvolvimento da criança e ao sucesso académico e social dos alunos na escola”. Uma das estratégias que a escola possui para o envolvimento dos pais são as festas, para além de outros, como menciona o mesmo autor, “a maior parte [dos pais] leva e traz as crianças ao jardim de infância, estabelece contactos com os educadores, espreita as salas, vai ocasionalmente a reuniões e festas no jardim e recebe mensagens dos progressos e problemas da criança”, o autor indica que, a maioria dos pais de alunos do jardim de infância têm uma postura “positiva acerca do tipo e frequência de contactos com o jardim” (p.61). A festa de natal tem um efeito dinamizador, motivacional e socializador.

Segunda-feira, 3 de janeiro de 2011

A docente principiou esta manhã de aulas dialogando com os alunos sobre as férias letivas tendo as crianças referido os seus passatempos durante o mesmo. No seguimento, a professora Filipa pediu que as crianças escrevessem quais tinham sido “o melhor cheirinho”, “o melhor sabor”, “o melhor som”, “o melhor presente”, “a melhor companhia” e “a melhor sensação” durante o natal.

No final da manhã, a professora começou com a correção dos trabalhos de férias, apercebendo-se que algumas crianças não os efetuaram.

Inferências

As sensações devem ser faladas e abordadas em sala de aula, pois todos nós sentimos e aprendemos de maneira diferente e, como refere Vigotski (2001, p.146), “o aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade”. Uma das maneiras para abordarmos as sensações são as brincadeiras das crianças pois, como menciona o mesmo autor, “a brincadeira da criança é sempre emocional, desperta nela sentimentos fortes e nítidos, mas ensina[-a] a seguir cegamente as emoções, a combiná-las com as regras do jogo e o seu objetivo final”, deste modo a professora para explorar/trabalhar as emoções pode transformar o texto trabalhado na sala de aula, num jogo.

Terça-feira, 4 de janeiro de 2011

Nesta manhã, a minha colega de estágio Sofia lecionou a aula que foi assistida por duas coordenadoras da Prática Pedagógica e pela professora cooperante. Na área de Língua Portuguesa, a Sofia efetuou a leitura modelo de um texto escrito pela mesma a partir das imagens do álbum *Onda*, de Suzy Lee, que foi evidenciando aquando da leitura. A Sofia, Neste texto, redigiu alguns determinantes indefinidos para, posteriormente, introduzi-los na aula.

Na área de Estudo do Meio, a Sofia, com a ajuda de uma maquete, simulou a força gravítica que é exercida pela Lua sobre a Terra, evidenciando o fenómeno das marés. Posteriormente entregou a cada aluno um exemplar, com o qual, estes comprovaram o que já havia sido demonstrado pela estagiária.

No final da aula e já na área de Matemática, a Sofia introduziu o tema raiz quadrada. Para tal, solicitou aos alunos que realizassem um exercício sobre os quadrados perfeitos. De seguida, evidenciou em *powerpoint* uma história de Leonardo de Pisa que narrava o significado da raiz quadrada. No término, distribuiu pelos alunos

um símbolo de raiz quadrada e solicitou que nesta representassem um quadrado perfeito.

Inferências

A prática profissional visa a construção da pedagogia e do saber do aluno/estagiário e ao realizarmos no final das aulas a reflexão das mesmas “crescemos” enquanto futuros profissionais. Este aspeto vem ao encontro do que Alarcão e Roldão (2008, p.54) referem, “o supervisor é *«alguém que se preocupa em me ajudar a crescer como professor»*, alguém que proporciona *«aos seus alunos ambientes formativos estimuladores de um saber didático»*, alguém que *«sabe abanar quando é preciso»* (...). O professor orientador, tece comentários, dá o *feedback* e exprime as suas ideias, de forma a, como cita o mesmo autor, “apoiar e regular o processo formativo”, preparando, desta forma, para: i) “a actuação em situações complexas;” ii) “a observação crítica;” iii) “a problematização e a pesquisa;” iv) “o diálogo;” v) “a experiencição de diferentes papéis;” vi) “o relacionamento plural e multifacetado;” vii) “o autoconhecimento relativo a saberes e práticas”, daí a importância dessas reuniões e da respetiva reflexão.

Sexta-feira, 7 de janeiro de 2011

Neste dia a professora Filipa continuou a correção dos trabalhos de casa para as férias de natal.

Na área de Matemática a docente entregou uma ficha de situações problemáticas referente a frações. Finalizadas as atividades propostas os alunos corrigiram as fichas, utilizando o quadro.

Inferências

A professora pediu que, durante as férias, os alunos realizassem alguns exercícios. Todos os temas que foram enviados para casa já tinham sido abordados em sala de aula e o principal propósito destes foi a exercitação de alguns conteúdos. Como refere Meirieu (1998, p.14), é de extrema importância que os alunos não resolvam em casa o que não foi lecionado em sala de aula, indicando também que, “mais vale fazer melhor do que mais, que uma escola que se quer ao serviço de todos não pode deixar o sucesso dos seus alunos à mercê da sua história pessoal e da ajuda que os pais lhes possam dar”. O professor deverá aproveitar os trabalhos de casa como complemento mas, nunca poderá descurar a respetiva explicação e pedir que os alunos descubram, sem o apoio do mesmo, e sempre que solicitado, soluções do que não sabem.

A docente ao solicitar a resolução das situações problemáticas por parte dos alunos na sala de aula proporcionou momentos de partilha entre pares pois, como refere Fernandes (1994, p.60), “os alunos, ao colocarem em comum os seus processos intelectuais, ao aprenderem com os seus próprios raciocínios e com os dos outros, incorporam novas formas de pensar e de integrar a informação”.

Segunda-feira, 10 de janeiro de 2011

Neste dia a professora solicitou a continuação da correção dos trabalhos realizados no dia anterior.

Os alunos na área de Estudo do Meio abriram os manuais de História de Portugal e realizaram a leitura e interpretação de alguns textos.

Inferências

Os professores podem e devem aproveitar os recursos disponíveis para o ensino, a docente quando utilizou o manual escolar recorreu-se a um material didático e pedagógico, auxiliando-a no ensino de uma determinada temática que de acordo com a Lei n.º 47/2006 (artigo n.º3) o manual escolar é:

o recurso didático-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o secundário, apresentando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de actividades didáticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor.

É importante referir que os manuais escolares satisfazem o programa nacional, e estão sujeitos a avaliações constantes, por parte de uma comissão de acompanhamento, como indica a Lei n.º 47/2006 (artigo n.º26), “para o acompanhamento de todas as matérias relativas aos manuais escolares, designadamente do sistema de adopção, avaliação e certificação regulado pela presente lei, é constituída uma comissão de acompanhamento dos manuais”, então, o professor deverá aproveitar um material (não negligenciando outros) que foi selecionado entre vários.

Terça-feira, 11 de janeiro de 2011

Nesta manhã a professora Filipa principiou por solicitar aos alunos a resolução de alguns exercícios de Matemática. Estes incidiam em todas as operações com números decimais, em representações gráficas e equivalências de frações.

Na área de Língua Portuguesa, a professora solicitou que os meninos lessem o texto “Pedro Malasartes e as senhoras do manto negro” (parte 2), de João Pedro

Mésseder. Através do diálogo com a turma, a professora concretizou a interpretação do mesmo. No final pediu que os alunos conjugassem o verbo “decidir” no modo indicativo, em todos os tempos, no modo condicional, no tempo presente e no modo imperativo, no tempo presente.

Inferências

A docente ao pedir, na ficha de Matemática, para os alunos realizarem operações com números decimais cumpre um dos preceitos pedidos na área de Matemática, como é citado no programa de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2007, p.19), os alunos devem “adicionar, subtrair, multiplicar e dividir com números racionais não negativos na representação decimal”. Uma das indicações pedidas, no mesmo programa, e que a professora implementou, foi “trabalhar as operações a partir do quotidiano” (p.19). No entanto, e não tendo visto aulas anteriores referente ao mesmo tema, a estratégia adotada poderia ter sido outra, como é sugerido no mesmo programa, a docente devia “valorizar o cálculo mental. Por exemplo, para calcular $15 - 0,5$ não é necessário utilizar um algoritmo” (p.19), o que não foi efetuado.

Sexta-feira, 14 de janeiro de 2011

Na primeira parte da manhã os alunos do 4.º ano de escolaridade realizaram uma simulação da prova de aferição de Matemática, com o objetivo de se prepararem para a prova final.

No intervalo a professora solicitou-nos que ficássemos a observar os meninos enquanto esta ajudava os técnicos de instalação do quadro interativo.

Inferências

O objetivo das provas de aferição, como indica o Despacho n.º 5437/2000, é “medir o grau de cumprimento dos objectivos essenciais, definidos a nível nacional, para cada ciclo do ensino básico, com o propósito de contribuir para a tomada de decisões no sentido de melhorar a qualidade das aprendizagens”. Deste modo, o professor e a escola deverão refletir sobre o seu desempenho e a aprendizagem dos seus alunos.

Segunda-feira, 17 de janeiro de 2011

Nesta aula, a professora principiou por corrigir os trabalhos de casa de Matemática. Posteriormente entregou aos alunos uma ficha formativa, com situações problemáticas relativas a divisão, combinações, quádruplo e áreas, para estes a resolverem. No final, efetuou a correção dos mesmos, chamando alguns meninos, individualmente, ao quadro.

Na área de Língua Portuguesa, a professora realizou a leitura de um texto intitulado “A carta misteriosa...” de Isabel Stilwell e solicitou aos alunos uma atividade de expressão escrita, os quais, tinham de redigir uma carta para uma das personagens do texto.

Inferências

Se observarmos o programa de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico, verificamos que a professora foi ao encontro do mesmo, quando proporcionou a resolução de situações problemáticas referentes a áreas. Como refere o programa (2007, p.25), o aluno deverá “resolver problemas relacionando perímetro e área; compreender e utilizar as fórmulas para calcular a área do quadrado e do retângulo”. No entanto, o mesmo programa sugere também uma promoção da “utilização do geoplano, tangram e pentaminós para investigar o perímetro de figuras com a mesma área e a área de figuras com o mesmo perímetro” (p.25), o que não foi realizado. Deste modo os alunos podem verificar esses conteúdos, proporcionando um momento de contato com os materiais, de modo a manipular, experimentar e aprender de maneira diferente.

Terça-feira, 18 de janeiro de 2011

A Sofia, nesta manhã de aulas, começou por, na área de Língua Portuguesa, distribuir um texto intitulado *A Fada Oriana*, de Sophia De Mello Breyner-Andersen. Posteriormente, realizou a leitura modelo seguida da leitura individual dos meninos. Finalizadas as leituras, a Sofia efetuou, oralmente, algumas perguntas de interpretação e de análise morfológica. No final e auxiliando-se do quadro interativo, a estagiária, solicitou a análise sintática de uma frase.

Na área de Estudo do Meio, a Sofia realizou uma experiência relativa às diferentes fases da água, para tal, perante uma placa de aquecimento e de um recipiente transparente com água evidenciou o processo de condensação e evaporação, referindo, ao mesmo tempo, os locais onde estes acontecem. Posteriormente e através de um cubo de gelo colocado na mão de uma criança, demonstrou o processo de fusão. No final, evidenciou, através de um esquema apresentado no quadro interativo, as passagens das fases da água.

No fim da manhã e já na área de Matemática, a estagiária recordou o conceito de quadrados perfeitos, lecionados na aula anterior, através de alguns exercícios orais. Perante um *powerpoint* e sintetizadamente, abordou novamente o conceito de raiz quadrada. De seguida, incitou as crianças a efetuar a raiz quadrada de quadrados perfeitos.

Inferências

A Sofia ao praticar uma leitura modelo e solicitando que os alunos lessem individualmente foi ao encontro do Programa Nacional de Língua Portuguesa pois, como é citado no Programa (2008, p.14), as aulas de Língua Portuguesa deverão atingir “um conjunto de metas que, em geral, contemplam aspectos essenciais da utilização da língua: a compreensão de discurso, as interações verbais, a leitura como actividade corrente e crítica (...)”. No mesmo programa e ainda no campo da leitura podemos verificar que os alunos dos 3.º e 4.º anos têm de “Ler para formular apreciações de textos variados, emitindo opiniões e assumindo posições críticas” (p.24).

Sexta- feira, 21 de janeiro de 2011

Neste dia lecionei a aula de manhã inteira.

Na área de Língua Portuguesa, entreguei aos alunos um texto referente ao ciclo da água, realizei a leitura modelo e solicitei que os meninos lessem o texto. Posteriormente, coloquei questões de interpretação e os meninos efetuaram a análise morfológica e sintática de algumas palavras e frases.

Em Estudo do Meio, e aproveitando a interpretação do texto, os meninos completaram um esquema, na oralidade, referente ao ciclo da água.

Os meninos, através de um material não estruturado, os meninos verificaram a forma para achar a área do círculo. Posteriormente, na área de Matemática visionaram um programa (Geogebra) que confirmava a mesma situação. No final da aula, realizei situações problemáticas sobre o tema.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa, ao pedir que os meninos lessem um texto informativo com o objetivo de descodificar a sua mensagem, através de perguntas dirigidas, cumpri um dos pressupostos da leitura, como refere o Programa Nacional de português (2008, p.24), o aluno deve “ler com fluência textos de diferentes tipos e em suportes variados para obter informação e organizar conhecimento (por iniciativa própria e por indicação do professor)”.

Na aula de Matemática os alunos utilizaram um material não estruturado em que experimentaram, investigaram, vivenciaram e retiraram relações pois, tal como refere Caldeira (2009, p.12), “a utilização de materiais manipulativos, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo, desmistificando a conotação negativa que se atribui à Matemática”.

Segunda-feira, 24 de janeiro de 2011

Neste dia, a professora Filipa introduziu a temática do Presente do modo Conjuntivo e perante uma ficha informativa evidenciou duas palavras, desejo e possibilidade, que auxiliam a conjugação neste tempo e modo. Posteriormente solicitou a elaboração de alguns exercícios, nos quais, os alunos conjugaram alguns verbos no tempo e modo trabalhado.

Na aula de Matemática os meninos realizaram exercícios de divisão. Cada vez que um aluno acabava o exercício ajudava o seu colega.

Inferências

Apesar de os alunos já saberem realizar a divisão têm de treiná-la, assim como qualquer outro saber, a professora ao solicitar que os alunos praticassem a divisão realizou um dos passos de aprendizagem que passa por várias fases, como refere Lebrun (2008, p.203), o “processo de aprendizagem dever[á] começar por uma fase de prática (a contextualização) (...), seguida de uma fase de teoria ou estruturação (a descontextualização), seguida, ela própria, de uma fase de recontextualização (voltar a pôr em prática e testar a teoria)”.

Terça-feira, 25 de janeiro de 2011

Como planeado a Ana realizou na área de Língua Portuguesa a aula do Futuro do Conjuntivo, na Matemática o volume e em História de Portugal o rei D. Filipe II.

Através de uma ficha informativa que a Ana distribuiu pela turma, enunciou como se conjugam os verbos no modo e tempo pretendidos. Pediu a diversos alunos para conjugarem alguns verbos que tinha escrito no quadro interativo. No final da aula de Língua Portuguesa realizou um jogo com um novelo de lã. Neste jogo o aluno que tinha o novelo de lã devia criar uma frase conjugando o verbo da mesma no futuro do conjuntivo; de seguida o aluno atirava o novelo para outro menino que fazia o mesmo exercício, repetindo-se este exercício até ao término da aula.

Iniciada a aula de Matemática, entregou a cada aluno um saco cheio de cubos em esferovite. Aproveitando-se do material a Ana lembrou o conceito de sólido geométrico. De seguida construiu uma figura e pediu que os alunos a fizessem com os seus cubos. Utilizando os mesmos da figura anterior incitou a construção de outra figura, revendo deste modo o conceito de equivalência. No final lembrou as unidades de volume e solicitou que os alunos realizassem algumas conversões, através de algarismos móveis.

Em História de Portugal vestiu-se de rei D. Filipe II e contou a vida e obra do mesmo na primeira pessoa. Finalizada a aula entregou um crucigrama para os meninos preencherem o mesmo, através dos conhecimentos adquiridos.

Inferências

A Sofia quando solicitou que as crianças efetuassem o jogo do novelo conseguiu adaptar, estrategicamente, um conteúdo a uma atividade lúdica de extrema importância pois, nestas idades tudo é um jogo, como menciona Chateau (1975, p.16), para a criança, “quase toda a actividade é jogo, e é pelo jogo que ela descobre e antecipa as condutas superiores”. Deste modo as crianças assimilaram um conteúdo através de uma atividade que para elas é natural.

Sexta-feira, 28 de janeiro de 2011

Neste dia em Língua Portuguesa introduzi o pretérito imperfeito do modo conjuntivo, para tal distribui uma ficha informativa que continha a explicação da conjugação dos verbos no tempo e modo indicados. Houve uma breve leitura da ficha e no final da aula os alunos exercitaram os conteúdos abordados.

Em Estudo do Meio realizei uma pequena encenação fazendo-me passar pelo rei D. Filipe III. Nesta encenação expus a vida do mesmo, o desagrado do povo e interagi com a turma de forma a relatar os acontecimentos mais significativos da época.

Inferências

A representação de fatos históricos, através de uma pequena dramatização, oferece aos alunos uma diferente forma de contatar com a história, fugindo deste modo aos manuais escolares, como menciona Melo (2005, p.13) a dramatização pode ser abordada “como ferramenta ao serviço de outros propósitos exteriores às próprias Artes. É nesta acepção que algumas áreas de intervenção e de ensino têm utilizado esta ou aquela expressão artística”. No entanto, os alunos deviam ter pesquisado, investigado e participado mais ativamente na construção e execução da dramatização pois, como refere a mesma autora, a finalidade das dramatizações é oferecer “aos alunos trajectos didácticos onde as diferentes Expressões Artísticas sejam mobilizadas criando situações onde os cinco processos básicos de qualquer modelo de educação artística estejam presentes: explorar, criar, apresentar, fruir e avaliar” (p.75).

Segunda-feira, 31 de janeiro de 2011

A professora iniciou a aula corrigindo os trabalhos de casa. A docente, terminada a correção, solicitou que fizesse a consolidação dos conteúdos lecionados

no dia anterior: conjugação dos verbos no pretérito imperfeito do modo conjuntivo. Para tal utilizei alguns verbos do poema trabalhado na véspera e solicitei que os alunos colocassem os mesmos no tempo pretendido.

Inferências

O ensino da gramática é de extrema importância para o entendimento da língua materna. Deste modo, a gramática, como refere Duarte (2000, p.51), “deve descrever, de uma forma sistemática, explícita, rigorosa e, de preferência, psicologicamente realista, o conhecimento que os falantes têm da sua língua”. Os alunos exploraram os seus conhecimentos perante uma atividade inesperada. O papel do professor é, de acordo com o mesmo autor, “dar aos alunos a oportunidade de treinar, noutras actividades, o conhecimento entretanto adquirido” (p.56).

Sexta-feira, 4 de fevereiro de 2011

A professora realizou a leitura de um texto do livro de apoio de Língua Portuguesa. Posteriormente solicitou que alguns alunos efetuassem a leitura do mesmo, duas crianças tiveram dificuldades em ler. A docente socorreu-se das regras da Cartilha Maternal João de Deus para corrigir os erros dos alunos.

Inferências

Através do texto desenvolvem-se outras atividades na sala de aula, como a leitura e a interpretação. É importante que se operacionalize a leitura do mesmo, através de uma leitura modelo e de uma leitura em voz alta por parte dos meninos. Souza (1993, p.14) refere que “o texto e a sua leitura assumem-se (...) como momento fundamental e fundamentante da disciplina”. A autora vai ainda mais longe quando menciona que “lê-se na aula para se aprender a ler e uma vez em contexto extra-escolar, o saber fazer” (p.15).

Segunda-feira, 7 de fevereiro de 2011

Neste dia a professora solicitou que os alunos realizassem exercícios de Matemática. No decorrer dos trabalhos houve um aluno que começou a chorar, a professora chamou-o à parte e conversou com ele.

Inferências

Na aula de Matemática o aluno não estava a conseguir realizar os exercícios propostos pela professora tendo começado a chorar. O professor deverá estar preparado para todas as situações como por exemplo esta, em que o aluno demonstra uma baixa autoestima e, melhorar a autoestima da criança pois, como referem André e Lelord (2000, p.42), “do ponto de vista psicológico, uma auto-estima elevada ajuda a

relativizar e a não se sentir *globalmente* diminuído por causa de *um único revés*". O docente para melhorar a autoestima de uma criança deve, como mencionam os mesmos autores, "escutar *regularmente* a criança quando fala do seu universo, mostrar interesse pelas suas actividades e os seus gostos, ser um modelo para a criança (...) (não se deixar ir abaixo com os fracassos...), ensinar-lhe a saber rir de si própria" (p.115).

Terça-feira, 8 de fevereiro de 2011

Neste dia a professora distribuiu uma ficha formativa com exercícios sobre toda a matéria desde o início do período. Posteriormente reviu as unidades de medida de capacidade realizando exercícios de conversões para as unidades de medida de volume. No final da manhã realizou a leitura de um excerto do texto do livro do Pinóquio.

Inferências

A escola deve funcionar como um promotor de leitura e criar leitores, a professora ao ler, durante todo o ano, sem pedir qualquer tipo de interpretação, questionário ou ficha de leitura do livro lido está a fomentar o gosto pelo livro, como refere Bastos (1999, p.287), os alunos em sala de aula devem ter um espaço de "momentos de leitura livre de questionários e outros constrangimentos avaliativos". A mesma autora também diz que "esta é uma atitude fundamental, para que o livro não acabe por adquirir a faceta de mera obrigação e exercício escolar, sobretudo nos casos em que também em casa não se fomenta a leitura de recreação" (p.287). É este género de leitura que, como mencionam Veloso e Riscado (2002, p.29), "bebida desde o nascimento em doses sabiamente ministradas, gera uma saudável dependência que dá à criança e ao adolescente a força e o engenho necessários para realizarem a leitura do mundo, base indispensável aos seus projectos de vida".

1.3. 3.ª Secção de estágio

Período de estágio: de 14 de fevereiro a 28 de abril

Faixa etária: 6/7 anos

Ano: 1.º ano

Turma: B

Professora cooperante: Isabel

1.3.1. Caracterização da turma

Esta turma é constituída por 26 alunos, 13 do sexo feminino e 13 do sexo masculino. De todos os alunos, um tem 7 anos e os restantes têm 6 anos.

A grande maioria destes alunos já se conhece desde os três anos pois, o percurso escolar destes foi efetuado neste Jardim-Escola. No quadro 6 apresenta-se o horário da turma.

Quadro 6 — Horário da turma do 1.º ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m 11h30m	Tempo de jogos				
11h30m 13h00m	Música	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	Almoço/recreio				
14h30m 15h30m	Matemática	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês
15h30m 16h30m	Estudo do Meio	Educação física	Estudo do Meio	Informática	Expressão plástica
16h30m 17h00m	Hora do conto	Hora do conto	Hora do conto	Hora do conto	Expressão plástica
17h00m	Lanche				

1.3.2. Relatos diários

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

Neste dia assisti à aula da colega Ana no 3.º ano. Ela lecionou uma aula assistida pela professora cooperante da sala e uma professora da Prática Pedagógica.

A Ana começou com a área de Matemática. Através de um *powerpoint* recordou a noção de triângulo e sua classificação. Explicou como se realiza a fórmula de cálculo do triângulo partindo da figura geométrica de um quadrado ou de um retângulo. No final entregou a cada aluno um triângulo em cartolina e solicitou que estes calculassem a sua área utilizando a fórmula explicada anteriormente.

Na área de Língua Portuguesa, a Ana solicitou a um menino que distribuísse pela turma o texto *Pedra de Hera* de António Mota. Realizou a leitura modelo e incitou alguns alunos a realizarem a leitura de excertos do texto. Aproveitando-se de algumas palavras do texto colocou questões dirigidas aos alunos sobre análise morfológica. Posteriormente escreveu no quadro uma frase e solicitou, a um menino, que efetuasse a análise sintática desta.

No final da manhã a Ana introduziu o tema de Estudo do Meio sobre tipos de folhas e seus constituintes. Evidenciou através de *powerpoint* imagens representativas de diferentes folhas (tipo, forma e recorte). No final entregou a cada aluno um envelope com uma folha e um cartão no qual os alunos preencheram o tipo de recorte, nervura e a forma do limbo.

Inferências

Na aula de Matemática a Ana ao abordar as medidas de área foi ao encontro do programa nacional de Matemática (2007, p.20), em que um dos “objectivos gerais da aprendizagem [é] compreender as grandezas dinheiro, comprimento, área, massa, capacidade, volume e tempo”.

Na aula de Estudo do Meio a Ana adotou a estratégia de mostrar e explorar imagens de várias folhas. No final entregou folhas pretendendo que os alunos as classificassem. As estratégias devem ser variadas pois a finalidade destas não deve ser a memorização dos conhecimentos mas sim a aprendizagem dos mesmos, como refere Oliveira (1991, p.132), “se apenas se fizer recurso à exposição oral e ao manual escolar, obter-se-ão provavelmente produtos de aprendizagem rotineiros, tornando-se a disciplina um corpo memorizado de conhecimentos”. Quando as crianças observam e manuseiam estão a aprender, como menciona a mesma autora, “a interação física com os objectos” é um fator envolvido no método de aprendizagem (p.137).

Terça-feira, 15 de fevereiro de 2011

Os alunos, solicitados pela professora Isabel, realizaram a leitura individual e a pedido da docente eu e a Sofia ajudámo-los nessa tarefa. Posteriormente foi entregue aos meninos um desenho que tinham de preencher com papéis coloridos previamente rasgados pelos mesmos.

Inferências

A professora realizou, nesta aula, exercícios de expressão plástica que tanto satisfazem as crianças. Para além da satisfação, como refere Sousa (2003, p.160), “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades”. As crianças gostam de experimentar e manusear diferentes tipos de materiais. A professora ao explorar esta atividade foi ao encontro de uma das necessidades das crianças, como menciona o mesmo autor, “desde muito pequena[s] que gosta[m] de mexer em água, areia, barro, tintas e de riscar um papel com um lápis” (p.160). Percebeu-se que os meninos gostaram do que fizeram e que imprimiram um cunho pessoal e sentimental do que estavam a fazer.

Sexta-feira, 18 de fevereiro de 2011

Neste dia, a professora entregou aos alunos uma ficha de resolução de exercícios de Matemática. Durante a elaboração da ficha, eu e a Sofia fomos

auxiliando os alunos nos exercícios que estes sentiam mais dificuldades (contagem de números) recorrendo às palhinhas.

Inferências

O professor em sala de aula, nestas idades, deve desenvolver nas crianças o sentido do número de modo a entenderem o significado do número, como refere Caldeira (2009, p.331), “a criança no jardim-de-infância desenvolve o sentido do número, isto é gradualmente vai tendo uma compreensão global e flexível dos números e das operações”. Um dos materiais que auxiliam o aluno nas contagens são as palhinhas, facilitando a aquisição de saberes necessários para a compreensão do sentido do número na criança de uma forma concreta, como refere a mesma autora, “as primeiras experiências de contagens devem estar associadas a objectos concretos, de forma a desenvolverem gradualmente o sentido do número” (p.331).

Segunda-feira, 14 de março de 2011

No início desta manhã a professora acompanhou a leitura individual de um aluno que, em dias anteriores, havia demonstrado dificuldades a ler. Posteriormente, a docente distribuiu pela turma uma ficha de expressão escrita. Os alunos escolheram, perante uma chave, as características que definissem o seu monstro. Para finalizar a atividade a turma selecionou algumas definições e realizaram um texto.

No final da manhã, a professora Isabel entregou aos alunos um geoplano e realizou a revisão das linhas.

Inferências

Através do material geoplano e, sendo este um material dinâmico no qual se pode concretizar e emendar espontaneamente, as crianças podem desenvolver variados conceitos matemáticos, como referem Matos e Serrazina (s.d. p.8), quando as crianças “experiment[am] a matematização através da manipulação de materiais não estamos apenas a fomentar uma actividade lúdica, mas estamos principalmente a criar situações que favorecem o desenvolvimento do pensamento abstracto”. Caldeira (2009, p.409) refere que, o geoplano “é excelente pela sua mobilidade e para as crianças desenvolverem problemas geométricos, registem no papel ponteadado, os seus desenhos, de forma a desenvolverem a sua destreza”.

Terça-feira, 15 de março de 2011

Este foi um dia destinado aos pais, que puderam assistir às aulas dos seus filhos.

A professora contou a fábula “A lebre e a Tartaruga”. Posteriormente, recorrendo-se das peças do tangram, construiu as figuras das duas personagens do texto. As crianças iam fazendo o mesmo à medida que a docente ia progredindo.

No final a professora entregou aos meninos uma folha com duas situações problemáticas sobre subtração e adição, que resolveram com o auxílio dos pais.

Inferências

É necessário referir e valorizar a importância de existirem dias dedicados aos pais. Nestes dias a família conhece as práticas e costumes das escolas «in loco». Também está provado, como menciona Marques (1988, p.9), que “quando as famílias participam na vida das escolas, quando os pais acompanham o trabalho dos filhos, estes têm melhores resultados do que colegas com idêntico *background*, mas cujos pais se mantêm afastados da escola”. Deste modo, a escola deverá, como foi feito, incentivar e encorajar a proximidade da família à escola.

Sexta-feira, 18 de março de 2011

Neste dia, na área de Língua Portuguesa lecionei os antónimos. Para tal distribuí pelos alunos cartões com uma frase incompleta. Metade da turma ficou com o início da frase e a outra metade com o fim, sendo estas antónimas. Os alunos leram um a um a sua frase e posteriormente tiveram de descobrir quem tinha a frase antónima a essa.

Na área de Matemática entreguei a cada aluno uma caixa do 5.º dom de Froebel. Posteriormente explorei as diferentes peças, interrogando os alunos sobre a unidade, a metade e a quarta parte. No final os alunos efetuaram uma situação problemática.

Em Estudo do Meio expus um vídeo sobre os movimentos da terra e coloquei questões do que tinha sido visionado. Através de uma maquete e de uma lanterna explorei os fenómenos do dia e da noite. Posteriormente chamei alguns alunos ao quadro para resumirem o que tinha sido apresentado. No final dialoguei com os alunos sobre as regras e postura a adotar em sala de aula.

Inferências

Em Língua Portuguesa decidi realizar um jogo adequado aos antónimos pois, os alunos aprendem com maior facilidade se o fizerem a «brincar». Barbeiro (1998, p.18) refere que, “algumas características do jogo potenciam a sua utilização no processo ensino-aprendizagem”. Quando as crianças descobriam qual era a frase antónima à sua evidenciavam uma grande satisfação. O mesmo autor menciona que, “o jogo desempenha (...) um papel importante desde a primeira infância, onde constitui

a forma dominante de actividade, através das condutas sensoriais-motoras reproduzidas por prazer funcional”.

Na área de Matemática o tema proposto pela professora foi a unidade, a metade e a quarta parte e, tal como referem Monteiro e Pinto (2007, p.15), “atendendo à riqueza de relações que estes números implicam, eles são considerados importantes no desenvolvimento de estruturas mentais necessárias ao crescimento intelectual dos alunos”. Optei por trabalhar o tema no concreto através do material estruturado 5.º Dom de Froebel. É preciso, como mencionam os mesmos autores, que a criança tenha “a noção de que uma fracção representa uma quantidade e que implica compreender a relação dessa parte com o todo” (p.16), com este material as crianças têm uma percepção do todo partido em metades e em quarta partes.

Devido ao comportamento pouco adequado da grande maioria dos alunos decidi parar a aula e através do diálogo recordei as regras de sala de aula

Segunda-feira, 21 de março de 2011

Neste dia realizou-se a reunião de prática pedagógica na ESE João de Deus.

Inferências

Partilhar e promover é fundamental na educação. A escola é um local que deve promover a partilha de informação, com o intuito de melhorar o formando para este estar preparado para o futuro.

É através das reuniões de prática profissional que são facultadas ao formando as suas avaliações, em que toma conhecimento de como está a atuar, como pode melhorar, Alves (2002, p.138) menciona que “à escola caberá, então, interrogar-se sobre os saberes indispensáveis ao exercício dessa actividade profissional, e sobre a melhor forma de transmitir e avaliar com eficácia esses saberes”. É numa perspetiva construtivista que se balizam estas reuniões de prática pedagógica, que são também importantes para podermos refletir sobre a mesma.

Terça-feira, 22 de março de 2011

Neste dia todas as turmas do 1.º ciclo realizaram uma ficha sumativa de Matemática.

No final das provas, apareceu por uma professora da prática pedagógica e pediu-me para realizar um jogo de “caça ao erro” com o auxílio da Cartilha Maternal. Posteriormente realizou-se uma reunião com todos os professores e estagiários para a reflexão das aulas surpresa.

Inferências

Eu fui surpreendido pela professora da prática e ao utilizar a estratégia de «caça ao erro» observei que as crianças apreciaram e participaram com interesse. Aprender jogando tem a finalidade de, como refere Barbeiro (1998, p.19), obter “ganhos para a aprendizagem”. O jogo pode ser um promotor de competição e de cooperação sendo que, como menciona o mesmo autor, a competição funciona como um estímulo para atingir um fim e a cooperação “promove a sociabilidade, a valorização dos contributos individuais para a realização de objectivos comuns” (pp. 19-20).

A leitura não pode ser um ato mecânico, como menciona Mira (1995, p.11), “aprender a ler não pode ser um simples acto mecânico, mas um meio de aprender a raciocinar”. O método da Cartilha Maternal é o oposto aos métodos tradicionais, facilitando na aprendizagem da leitura. A mesma autora refere que, “é precisamente contra o tradicional método mecânico de ensino da leitura, pela soletração, desprovida de sentido e de reflexão, que João de Deus se posiciona” (p.12), e que nós praticamos nos Jardins-Escolas João de Deus.

Segunda-feira, 28 de março de 2011

Neste dia, a professora Isabel solicitou que um menino lesse a lição treinada em casa. No entanto a criança não quis ler e a docente requereu outro aluno para o fazer. No mesmo momento, eu e a Sofia auxiliávamos a leitura individual de outras crianças e para as corrigirmos utilizámos das regras da Cartilha Maternal.

No seguimento da aula, a professora iniciou as revisões para a ficha sumativa de Língua Portuguesa.

No final da manhã, os alunos dirigiram-se para o ginásio com o professor de música que lecionou a aula através de um jogo de reconhecimento de vozes.

Inferências

A música proporciona à criança, como menciona Sousa (2003, p.18), “o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade”. Deste modo, é de extrema importância existirem aulas de expressão musical, acompanhadas por um professor de música. Num primeiro contato, como refere o mesmo autor, a música serve como um fator de integração ao mundo atual. Posteriormente, “passar-se-á à utilização da música para expressar emoções e sentimentos, bem como para satisfazer as necessidades de criatividade” (p.19), tal como o autor supracitado.

Terça-feira, 29 de março de 2011

No princípio do dia, a mãe de um menino irrompeu pela sala de aula questionando a professora sobre o motivo de o seu filho ter sido agredido no dia anterior por outra criança. Seguidamente os meninos realizaram as provas de Língua Portuguesa.

Inferências

Sabe-se que a relação família-escola é de extrema importância tendo como finalidade, como referem Montadon e Perrenoud (2001, p.5), “a socialização da criança”. No entanto, como foi observado, através do comportamento daquela mãe, nem sempre é fácil criar laços de parceria com a família pois, como mencionam os mesmos autores, “a diversidade de concepções relativas à socialização, ao bem e à legitimidade desta ou daquela prática educativa, conduzem inevitavelmente a situações de tensão, e por vezes a conflitos graves, entre as famílias e a escola” (p.5). Existem variadas atitudes que a escola e professores poderão adotar para incentivar a aproximação dos pais à escola e contornar ou eliminar as “situações de tensão”, Montadon e Perrenoud (2001, p.23) citando Henripin (1976) referem que, a escola poderia “considerar os pais como verdadeiros parceiros” através desta conjectura, “os pais, sem pretenderem tornar-se profissionais do ensino ou da gestão da escola são não só consultados, como participam nas decisões” (p.23), o que estreita a relação escola — família.

Segunda-feira, 4 de abril de 2011

Nesta manhã, a professora entregou aos meninos uma ficha de expressão escrita. Esta ficha era composta por um labirinto no qual um coelho, uma minhoca e um chimpanzé tinham de encontrar o caminho até ao alimento. O coelho só podia andar nas casas –lh, a minhoca percorria as casas –nh e o chimpanzé caminhava nas casas –ch.

No final a professora entregou aos alunos caixas de Calculadores Multibásicos e solicitou que representassem treze unidades com o material. Os alunos não conseguiram realizar o exercício.

Inferências

Os Calculadores Multibásicos são um material que permite trabalhar diversos sistemas de numeração. De acordo com Damas et al. (2010, p.40), os “sistemas de numeração [são] associaç[ões] de unidades de determinada ordem para formar as unidades da ordem seguinte”. Para as crianças entenderem os sistemas de numeração devem exercitar diferentes sistemas até atingir o modelo de numeração na

base de dez. A ausência da exploração dos diferentes sistemas de numeração, por parte das crianças, pode, como referem as mesmas autoras, “provocar um acréscimo de dificuldades” (p.41). A professora deveria ter começado por trabalhar diferentes bases e posteriormente efetuado os exercícios que pretendia, na base dez.

Terça-feira, 5 de abril de 2011

Neste dia a Filipa Martins solicitou à professora para lecionar uma aula de Calculadores Multibásicos. Para a dar, elaborou um exercício de somas e subtrações perante uma situação problemática.

Após o intervalo, fomos abordados para ir assistir a uma aula surpresa da Mariana Schrek na sala do 4.º ano A, esta aula consistia na divisão com quatro algarismos no dividendo e três no divisor. No final, realizou-se uma reunião com as professoras e os estagiários, relativa às aulas observadas.

Inferências

A Matemática não deve ser lecionada, nos primeiros anos, de uma forma abstrata. No princípio tem de se formar com o concreto para posteriormente surgir o abstrato, como refere Nabais (s.d., p.6), “no decurso [da] observação e manipulação repetidas da realidade, no confronto e relação dos seus aspectos múltiplos, (...) surge, imperceptível e inevitavelmente a abstração, como meio de extrair da realidade o que é essencial”. Os calculadores multibásicos são uma ferramenta que auxiliam esta ponte entre o concreto e o abstrato facilitando as aprendizagens dos alunos que, como refere Dienes citado por Nabais (s.d., p.9), “os alunos aprendem as Matemáticas muito mais facilmente construindo os conceitos a partir da sua própria experiência real”.

A Mariana, perante a estratégia que adotou, conseguiu que os alunos entendessem a divisão com quatro algarismos no dividendo e três no divisor.

Sexta-feira, 8 de abril de 2011

Nesta manhã, a Sofia requereu à professora para realizar um ditado de uma frase do manual.

Mais tarde, a professora ausentou-se e solicitou-nos que auxiliássemos os alunos enquanto estes pintavam envelopes. Quando os alunos terminavam a tarefa permitimos que elaborassem desenhos livres. Eles solicitaram-nos a mudança dos seus lugares habituais e nós fizemos um compromisso para a disciplina da sala de aula.

Inferências

A educação pela arte não deve ser confundida com a expressão livre que foi o que os alunos realizaram quando pintaram os envelopes. Segundo Best (1996, p.111), “nesta acepção, significa ultrapassar progressivamente as técnicas e critérios de modo que, por exemplo, se possa distinguir o que é válido do que o não é (...)”. A arte não é nem deverá ser subjetiva, o professor deverá avaliar o trabalho dos seus alunos, senão, como refere o mesmo autor, “o professor (...) está sempre e necessariamente numa posição autocontraditória, uma vez que, ajudar os estudantes a aprender requer, necessariamente, o emprego de critérios objectivos sobre uma actividade particular” (p.112). Os alunos podem realizar desenhos livres no entanto, posteriormente, o professor deverá avaliar se os materiais foram bem manuseados, se o desenho apresenta alguma técnica específica...

O diálogo é uma das ferramentas que o professor possui para a resolução de problemas comportamentais na sala de aula. Como refere Amado (2001, p.172), “o professor, mais do que eliminar oposições, tenta integrá-las nos seus próprios objectivos, *apelando à participação, negociando (...)*”, quando negociámos as trocas de lugar tínhamos como finalidade o silêncio e a disciplina na sala de aula, o que aconteceu.

Segunda-feira, 11 de abril de 2011

Neste dia começou a época de Roulement.

O grupo de estágio juntou-se ao grupo de estágio do 1.º ano A. Nesta sala após o pedido da professora, cortámos e plastificámos letras móveis. Os alunos jogaram PlayStation e outros jogos, repetindo-se esta atividade durante a semana.

Quinta-feira, 28 de abril de 2011

Neste dia pedimos à professora para lecionarmos uma aula extra.

Ela aceitou o pedido e nós optámos por abordar o tema: características físicas e psicológicas de uma pessoa.

Distribuámos pelos alunos vários cartões com operações Matemáticas. Os cartões coincidiam dois a dois. Os alunos descobriam quem era o seu colega, através de cálculos. Posteriormente, através de bilhetes de identidade, tinham de escrever quatro características físicas e quatro características psicológicas do colega. No quadro estavam enumeradas algumas palavras elucidativas.

No final e já no salão os alunos procederam à leitura dos seus bilhetes e a turma adivinhava qual o menino ali retratado.

Inferências

Como estratégia para esta aula adotámos um jogo que serviu de motivação para as crianças, Platão citado por Savater (2006, p.106) refere que, as crianças “deverão ser ensinadas por meio de jogos, para assim acabarmos por conhecer melhor as inclinações naturais de cada uma delas”. De uma forma lúdica as crianças exercitaram o que era pretendido.

1.4. 4.ª Secção

Período de estágio: 28 de fevereiro a 4 de março de 2011

Faixa etária: 7/8 anos

Ano: 2.º ano

Turma: A

Professora cooperante: Catarina

1.4.1. Caracterização da escola

A Escola Internacional de Torres Vedras (E.I.T.V.) é uma instituição privada dirigida para o Pré-Escolar; 1º, 2º, 3º Ciclo e Ensino Secundário.

A E.I.T.V. tem como principais objetivos: proporcionar aos alunos uma educação internacional com preparação para a Universidade facultando uma base científica sólida para as suas vindouras carreiras; proporcionar aos alunos estrangeiros a possibilidade de continuar a sua educação em Portugal. A figura 4 ilustra a entrada da escola.



Figura 4 — *Escola Internacional de Torres Vedras*

A E.I.T.V. está aberta desde 15 de setembro de 2005, dispondo de 31 salas de aula, laboratórios de biologia e informática, pavilhão gimnodesportivo, balneários, anfiteatros, auditório, recreios cobertos e descobertos, cozinha, refeitório, bar, loja, papelaria, salas para serviços de psicologia, administrativos e comunidade docente.

1.4.2. Caracterização da turma

Esta turma é constituída por 14 alunos, 9 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. De todos os alunos, três têm 8 anos e os restantes têm 7 anos.

A grande maioria destes alunos já se conhece desde a pré-escolar pois, o percurso escolar destes foi efetuado nesta escola. No quadro 7 apresenta-se o horário da turma do 2.º ano B.

Quadro 7 — Horário da turma do 2.º ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
8h45m 9h00m	Receção	Receção	Receção	Receção	Receção
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Estudo do Meio	Matemática	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 10h30m	Lanche				
10h30m 12h00m	Matemática	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática
12h00m 13h15m	Almoço/recreio				
13h15m 14h30m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Língua Portuguesa
14h30m 16h00m	Inglês	Educação física	Estudo do Meio	Informática	Expressão plástica
16h00m 16h30m	Lanche/ saída				

1.4.3. Relatos diários

Segunda-feira, 28 de fevereiro de 2011

A professora no início da aula apresentou-me à turma e pediu que os alunos se apresentassem referindo o nome e um *hobby*.

Nesta aula ela solicitou que as crianças realizassem exercícios do manual de Matemática. No final, os alunos foram ao quadro corrigir os mesmos, com o auxílio da professora. Como alguns tiveram dificuldades quanto à leitura de números, a professora utilizou o Ábaco para a recordar/exercitar/explorar em sala de aula.

Inferências

A professora utilizou material, explorou e aproveitou os conhecimentos dos alunos realizando perguntas de forma a obter o que pretendia, de modo a que eles ultrapassassem as dificuldades tidas. Eles recordaram deste modo a leitura de números, de uma forma agradável, atuando como parte integrante da sua própria aprendizagem, como referem Boavida et al. (2008, p.37), “muitas teorias sobre o ensino e aprendizagem da Matemática, tendem a valorizar a natural motivação das

crianças e a sublinhar a importância de (...) serem agentes activos da sua própria aprendizagem”.

Terça-feira, 1 de março de 2011

Neste dia a professora solicitou que os alunos referissem as características dos mamíferos, répteis, peixes e aves. Ao longo da aula foram revendo todas as características dos animais supra citados tendo a professora completado o que os meninos iam dizendo.

Na aula de educação física o professor dividiu a turma em quatro grupos e elaborou um percurso de estafetas.

Inferências

É de extrema importância as escolas do ensino básico lecionarem a disciplina de educação física pois, como refere o programa nacional do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004, p.35), “os períodos críticos das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais situam-se até ao final do 1.º Ciclo. A falta de actividade apropriada traduz-se em carências frequentemente irremediáveis”. A partilha, o companheirismo e a socialização são conceitos desenvolvidos, com maior facilidade, nas aulas de educação física, como menciona o mesmo programa. Este atesta as “condições favoráveis ao desenvolvimento social da criança, principalmente pelas situações de interacção com os companheiros, inerentes às actividades (matérias) próprias da E. F. e aos respectivos processos de aprendizagem”(p.35).

Quarta-feira, 2 de março de 2011

Neste dia, a professora leu um texto do manual de português e posteriormente realizou as perguntas de interpretação. No decorrer da atividade a professora chamou a atenção dois meninos que estavam sempre a falar e não realizaram os exercícios propostos pelo professor.

Inferências

As regras em sala de aula têm de estar bem definidas e explicadas, assim como as consequências da não execução destas, desde o princípio do ano para, posteriormente, o professor podê-las aplicar. Como refere Curto (1998, p.20), “a questão das regras estabelecidas na sala de aula tem de ser convenientemente explicadas aos alunos e com eles discutida”, fazendo, deste modo, o aluno parte integrante do processo da criação de regras na sala de aula pois, como menciona Nascimento (2007, p.27), “para práticas disciplinares mais democráticas e autónomas, em que o aluno deverá ser progressivamente responsabilizado”. As regras, segundo

Amado (2001, p.99), são socializadoras com o objetivo de criar “«estruturas de pensamento» que permitam dar sentido às relações sociais” e reguladoras, “elas surgem como recursos práticos da «gestão da aula»”.

A docente criticou a atitude dos meninos e referiu que este tipo de comportamentos não eram aceites em sala de aula, pois não eram essas as regras estabelecidas.

Quinta-feira, 3 de março de 2011

Ao longo deste dia, os alunos ajudaram na elaboração dos fatos de carnaval. Já no fim do dia e terminada a tarefa, a docente entregou um desenho para colorir alusivo ao carnaval.

Inferências

A professora aproveitou esta aula para os alunos realizarem trabalhos manuais, completando assim os fatos de carnaval, desenvolvendo a motricidade e a socialização das crianças pois, estas partilhavam ideias entre pares. Segundo Reis (2003, p.164), “a criança quando cria pode aprender algo que não aprenderia por outro processo. Desta forma ela poderá obter um sentido objectivo da vida através da sua própria criatividade”, sendo que o sentido subjetivo “poderá ser obtido pelo sentido de comunhão que consiste num desejo que a criança tem de comungar com os outros, dando e recebendo algo”, e o objetivo foi conseguido.

Sexta-feira, 4 de março de 2011

No início da manhã ajudei os meninos a arranjarem-se para o desfile de carnaval que se realizou de manhã pela vila de Torres Vedras, tendo acompanhado os meninos ao longo de todo o curso.

Quando se regressou à escola foi realizado um concurso de máscaras com todas as crianças, tendo sido atribuídos prémios às melhores máscaras.

Inferências

As festas são momentos de grande importância na educação, pois as crianças partilham e interagem entre elas e com toda a comunidade educativa, tornando-se elementos de socialização. Aguera (2008, p.58) refere que, “as festas e celebrações constituem actos extra, nas quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande utilidade para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças”. Nos momentos de festa são postos de parte as avaliações, promovendo os laços afetivos entre os participantes, o que se verificou.

1.5. 5.ª Secção

Período de estágio: 2 de maio a 8 de julho de 2010

Faixa etária: 7 anos

Ano: 2.º ano

Turma: B

Professora cooperante: Anabela

1.5.1. Caracterização da turma

Esta turma é constituída por 24 alunos, 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Todos os meninos têm 7 anos. Nesta turma 22 alunos frequentam o Jardim-Escola desde os três anos e 2 alunos entraram aos 5 anos. No quadro 8 apresenta-se o horário da turma.

Quadro 8 — Horário da turma do 2.º ano B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00m 9h30m	Leitura				
9h30m 11h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h00m 11h40m	Recreio/higiene				
11h40m 12h50m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12h50m 14h30m	Higiene/almoço/recreio/higiene				
13h15m 14h30m	Língua Portuguesa	Educação física	Inglês	Matemática	Língua Portuguesa
15h30m 16h10m	Estudo do Meio	Matemática	Expressão plástica	Estudo do Meio	Informática/biblioteca
16h10m 17h00m	Música	Estudo do Meio	Expressão plástica	Estudo do Meio	Assembleia de turma
17h00m 17h15m	Higiene/lanche/saída				

1.5.2. Relatos diários

Segunda-feira, 2 de maio de 2011

Este dia foi ocupado pela aula programada da estagiária Talma.

Antes de começar a aula, incitados pela professora da sala, os alunos retiraram do cesto dos livros, um exemplar para lerem até às nove horas e trinta minutos.

No início da aula da Talma foi entregue às crianças uma ficha com um excerto de um texto de Maria Rosa Araújo intitulado *Maria na praia*, com lacunas precedentes de imagens. Os alunos tiveram de colocar as palavras que achavam melhor para cada tipo de imagem. Posteriormente, a Talma realizou a leitura do texto e análise morfológica de algumas palavras. Uma das palavras que pediu para classificar foi a

palavra “corras”, que estava inserida na seguinte frase: “— Não corras tanto, Maria!”, o aluno, em questão, não conseguiu responder e a estagiária pediu para conjugar o verbo “correr” no Presente do modo Indicativo.

De seguida, a Talma realizou, oralmente, questões de interpretação do texto presentes na ficha.

Com o tema de Estudo do Meio — segurança na praia — e de uma forma introdutória, a Talma principiou por debater com os alunos sobre quais as regras de segurança que se devem ter em conta quando se vai à praia, que tipos de bandeira existem, quais as funções do nadador-salvador, etc. Na sequência da aula, distribuiu às crianças uma ficha informativa com as regras de segurança que devem ser utilizadas nas praias, rios e piscinas.

No final, a estagiária realizou um jogo com vários reptos sobre o tema da aula, dividindo a turma em dois grupos.

Na aula de Matemática, que tinha como tema o volume, a Talma entregou aos alunos uma cartolina com a planificação de um cubo, tesoura e cola. Os alunos, posteriormente, recortaram, dobraram e colaram pelas dobras a mesma.

Inferências

Nesta secção optei por realizar as inferências todas no final da mesma pois, a metodologia, a prática e a didática da docente foi muito similar ao longo de toda a observação de estágio. As aulas que observei das colegas de estágio e as que preparei e realizei infiro-as no respetivo dia.

A Talma, utilizando o diálogo aberto, solicitou debate em sala de aula. Uma das características do professor é manter o discurso e a partilha de ideias, numa perspetiva normativa, entre a turma, como menciona Loureiro (2000, p.96), a sala de aula é “um espaço normativo dotado de uma série de regras cujo respeito permite aos interlocutores, alunos e professores, comunicar e alcançar metas definidas para as tarefas que desenvolvem”. Neste panorama, a Talma contribuiu para uma discussão de opiniões, aproveitando as ideias dos alunos, de uma maneira controlada.

Terça-feira, 3 de maio de 2011

No início do dia, a professora solicitou que os meninos se dirigissem ao cesto dos livros e seleccionassem um para ler.

A docente, depois de finalizadas as leituras, entregou aos alunos uma ficha informativa e formativa de Matemática sobre frações, representações gráficas das mesmas e o cálculo de volumes, no qual, um cubo representava uma unidade de medida de volume. Concretizada a ficha por parte das crianças, a professora valendo-

se de peças de “Leggo”, requereu que uma aluna construísse uma figura tridimensional, anteriormente realizada pela docente. No final, a professora Anabela efetuou, oralmente, a correção dos exercícios propostos.

Na segunda parte da aula, a docente iniciou a área de Língua Portuguesa escrevendo no quadro uma quadra intitulada de “Cidade do Penteado”. De seguida entregou aos alunos uma folha e solicitou que os mesmos redigissem uma quadra, contendo duas rimas cruzadas, do mesmo tema. Assim que as crianças terminavam, a docente corrigia, solicitando aos alunos que a rescrevessem noutra folha.

Sexta-feira, 6 de maio de 2011

Como prática corrente, a professora principiou a aula solicitando às crianças a leitura de um livro.

Terminadas as leituras, a docente começou a manhã de aulas com a área de Matemática, entregando aos alunos uma ficha formativa sobre o círculo e a circunferência, que requeria a identificação dos mesmos, do diâmetro, do raio e o cálculo do comprimento, através da régua, destes dois. O último exercício da ficha propunha representar e classificar um ângulo de 145° , com o transferidor.

No seguimento da manhã de aulas, a professora Anabela iniciou a área de Língua Portuguesa distribuindo pelos alunos uma ficha formativa sobre a conjugação dos verbos. Nesta ficha, a docente requeria que as crianças conjugassem o verbo “parar” no modo Indicativo e nos tempos verbais: Presente; Futuro; Pretérito Perfeito; Pretérito Imperfeito. O último exercício propunha que os meninos identificassem a forma verbal existente na seguinte frase: “Os três amigos estavam de férias” e depois o infinitivo do respetivo verbo.

Para finalizar a manhã de aulas, a professora pediu aos alunos a elaboração de um exercício caligráfico de um parágrafo de um texto, presente no manual escolar, redigindo depois o alfabeto maiúsculo.

Segunda-feira, 9 de maio de 2011

Neste dia, a professora entregou uma folha quadriculada às crianças e escreveu no quadro três situações problemáticas visando a resolução da subtração de números complexos e da multiplicação e divisão por dois algarismos. Posteriormente colou na folha uma ficha de cálculo sobre perímetros e áreas, na qual, uma quadrícula e um segmento de reta da mesma serviam de unidades de medida. A docente foi realizando, no quadro, os exercícios ao mesmo tempo que as crianças os executavam.

No término da manhã de aulas, a professora Anabela conferiu pelos alunos um texto intitulado “Um verdadeiro amigo”, de Lene Mayer-Skumanz, do qual realizou a leitura modelo e a avaliação de leitura individual.

Terça-feira, 10 de maio de 2011

No início desta manhã de aulas, a professora entregou aos meninos o texto lido na aula anterior e solicitou, que estes realizassem um exercício caligráfico, efetuando, de seguida, questões dirigidas de análise morfológica. Posteriormente, os alunos solicitados pela professora, escreveram o alfabeto minúsculo na folha de Língua Portuguesa.

Na segunda parte da manhã de aulas e já na área de Matemática, a docente distribuiu aos alunos uma folha quadriculada que continha a planta da sala de aula. Descreveu com as crianças, através do diálogo, a definição de “planta”, tendo as crianças copiado do quadro, a mesma. No final, os alunos mediram o perímetro da “planta” da sala de aula e calcularam a sua área.

Sexta-feira, 13 de maio de 2011

Neste dia, uma professora da Prática Pedagógica surpreendeu-me solicitando que eu trabalhasse com os alunos a leitura de números por classes e ordens e a multiplicação, utilizando o material estruturado *Cuisenaire*.

Terminada a aula surpresa, realizou-se a reunião com todas as professoras da Prática Pedagógica e das salas de aula onde decorreram essas aulas para que fossem discutidas as avaliações dos respetivos alunos do estágio profissional.

Inferências

Como já referi anteriormente os materiais são importantes no processo de ensino-aprendizagem das crianças. O material *Cuisenaire* tem um grande valor pedagógico, como menciona Caldeira (2009, p.126), “para além do desenvolvimento da lógica Matemática, o material *Cuisenaire* possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação”. É um material elaborado de propósito “como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos” (pp. 126-127). Deste modo a investigação é palpável e a criança atribui logo significados sobre o que fez e o que observou.

Segunda-feira, 16 de maio de 2011

Nesta manhã de aulas e conforme tinha sido agendado com a professora, ministrei a aula, na qual, na área de Língua Portuguesa, distribuí, pelas crianças, um

texto adaptado de “Os três porquinhos”, realizei a leitura modelo e solicitei que as crianças, individualmente, lessem um excerto do mesmo. Posteriormente, realizei perguntas dirigidas de interpretação e de análise gramatical.

Na área de Matemática, concedi, aos alunos, uma planta da sala de aula, com a escala real dos seus constituintes e referindo as características da mesma. Posteriormente apelei aos alunos para calcularem o perímetro das respetivas mesas, através da planta e que utilizassem a escala para verificarem o perímetro destas no tamanho real.

No término da manhã e na área de Estudo do Meio, apresentei um *powerpoint* referente ao mapa de Portugal, abordando, em conversa com os alunos, os diferentes tipos de habitação do país, os locais das mesmas, as características de cada uma e os materiais de construção. Ao mesmo tempo, fiz circular pelas crianças miniaturas das habitações que estavam a ser expostas em *powerpoint*.

Inferências

Na aula de Matemática os alunos colocaram em prática, operacionalizando, as escalas, trabalhando sempre o concreto e através de um mapa da sala de aula fidedigno. Foi uma estratégia que adotei, que vem ao encontro do que referem Ponte e Serrazina (2000, p.15), “cabe ao professor (...) planejar e realizar com os alunos experiências de aprendizagem diversificadas e estimulantes, organizar momentos de discussão e de reflexão, (...) e estabelecer uma atmosfera de aprendizagem”. Deste modo, os alunos verificaram e aplicaram, investigando, qual o tamanho da mesa através do mapa da sala.

Terça-feira, 17 de maio de 2011

Este dia foi dedicado à aula de manhã inteira da minha colega Sofia.

Na área de Língua Portuguesa, a Sofia distribuiu pelos alunos um texto adaptado, de um autor desconhecido, intitulado “A história das Moradias”, posteriormente realizou a leitura modelo e questões dirigidas de interpretação e análise gramatical. No seguimento da aula, entregou uma ficha, na qual, os alunos tiveram de escrever quatro palavras da área vocabular de “aldeia”.

Na área de Estudo do Meio, a estagiária, aproveitando o texto anterior, iniciou o tema das habitações do mundo. Subsequentemente, através do *powerpoint*, projetou diversas habitações do mundo, descrevendo as respetivas características e local onde se situavam no mundo. Posteriormente colocou no quadro um Mapa-mundo, conferindo aos meninos um mapa semelhante e um envelope com imagens autocolantes das habitações visionadas no *powerpoint*. As crianças colaram as

imagens no Mapa-Mundo no lugar correspondente. Por fim, deu a cada um a base de uma palhota, rafia e cola, com o intuito de edificarem esse tipo de habitação.

No final da manhã e na área de Matemática, a Sofia colocou no quadro um gráfico por concluir, que representava um pictograma. Após este primeiro passo, a estagiária pediu, com o seu auxílio, que os alunos fossem completando o gráfico utilizando as imagens das habitações. Para terminar a sua aula, a minha colega de estágio, entregou a cada aluno uma ficha e imagens autocolantes de pizzas inteiras, metades e quartos, com o objetivo destes produzirem um pictograma com base numa situação problemática.

Inferências

A Sofia após ter abordado o tema das habitações do mundo, ao solicitar que os meninos criassem uma palhota foi ao encontro do que referem Fabregat & Fabregat (1991, p.74), “uma vez concluído o núcleo de temas, deve existir uma programação de actividades que complementam o conteúdo dos mesmos e que proporcionem uma visão mais expedita e pessoal”. Assim, as crianças resumiram, através da elaboração da palhota, uma parte da aula, manuseando os materiais que a compõem. Esta foi uma aula ativa, como mencionam os mesmos autores, “a aula activa não é apenas o trabalho realizado pelos alunos durante a hora de aula, mas também a sua participação contínua e todas as fases que esta apresenta” (p.17), a Sofia deixou que os alunos contribuíssem para algumas das explicações e por fim permitiu que estes trabalhassem o que tinha sido argumentado.

Sexta-feira, 20 de maio de 2011

Neste dia, uma professora da Prática Pedagógica apareceu na aula e pediu que Sofia trabalhasse com os alunos a subtração com empréstimos, através do material estruturado “Calculadores Multibásicos”. Nesta aula a minha colega de estágio pediu aos alunos para colocarem na placa do aditivo um número inferior ao número da placa do subtrativo.

Finalizada esta aula, realizou-se a reunião com todas as professoras da Prática Pedagógica e as das salas de aula, para que fossem discutidas as aulas nessa manhã.

Inferências

A subtração é, como refere Palhares (2004) citado por Caldeira (2009, p.216), “a operação inversa da adição, já que na adição são dadas as parcelas e pretende-se conhecer a soma, enquanto que na subtração é conhecida a soma e uma das parcelas e pretendemos conhecer a outra parcela”.

A partilha de conhecimentos nas reuniões de prática pedagógica é de extrema importância. A Sofia cometeu alguns erros científicos e verificou e aprendeu com o erro que efetuou na aula. Através das reflexões com os professores da prática pedagógica. Assim pode existir uma formação ativa do futuro professor, tal como afirma Zeichner (1993, p.33), “a literatura mais recente sobre a formação de professores está repleta de descrições de projectos que procuram associar os professores *uns aos outros* nas suas meditações sobre a finalidade e as consequências do seu trabalho”.

Segunda-feira, 23 de maio de 2011

Neste dia decorreu a reunião com todos os alunos e professores, no museu da Escola Superior de Educação João de Deus, referente à Prática Pedagógica.

Inferências

A formação deverá ser abordada numa vertente de análise e meditação pois o professor ou futuro professor tem como dever pensar sobre o que fez e como pode melhorar. Como refere Nóvoa (1992, p.25), “a formação deve estimular uma perspectiva científico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada”. Estando o professor em aprendizagem ao longo da vida, este necessita de espaço e tempo para a construção da sua prática, como refere o mesmo autor, “a formação não se constrói por acumulação (...), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (p.25). Estas reuniões servem para o futuro professora crescer, ouvindo críticas sobre as suas práticas de orientadores com uma vasta experiência.

Terça-feira, 24 de maio de 2011

Nesta manhã de aulas, a Sofia, na área de Língua Portuguesa, elaborou um jogo que visava a leitura e interpretação de um texto e sua análise gramatical, auxiliando-se de cartões de cores diferentes. No princípio dividiu a turma em dois grupos, referiu as regras do jogo e que tipos de comportamento deveriam adotar. Por fim, norteou a atividade auxiliando-os sempre que surgissem dúvidas.

Na aula referente à área de Estudo do Meio, a estagiária forneceu vários tipos de materiais e um protocolo experimental a cada aluno sobre as propriedades dos materiais e objetos, no qual as crianças tinham de aplicar as experiências e posteriormente registar as observações e conclusões de algumas.

No final da manhã e na área de Matemática, a Sofia projetou em *powerpoint* a base de um gráfico de barras, prosseguindo com a explicação da sua construção e

respetivas regras. De seguida, entregou aos alunos uma folha quadriculada (1cmx1cm) e algumas peças do material estruturado *Cuisenaire*, para que os alunos construíssem um gráfico de barras com os resultados obtidos nas experiências de Estudo do Meio. No final, solicitou que as crianças pintassem as barras do gráfico com as cores e valores das peças desse material.

Inferências

Na área de Estudo do Meio, as conclusões das crianças feitas no protocolo do trabalho experimental conjecturavam diversas variáveis. O trabalho só é experimental quando, como referem Martins et al. (2007, p.36), “há manipulação de variáveis: variação provocada nos valores da variável independente em estudo, mediação dos valores alcançados pela variável dependente com ela relacionada, e controlo dos valores das outras variáveis independentes”. O trabalho experimental deve ser prático e procurar resposta a experimentações, deste modo, à medida que as crianças o realizavam, concluía o protocolo.

Sexta-feira, 27 de maio de 2011

Neste dia, a minha colega de estágio, Sofia, solicitou à professora da sala de aula que lhe possibilitasse a repetição da aula anterior. A professora concordou e a Sofia começou por distribuir a cada um dos meninos o material “Calculadores Multibásicos”. De seguida, realizou um ditado e solicitou, às crianças, que executassem a operação em questão (subtração com empréstimo). No final da aula, solicitou aos alunos a execução da prova real pela operação inversa, tendo pedido a uma aluna que fosse realizá-la ao quadro.

Inferências

Após ter refletido sobre a aula que errou cientificamente a Sofia solicitou que fosse ela a corrigir o erro voltando a lecionar na turma a mesma temática. Deste modo, a Sofia encarou, como menciona Gómez (1992, p.96), “os problemas concretos que encontr[ou] na prática”. Tentando aprender, ultrapassar o erro e resolver os problemas que derivaram do mesmo.

Segunda-feira, 30 de maio de 2011

Nesta manhã de aulas e conforme tinha sido agendado, com a professora Anabela, introduzi, na área de Matemática, o gráfico circular. Para tal, mostrei um gráfico circular em *powerpoint* evidenciando as suas características. Posteriormente, coloquei no quadro um exemplo, visível a toda a turma. Depois, distribui um mais pequeno a cada uma das crianças e entreguei a todos os alunos um “chupa-chupa”

colorido. De seguida, realizei questões dirigidas, mencionando as cores dos “chupa-chupas” e o menino a quem era efetuada a pergunta ia ao quadro representar no gráfico a quantidade de “chupa-chupas”, em que, os restantes alunos representavam nos seus gráficos. No final, entreguei uma ficha que contemplava situações problemáticas acerca do gráfico circular.

Na área de Língua Portuguesa, distribuí um texto adaptado de António Torrado intitulado “O pau de Fósforo”. Posteriormente realizei a leitura modelo. Depois pedi a alguns meninos a leitura de excertos do texto. Através de um jogo, semelhante ao jogo da “Glória”, produzido em *powerpoint* efetuei questões de interpretação e de análise gramatical do texto lido previamente.

Na parte final da manhã e na área de Estudo do Meio, os alunos executaram algumas experiências sobre os estados da água. Para tal coloquei perguntas dirigidas e posteriormente, perante um protocolo fornecido aos meninos, estes, realizaram experiências que comprovam que a temperatura transforma o estado físico da água.

Inferências

Os alunos têm um conhecimento prévio, não são «tábuas rasas», é importante identificar esse conhecimento e perceber se ele é rigoroso pois, como refere Moniz dos Santos (1998, p.173), “há (...) que ter em conta os conhecimentos prévios dos alunos e particularmente as suas concepções alternativas. São elas que, marcadamente, influenciam as observações e interpretações que fazem em sala de aula”. Deste modo, ao detetar as suas concepções o professor pode mudar e corrigir o pensamento da criança sempre que necessário e operar uma mudança conceptual. Para alterar as suas concepções os meninos realizaram várias experiências através de questões e problemas e debateram-se sobre as mesmas, passando por várias etapas, como refere Sá (2003):

No processo de aprendizagem experimental reflexiva as crianças: a) explicitam as suas ideias e modos de pensar sobre questões, problemas e fenómenos; b) argumentam e contra-argumentam entre si e com adulto quanto ao fundamento das suas ideias; c) submetem ideias e teorias pessoais à prova da evidência com recurso aos processos científicos; d) procedem a registos sistemáticos das suas observações e dados da evidência; e) avaliam criticamente o grau de conformidade das suas teorias, expectativas e previsões com as evidências; f) negociam as diferentes perspectivas pessoais sobre as evidências tendo em vista a construção de significados enriquecidos e partilhados pelo maior número de alunos (p.49).

No final da aula de Estudo do Meio os meninos compilaram uma sequência de fatos para obter a resposta aos problemas suscitados, deste modo e maioritariamente, mudaram as suas concepções e ideias pré-definidas.

Segunda-feira, 6 de junho de 2011

Nesta manhã, uma professora da Prática Pedagógica pediu à Sofia que tornasse a lecionar a subtração com empréstimo, servindo-se do material estruturado “Calculadores Multibásicos”. Cada aluno recebeu duas caixas. A Sofia fez o ditado das placas e, posteriormente realizou, em conjunto com a turma, a operação de subtração com empréstimo.

Inferências

A Sofia voltou a abordar a subtração e conseguiu atingir sucesso da aula pois, teve em atenção o material didático que estava a ser aplicado, colocando perguntas sobre a atividade que guiaram os alunos para diferentes raciocínios o que, como refere Caldeira (2009, p.217), “é importante trabalhar com as crianças os três conceitos de subtração. A forma como a pergunta é feita induz ao raciocínio para achar o resto, o excesso ou a diferença entre dois valores diferentes”.

Terça-feira, 7 de junho de 2011

Neste dia assisti às aulas surpresa de três colegas, enquanto os alunos da sala da professora Anabela efetuaram a prova de aferição de Matemática.

À Sónia, que estava na turma do 3.º ano, foi solicitado que lecionasse a leitura de números até à classe dos milhares de milhão, auxiliando-se do material *Cuisenaire*. A colega ditou as peças enquanto os alunos iam colocando as respetivas peças. Posteriormente, perante perguntas dirigidas, os meninos tiveram de realizar a leitura de números, assim como, identificar os valores relativos e absolutos de cada número

Na sala do 4.º ano foi pedido ao João a utilização do material “5.º Dom de Fröebel” e realização da construção do “Poço”. Através desta tinha que efetivar algumas situações problemáticas, propostas por si. O João só fez a construção do “Poço” sem ter prosseguido com as situações problemáticas pois, concentrou-se na ajuda a um aluno que estava a ter dificuldades para realizar a construção referida.

À Ana Catarina, que estava na sala do 4.º ano, foi solicitado que, exercitasse a subtração com empréstimo, valendo-se do material “Calculadores Multibásicos”. A estagiária principiou por realizar o ditado das placas procedendo com a operação. No final, enunciou uma situação problemática com o objetivo das crianças descobrirem e concretizarem a operação.

Inferências

Perante os dons de Fröebel a criança pode exercitar variados conceitos matemáticos através do jogo que é, definido pelo próprio, como menciona Caldeira (2009, p.239) citando Fröebel, “o mais puro e espiritual produto desta fase de

crescimento”, através do jogo que a criança desenvolve determinadas características, tais como, “a conquista da habilidade e do conhecimento” (p.239). Através deste material, o João pôde conquistar as crianças e fornecer novos conceitos aplicando o que elas mais gostam “o jogo”.

Terça-feira, 14 de junho de 2011

Neste dia de estágio os meninos realizaram uma ficha de avaliação de Língua Portuguesa. Um dos alunos não a terminou no tempo previsto, tendo a professora Anabela disponibilizado, a esse menino, o tempo do intervalo para a concluir.

Segunda-feira, 27 de junho de 2011

Nesta manhã a Filipa iniciou por descrever estratégias de comportamento, dividindo a turma por grupos e atribuindo a cada um uma imagem que, alterava conforme a conduta dos grupos.

Na área de Língua Portuguesa, a estagiária distribuiu um texto lacunar pelos meninos, o qual, completavam com a ajuda de um livro ilustrativo preparado pela mesma. De seguida, a Filipa solicitou que um aluno realizasse a análise morfológica da palavra “vassoura”, admitindo como resposta “nome comum”. Posteriormente recorreu à “Cartilha Maternal” quando um aluno encontrou dificuldades de leitura. No final exibiu um texto poético para recordar as características do mesmo.

Na parte seguinte da aula, na área de Matemática, a estagiária elaborou algumas situações problemáticas de medidas de capacidade. Para tal, auxiliou-se de algum material (água, uma garrafa de 2 l, um garrafão de 5 l e um algarido).

No final da manhã, na área de Estudo do Meio, a Filipa efetuou uma experiência relativa à pressão do ar. Nesta experiência a estagiária demonstrou que é possível colocar um ovo cozido no interior de uma garrafa sem o esmagar. No final e através de uma seringa evidenciou a pressão do ar.

Inferências

Tendo a professora cumprido uma dinâmica em sala de aula irreversível no decorrer da observação do estágio profissional, como já referi no início desta secção, elaborei um enquadramento teórico acerca do que presenciei e que considero mais importante ser mencionado, designadamente, o período de leitura determinado para os alunos, a postura e conduta da docente em sala de aula, a avaliação que a professora cumpriu e, não menos importante, o comportamento dos meninos em sala de aula.

Antes de falar da metodologia que a professora incutiu em sala de aula quanto à leitura interessa abordar, de forma sucinta, o que é a leitura, porquê ler, a

importância da mesma, as condições em que se pode praticar e como deve ser praticada.

A leitura, segundo Jesus (2006, p.108), é “uma actividade cognitivo-social, exercida nas sociedades que dispõem de escrita como fonte de busca de informação, de estabilização da informação e de interacção por meio da informação”. O leitor pode encontrar vários motivos para ler, como menciona Bloom (2001, p.19), desde “mant[er] a capacidade de formar as suas opiniões e apreciações” do mundo que o rodeia, até, e levados ao extremo (sobretudo se considerado a leitura de texto literário) fazê-lo “para reforçar o eu, e para tomar conhecimento dos seus verdadeiros interesses” (p.21), conquistando, assim uma forma de expelir as angústias do dia-a-dia.

Gomes (1996, p.10) defende que, “Num país cuja percentagem de analfabetos é ainda intolerável, onde os hábitos de leitura continuam aquém do que seria desejável e a iliteracia é uma realidade preocupante”, há que fomentar o gosto, logo nas primeiras idades, pelo prazer de ler e assim contribuir para uma sociedade literata. Sendo a escola o espaço onde a criança passa a maior parte do seu tempo útil, compete aos educadores/professores e outros mediadores da leitura a promoção/divulgação da mesma, com a finalidade de formar leitores do 3.º e 4.º tipos propostos na classificação de Armando Petrucci. De acordo com esta categorização de Petrucci (1987) citado por Magalhães (2008), o leitor de 3.º tipo tem:

(...) um repertório de leitura mais variado, mais vasto e de maior qualidade que o leitor de [2.º tipo]; guiado pela curiosidade e pelo instinto, lê literatura, história, livros de ciência e de tecnologia, fruindo de alguma autonomia na escolha; lê habitualmente um jornal diário e escreve regularmente para si ou para outros (p.57).

O 4.º tipo de leitor classifica-se como aquele que “(...) lê habitualmente, muito ou muitíssimo, por razões profissionais e por interesse cultural – livros, revistas, geralmente mais do que um jornal diário; à frequência da leitura corresponde a frequência da escrita” (p.57).

Para ler, como refere Magalhães (2008, p.58) “o leitor necessita de predisposição física (o cansaço, o frio, a fome são inimigos poderosos da leitura) e de tempo disponível”; estas conjunturas são de extrema importância com o desígnio de se retirar o melhor partido da leitura. Além de serem necessárias estas condições prévias, o leitor carece da “existência quer de um espaço apropriado (com algum conforto, luminosidade adequada, com silêncio), quer, evidentemente, de recursos materiais” (p.58).

A professora ao longo do período de estágio permitiu por várias vezes uma leitura livre dos meninos. Estes escolhiam os livros de um cesto e começavam a ler.

Os alunos não eram incentivados a ler, simplesmente tinham de o fazer, muitas das vezes cheguei a observar meninos com os livros abertos sem estarem a ler. Como percebemos anteriormente não chega pedir que leiam pois, como menciona Pennac (1996, p.11), “o verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com os outros: o verbo amar... o verbo sonhar...”, por isso, há que motivar os alunos de modo a desejarem o momento da leitura e ler. Na sequência, a motivação passa a ser um hábito, e tendo o professor respeitado os preceitos antecedentes da leitura, vai ao encontro do que refere García Sobriño (2000, p.31) “(...) a leitura converte-se (...) numa das mais importantes actividades humanas, já que influencia e assegura o processo de maturação, através da autonomia intelectual”, há que criar hábitos de leitura. Como prática cultural, a leitura está associada à aquisição de hábitos; considerando “que o hábito da leitura se alimenta e fortalece com a prática” (p.31), cabe então ao professor praticar a leitura com os alunos, incutindo esse hábito que deve ser prazeroso.

As aprendizagens dos alunos devem ser, como refere Morgado (1999, p.24), “significativas, integradas, diversificadas, activas e sociabilizadores”. A professora, utilizando sempre a mesma metodologia, numa transmissão de conhecimentos através de fichas formativas e informativas, está a utilizar apenas um método de ensino que, segundo Altet (2000, p.36), se insere no “processo-produto”, que se confina “a relacionar variáveis de entrada e variáveis de saída, donde surg[e] a aprendizagem como uma consequência directa do ensino, como se fosse suficiente ensinar, comunicar um saber, para que o aluno aprendesse”. Transformando o ensino em fichas formativas e informativas esquecemos por completo as interações que fazem parte do ensino-aprendizagem pois como refere a mesma autora, “o ensino é, acima de tudo, uma *prática relacional*, esta prática situa-se numa *situação particular*, em *condições singulares* e num *contexto específico*” (p.37).

A professora ao aplicar uma estratégia de ensino em que os alunos têm uma atitude passiva, deve utilizar estratégias de acordo com as etapas de aprendizagem em que a turma se encontra. Como afirma Pacheco (1995, p.57), “o ensino é uma tarefa profissional que exige um corpo de conhecimentos e saberes especializados e uma actuação racional e individual, tornando-se necessário aplicar técnicas fundamentadas pedagogicamente e adaptadas à situação concreta dos alunos e da turma”.

1.6. 6.^a Secção

1.6.1. Descrição da secção

Esta secção destina-se à descrição dos relatos respetivos ao estágio no 2.^o Ciclo, no Colégio São João de Brito, devidamente fundamentados.

Período de estágio: de 27 de setembro de 2011 a 24 de janeiro de 2012

Faixa etária: 10/11 e 11/12 anos

Anos: 5.^o e 6.^o

Turmas: 5.^o ano B, 5.^o ano C, 6.^o ano C e 6.^o ano D

Professoras cooperantes: Isabel (Matemática), Dulce (Língua Portuguesa), Margarida (História e Geografia de Portugal) e Júlia (Ciências da Natureza).

1.6.2. Caracterização da escola

Neste item mostro a figura 5 do Colégio São João de Brito, através de uma fotografia aérea.



Figura 5 – Colégio São João de Brito

1.6.3. Caracterização das turmas

O quadro 9 indica o horário do nosso estágio no Colégio São João de Brito, apesar de não ter a constituição das mesmas.

Quadro 9 — Horário do estágio no 2.^o Ciclo, no Colégio São João de Brito

	2. ^a Feira	3. ^a Feira	4. ^a Feira	5. ^a Feira	6. ^a Feira
8h30m 10h00m					6. ^o D — MAT
10h25m 11h55m		5. ^o B — MAT			6. ^o C — LP
12h05m 12h50m		5. ^o B — MAT			6. ^o C — CN
13h40m 14h20m		Reunião			
14h35m 16h05m		6. ^o C — LP			5. ^o C — HGP

1.6.4. Relatos diários

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

Neste dia conhecemos as instalações do Colégio São João de Brito.

Língua Portuguesa – 6.º C

A professora Dulce apresentou-nos aos alunos e alguns deles colocaram-nos questões.

Uma aluna leu a biografia de Teófilo Braga. Posteriormente a professora, através de um *powerpoint*, trabalhou o conto, como género literário, enunciando as suas características e simbologia. No final os alunos leram um período de um conto e realizaram a análise morfológica de todas as palavras do mesmo.

Inferências

A escola tem um papel preponderante na formação de leitores, como refere Bastos (1999, p. 286), “a escola, é assim, um dos locais privilegiados onde o encontro da criança com o livro se pode concretizar de forma cativante. E a escola deve ter como objectivo criar leitores activos”.

A leitura em voz alta é de extrema importância e é uma forma de comunicação, de partilha do prazer, informação e conhecimentos, como refere Jean (2000, p. 73), “o gosto pela leitura, o prazer de ler são suscitados e produzidos por uma «voz Leitora»”. O mesmo autor relata, “inúmeros professores e estudantes que gostam de ler em voz alta, ao serem interrogados sobre este assunto, reconhecem que para eles a leitura em voz alta é um verdadeiro prazer, sensual, um «gozo quase físico, dizem eles»” (p. 84).

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Matemática – 6.º D

Nesta manhã os alunos tiveram um encontro na Igreja (momento de reflexão) onde visionaram um filme, seguidamente responderam a perguntas colocadas pelo pároco e realizaram, em grupo, uma cena teatral ilustrando as conclusões que tiraram do filme. Esta atividade centrou-se no tema escolhido pela escola para este ano letivo “luzes, sinais e ação”.

Língua Portuguesa – 6.º C

Neste dia a professora incitou os alunos a lerem alguns contos tradicionais recolhidos fora do contexto escolar. Posteriormente a docente escreveu no quadro um esquema sobre a estrutura e a simbologia do conto que as crianças passaram para o

caderno diário. No final a professora falou com os alunos sobre a relação de forma e sentido entre as palavras (homónimas, homófonas, parónimas e homógrafas).

Ciências da Natureza – 6.º C

A professora Júlia conversou com os alunos sobre a alimentação saudável detetando as conceções dos alunos. No final abordou-se o tema de anorexia e diabetes, devido às dúvidas colocadas pelos alunos.

História e Geografia de Portugal – 5.º C

A professora iniciou a aula fazendo um breve apanhado sobre o que tinha sido lecionado em dias anteriores.

No quadro a docente desenhou um globo terrestre evidenciando as suas linhas (equador, paralelos e meridianos). Posteriormente falou sobre as características que devem constar num mapa (legenda, título, orientação e escala). No final entregou uma ficha sobre a matéria lecionada.

Inferências

Os alunos ao lerem diferentes tipos de contos tradicionais, que têm, como refere Bastos (1999, p. 68), um “papel na formação da personalidade da criança”, desenvolvem, como indica o mesmo autor, a imaginação, sendo esta encarada como uma capacidade primária do homem, “particularmente fecunda durante a infância, e determinante para os processos de desenvolvimento da pessoa, tanto culturais e afectivos, sociais e individuais” (p.68).

Os contos trazem uma mensagem produzida pela sociedade e pelos escritores que os rescrevem e, como menciona Traça (1992, p. 86), “proporciona[m], duma forma poética e estilizada, elementos de resposta a questões sobre a causa das coisas, a origem de certos comportamentos, fornece receitas para crescer”.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

Matemática – 5.º B

A professora solicitou que corrigíssemos uma ficha formativa sobre os sólidos geométricos. Devido ao tempo só eu e a Ana é que participámos nesta atividade.

História e Geografia de Portugal – 5.º B

Nesta aula a professora pediu aos alunos para abrirem o manual e sublinharem as palavras chave sobre os assuntos que iriam ser trabalhados nesta hora (a localização da Península Ibérica na zona temperada do norte, os contrastes de

temperatura e a precipitação). No final representou no quadro um esquema do tema anterior e solicitou que os meninos o copiassem.

Língua Portuguesa – 6.º C

Neste dia a professora começou pela correção dos trabalhos de casa. Um dos alunos tinha feito o trabalho errado, pois enganou-se a passar o correto. A professora repreendeu-o, vincando que a atitude deste não tinha sido a melhor e que era recorrente.

Os meninos leram o conto tradicional “Caldo de pedra”. Posteriormente a professora esclareceu as dúvidas sobre palavras cujo significado desconheciam, incitando que estes as incorporassem no mini dicionário. No fim da aula os alunos juntaram-se em grupos de dois e reescreveram o conto em banda desenhada.

Inferências

A professora poderia estudar alguns dos recursos expressivos que estavam patentes neste texto pois, como refere Magalhães (2008, p.65), “parte considerável do trabalho a realizar na disciplina de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo (10 a 12 anos de idade) incide exactamente sobre a detecção da riqueza da língua no texto literário”. A mesma autora também refere que, “os textos da literatura da tradição oral e os clássicos da literatura infanto-juvenil (...) são agora objecto de uma leitura orientada, introduzindo-se o aluno a uma terminologia básica da análise textual, ao estudo de algumas figuras estilísticas” (p.65).

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

Matemática – 6.º D

Neste dia a professora entregou as fichas de avaliação e solicitou que realizássemos a correção das mesmas. Posteriormente reviu a posição relativa das retas no plano através de um esquema que executou no quadro. No final definiu a noção de ângulo e demonstrou os que são convexo e não convexos.

Língua Portuguesa – 6.º C

Nesta manhã a docente começou por pedir aos alunos que lessem a receita da sopa de pedra, trabalho que os meninos tinham levado para casa. Seguidamente as crianças recontaram o conto “Clarinha”. A professora aproveitou para relembrar a noção de situação inicial, desenvolvimento e desenlace dos contos. Posteriormente os alunos leram o texto “A águia de Bonelli”, a professora, socorrendo-se deste texto,

diferenciou as características do texto narrativo do não narrativo. No final a professora solicitou que os alunos realizassem a análise sintática de várias frases previamente escritas no quadro.

Ciências da Natureza – 6.º C

A professora Júlia conversou com os alunos abordando as características e constituintes do sistema digestivo. Posteriormente enunciou algumas definições. No final incitou os alunos a realizarem alguns exercícios contemplados no manual escolar.

História e Geografia de Portugal – 5.º C

Nesta aula acompanhámos os alunos na preparação de um simulacro.

Inferências

O estudo de ângulos e de retas no plano faz parte do Programa de Matemática do 2.º Ciclo. É referido que, no âmbito da geometria do Programa de Matemática (2009, p.37), os alunos devem “identificar e representar rectas paralelas, perpendiculares e concorrentes, semi-rectas e segmentos de recta, e identificar a sua posição relativa no plano. Medir, em graus, a amplitude de um ângulo e construir um ângulo sendo dada a amplitude”. Desta forma, ao solicitar esquematizar e definir retas no plano e ângulos, a docente cumpriu com o estipulado.

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

Matemática – 5.º B

Para este dia elaborámos uma ficha de revisões sobre as planificações de sólidos geométricos (poliedros e não poliedros), arestas, vértices e faces. Por falta de tempo só a Sofia e a Ana é que conseguiram trabalhar a ficha com os meninos.

História e Geografia de Portugal – 6.º C

A turma neste dia realizou uma ficha de avaliação, por este motivo assistimos à aula de Educação física de outra turma.

Língua Portuguesa – 5.º B

Devido ao mesmo motivo da hora anterior assistimos à aula de Educação Visual e Tecnológica de outra turma. Nesta aula as crianças criaram uma pauta para treinarem a caligrafia. Alguns meninos tiveram dificuldades na concretização do que lhes fora pedido.

Inferências

O tema sólidos geométricos deve ser abordado em sala de aula no 2.º Ciclo, como refere o programa de Matemática do Ministério de Educação (2009, p.37), o aluno deve: “descrever sólidos geométricos e identificar os seus elementos, compreender as propriedades dos sólidos geométricos e classificá-los (...), identificar sólidos através de representações no plano e vice-versa (...)”, deste modo, a Sofia ao abordar estes conteúdos foi ao encontro do que é previsto lecionar.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Matemática – 6.º D

Neste dia elaborámos uma ficha de revisões que incidia sobre retas, semirretas, segmentos de reta, quadriláteros e triângulos.

Língua Portuguesa e Ciências da Natureza – 6.º C

Nas duas disciplinas a turma realizou uma ficha de avaliação, por este motivo assistimos à aula de Educação física de outra turma.

História e Geografia de Portugal – 5.ºC

Os alunos realizaram uma ficha de avaliação. Solicitaram-nos que assistíssemos à aula de Estudo Acompanhado de outra turma e que auxiliássemos os alunos sempre que necessário. Alguns alunos não conseguiram realizar os exercícios de Matemática referentes à área do círculo.

Inferências

As fichas de revisões são usadas constantemente como forma de exercitar e repetir os conteúdos, o que se pensava ser benéfico pois, como mencionam Matos e Serrazina (1996, p.167), “alguns anos atrás acreditava-se que para os alunos aprenderem tinham de repetir muitas vezes, daqui resultou que técnicas de exercícios e de prática foram usadas nas nossas aulas”. No entanto, as novas investigações apontam para que o aluno, segundo Cobb (1988) citado por Matos e Serrazina (1996, p.167), construa o seu conhecimento, “restruturando as suas estruturas cognitivas internas”. Desta forma, o aluno articula o novo saber com os saberes que já possui.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

Matemática – 5.º B

Nesta aula os alunos realizaram a correção dos trabalhos de casa auxiliados pela Sofia. No seguimento da aula a Ana entregou uma ficha formativa aos alunos,

que foi resolvida em sala de aula, sobre a posição relativa de retas no plano, construção e classificação de ângulos.

História e Geografia de Portugal – 5.º B

No início da aula a professora pediu a uma aluna que escrevesse o sumário no quadro. Iniciou o tema de recursos naturais presentes na Península Ibérica. Posteriormente solicitou a outro aluno que fizesse um resumo no quadro sobre o que tinha sido discutido na sala de aula. No final a professora terminou a esquematização do aluno com a frase: “Os povos veêm para a Península Ibérica à 800 000 anos a.C.”

Língua Portuguesa – 6.º C

No princípio da aula a professora recolheu os trabalhos de casa e entregou as fichas de avaliação. De seguida realizou a correção das mesmas no quadro.

Inferências

Neste ciclo de estudos é importante o aluno conhecer os recursos naturais presentes na Península Ibérica pois, como é referido no programa de História e Geografia de Portugal (1999, p.12), o aluno deve ser capaz de salientar “a relação entre o clima e a vegetação natural e a evolução dessa vegetação por acção do homem, referindo-se os principais recursos naturais oferecidos às comunidades que se fixaram na Península Ibérica (...)”.

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Matemática – 6.º D

Neste dia efetuei com os alunos uma ficha formativa sobre áreas de triângulos e quadriláteros. A turma demonstrou alguma dificuldade na leitura de números decimais e nas conversões de medidas de áreas para medidas agrárias.

Língua Portuguesa – 6.º C

A docente realizou a correção de uma grelha realizando deste modo as revisões para o teste.

De seguida, a professora definiu a noção de área vocabular e de família de palavras, na explicação a professora escreveu no quadro palavra “primitiva”.

No final da aula abordou o tema derivação de palavras por sufixação e prefixação, e palavras compostas por aglutinação e justaposição. Posteriormente, solicitou que os alunos se agrupassem em grupos de dois elementos e solicitou que criassem um esquema dos conteúdos referidos ao longo da aula.

Ciências da Natureza – 6.º C

Através do manual, a docente referiu as funções da faringe, glote e esófago.

História e Geografia de Portugal – 5.º C

No princípio da aula, um menino solicitou à professora para alterar de lugar, alegando que se distraía muito na carteira onde se encontrava. A docente referiu que o menino só se distraía se quisesse. Seguidamente, efetuou uma chamada oral sobre matéria até então lecionada. Posteriormente, os alunos questionaram-na como poderiam aumentar as suas classificações, ao qual a professora respondeu que seria possível se participassem mais ativamente nas aulas.

No final, introduziu o tema a origem e diversidade da vida.

Inferências

A professora de ciências da natureza podia e devia ter adotado outra estratégia para a compreensão, por parte dos alunos, das funções da faringe, glote e esófago. Numa perspetiva construtivista seria de todo pertinente questionar os alunos sobre o que imaginam ser as funções desses órgãos, como refere Oliveira (1991, p.37), “o processo de aprendizagem tem de tomar como ponto de partida essas concepções, pois só assim é possível a construção de novos significados, novos conceitos, mais próximos dos estabelecidos pela comunidade científica”. Muitas vezes os alunos têm concepções erradas (alternativas) sobre os temas abordados em sala de aula, deste modo, o docente deverá verificar quais são e por em causa essas concepções.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Matemática – 5.º B

Neste dia, a Sofia lecionou tema dos polígonos. Através do *powerpoint*, recordou a noção de polígonos e, posteriormente entregou a cada aluno uma ficha informativa. No decorrer da aula, foram referidas as noções de triângulos, quadriláteros, trapézios e paralelogramos. No final da aula, os alunos traçaram as diagonais de um retângulo e de um quadrado, obtendo triângulos.

História e Geografia de Portugal – 5.º B

A professora começou a aula por efetuar uma chamada oral da matéria lecionada anteriormente. De seguida, mostrou, através de imagens do livro, as técnicas e os instrumentos elaborados pelos povos produtores.

Língua Portuguesa – 6.º C

Como aula de revisão, a professora Dulce abordou o tema as palavras derivadas por sufixação e prefixação, para tal, referiu que os afixos desempenham um sentido, demonstrando através dos seguintes exemplos: “canzarrão” (arrão = grandeza) e “beleza” (eza = qualidade). No seguimento da aula, a docente afirmou que os alunos desenvolviam e treinavam a memória se decorassem.

No final da aula, pediu que um aluno contasse a lenda “O milagre das rosas” e, posteriormente, a docente, escreveu no quadro a descrição de lenda para a turma passar para o caderno diário.

Inferências

A Sofia quando lecionou o tema dos polígonos respondeu ao que é solicitado pelo programa de Matemática no 2.º Ciclo pois, como refere o programa do Ministério de Educação (2009, p.37), os alunos deverão saber “identificar os elementos de um polígono, compreender as suas propriedades e classificar polígonos”.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Matemática – 6.º D

Neste dia, a Ana introduziu o tema de adição e subtração de frações. Como estratégia de aula elaborou um *powerpoint* que a ajudou a explorar e trabalhar o tema em sala de aula. No final entregou uma ficha de exercícios que resolveu em conjunto com os alunos.

Língua Portuguesa – 6.º C

Neste dia houve o concurso do melhor contador de histórias, deste modo, a professora solicitou-nos que fôssemos com diferentes grupos de alunos a outras salas de aula para, selecionarmos aqueles que considerávamos que liam melhor. No final, os alunos escolhidos leram para a turma as suas histórias tendo sido eleito o melhor da turma.

Ciências da Natureza – 6.º C

A professora solicitou aos alunos que mostrassem as assinaturas dos encarregados de educação nas fichas de avaliação. Aos alunos que não trouxeram as fichas assinadas escreveu um recado, no diário escolar, aos encarregados.

A docente prosseguiu a aula com a continuação do estudo do sistema digestivo, falando particularmente do estômago e do intestino delgado.

História e Geografia de Portugal – 5.º B

Logo no princípio da aula, um menino queixou-se à docente de dores de cabeça. Após um diálogo com a criança, a professora apercebeu-se que o menino não havia almoçado, chamou o vigilante da escola e solicitou que a levassem a almoçar.

Prosseguiu com o estudo dos povos produtores fazendo referência aos monumentos megalíticos. De seguida começou por abordar os povos Celtas e Iberos. A meio da aula ordenou a dois alunos que saíssem da sala de aula, esclarecendo que estes estavam a ter um comportamento impróprio.

Inferências

Uma das finalidades das classificações pode ser a comunicação aos pais sobre as mesmas, como refere Ribeiro (1989, p.78), a classificação “proporciona um sistema rápido e prático (embora incompleto) de registo do aproveitamento dos alunos e de informação aos pais e encarregados”. No entanto, a evolução do aluno não deverá prender-se só com os resultados, como refere Hadji (1994, p.69), avaliar tem como finalidade: “melhorar as decisões relativas à aprendizagem de cada um dos alunos; informar o aluno e os pais sobre a sua progressão; outorgar as certificações necessárias; melhorar o ensino em geral”.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Matemática – 6.º D

Neste dia, a Sofia projetou um *powerpoint* para lecionar a multiplicação de frações. Reviu o conceito de fração e como se executam as suas somas. Posteriormente, explicou, perante um esquema, como se efetua a multiplicação de frações com denominadores diferentes.

No final da aula, dividiu a turma em cinco grupos de seis alunos e entregou a cada grupo um instrumento musical. Os alunos tinham de resolver expressões numéricas e quando terminassem tocavam os instrumentos, seguidamente, a Sofia apontava o tempo da resposta. No final, a equipa que somava menos tempo ganhava.

Língua Portuguesa – 6.º C

Nesta aula, a professora pediu aos alunos, um a um, que cantassem as preposições com diferentes tipos de ritmo. No seguimento da aula, elaborou a correção dos trabalhos de casa. Posteriormente, facultou aos meninos um poema lacunar para estes completarem com preposições.

No final da aula, indicou as diferenças entre um texto não narrativo e um texto narrativo.

Ciências da Natureza – 6.ºC

A docente, através do manual escolar, abordou o tema da higiene no sistema digestivo. No final solicitou que os alunos fizessem os exercícios contemplados no manual, corrigindo-os oralmente.

História e Geografia de Portugal – 5.ºC

Os alunos expuseram os trabalhos elaborados em casa sobre os povos recoletores e nómadas. De seguida, a docente entregou aos alunos uma ficha com exercícios de revisão da matéria lecionada. No decorrer da aula, um menino colocou uma dúvida sobre o tema abordado, a professora referiu que não estava na escola para responder às perguntas dos alunos e que apenas ali estava para ensinar o programa. No decorrer da aula, a docente colocou seis alunos fora da sala de aula, esclarecendo que estes estavam a ter um comportamento impróprio.

Inferências

De uma maneira lúdica os alunos treinaram as preposições sendo esta uma das formas de ensino da gramática, como referem Reis e Adragão (1992, p.64), a aprendizagem da gramática pode ser efetuada através do “lúdico, o normativo, o explicativo”. Os mesmos autores, mencionam que em determinadas circunstâncias a explicação é irrealizável, assim sendo, “mais vale, nesses momentos, recorrer-se a outros métodos mais eficazes para a apreensão de tal regra e esperar o momento oportuno para a explicar”. Constatei que os alunos apreciaram esta estratégia utilizada pela docente.

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

História e Geografia de Portugal – 5.ºB

A docente começou a aula realizando uma chamada oral sobre a matéria lecionada na aula anterior. Posteriormente, passou para o quadro um esquema sobre as heranças trazidas pelos fenícios, gregos e cartagineses. No final da aula, solicitou que os alunos escrevessem alguns conceitos que ia lendo.

Língua Portuguesa – 6.ºC

Nesta aula, a professora corrigiu os trabalhos de casa. No final da aula, realizou um esquema no quadro acerca das categorias da narrativa e distribuiu pelos alunos uma ficha informativa sobre a descrição do retrato.

Inferências

A professora ao colocar questões aos alunos e assinalando as respostas pode, posteriormente, verificar quais as dificuldades dos alunos e avaliar o processo de ensino aprendizagem. Como refere Loureiro (2000, p.104), as respostas dos alunos podem servir como: “possibilitar um desenvolvimento progressivo da aula de acordo com a planificação, ajudar os alunos a enfrentar as tarefas escolares e possibilitar aos docentes elementos que permitam avaliar a aprendizagem dos alunos”.

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

Matemática – 6.ºD

Nesta aula, revi a noção de potências e através de um *powerpoint* demonstrei como se elabora o cálculo, de todos os casos possíveis, da multiplicação e divisão de potências. No final da aula, os alunos realizaram vários exercícios e corrigiram-nos no quadro.

Língua Portuguesa – 6.ºC

Neste dia, eu a Sofia e a Ana resolvemos uma ficha de avaliação sobre a formação de palavras. No final da aula, foi escolhido o melhor texto descritivo escrito pelos alunos.

Ciências da Natureza – 6.ºC

A professora elaborou um esquema no quadro sobre o sistema respiratório: constituição do aparelho e movimentos. No final da aula, iniciou-se um debate sobre a importância do 112.

História e Geografia de Portugal – 5.ºC

A docente, através de uma chuva de ideias, introduziu o tema dos Romanos. Ao concluir que os alunos conheciam a lenda de Rómulo e Remo, solicitou a quatro meninos que a relatassem. A docente pediu a uma criança que saísse da sala de aula devido ao seu comportamento.

Inferências

O estudo da divisão e multiplicação de potências faz parte do Programa de Matemática do 2.º Ciclo. É elucidado que, no âmbito dos números e operações do Programa de Matemática (2009, p.33), os alunos devem “calcular potências de um número e determinar o produto e o quociente de potências com a mesma base ou com o mesmo expoente”. Desta forma, ao solicitar exercícios sobre potências, estou a cumprir o estipulado.

Terça-feira, 15 de novembro de 2011

Matemática – 5.º B

Neste dia, a Ana lecionou, através de um *powerpoint*, as propriedades da adição dos números naturais. No final da aula realizou um jogo e, sempre que os alunos acertavam na resposta recebiam uma medalha, tendo como objetivo premiar os mais medalhados com um diploma de mérito.

História e Geografia de Portugal – 5.ºB

A docente iniciou esta aula por escrever por extenso a data, tendo realizado a translineação da mesma da seguinte forma: nove/mbro. A professora realizou a chamada oral sobre a matéria lecionada até à data.

Língua Portuguesa – 6.ºC

Os alunos iniciaram a aula com a leitura, em silêncio, da fábula “O lobo e o cão” de Esopo. Os meninos sublinharam as palavras e expressões que desconheciam. Posteriormente, um aluno perguntou à professora o que significava “regalo”, a docente definiu da seguinte forma: “Um regalo pode ser uma gola de pele ou um regalo pode ser um regalo”. No final, os alunos fizeram o reconto da fábula.

Inferências

No programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo do Ensino Básico é referida, Ministério da Educação (2008, p.116), a leitura de textos de “literatura popular e tradicional (cancioneiro, contos, mitos, fábulas, lendas...)”. Deste modo, a fábula lida e trabalhada em sala de aula responde à estratégia proposta pela docente.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Matemática – 6.ºD

Neste dia, a Ana lecionou as propriedades da multiplicação de números racionais. Recordou, através de um *powerpoint*, o tema da aula e solicitou que os alunos efetuassem alguns exercícios. Sempre que os alunos tinham dificuldades nos exercícios a Ana solicitava que estes os fossem exemplificar no quadro, esclarecendo os alunos posteriormente.

Língua Portuguesa – 6.ºC

A docente iniciou a aula solicitando aos alunos que definissem o significado de debate. No seguimento, entregou a cada aluno uma ficha informativa acerca das regras do debate. No decorrer da aula, a professora pediu às crianças que elaborassem um debate, mediante as regras previamente acordadas, sobre a

“liberdade” utilizando como modelo a fábula “O lobo e o cão”. No final, observou-se uma grande discrepância de opiniões entre os alunos.

Ciências da Natureza – 6.ºC

Neste dia, a docente faltou à aula, tendo sido substituída por outra professora, que solicitou que os alunos resolvessem os trabalhos de casa.

História e Geografia de Portugal – 5.ºC

A docente distribuiu uma ficha, para os alunos resolverem, sobre os povos que visitaram a Península Ibérica.

Inferências

A professora de Língua Portuguesa ao promover um debate entre os alunos respondeu a um dos requisitos da expressão oral previstos, no programa de Língua Portuguesa do Ministério da Educação (2008, p.90) é referido que os alunos devem “expressar o(s) conhecimento(s), emitir opiniões, construir uma argumentação, através de um discurso convincente e com alguma complexidade”, para tal, o aluno pode e deve debater com os colegas as suas opiniões e críticas.

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

Matemática – 5.ºB

Nesta aula a Sofia lecionou as propriedades da multiplicação (associativa e comutativa). Como estratégia utilizou um *powerpoint*. No final da aula entregou a cada aluno um cartão que, num lado continha uma expressão numérica e no outro um resultado. Um aluno referia a sua expressão numérica e a restante turma tinha de ver se o resultado que tinha correspondia a essa expressão.

História e Geografia de Portugal – 5.ºB

Neste período, os alunos esclareceram as suas dúvidas para a ficha formativa.

Matemática – 5.ºA

Neste tempo, assistimos à aula da Suzana. A Suzana explorou uma diversidade de exercícios para demonstrar as propriedades da adição.

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

Matemática – 6.ºD

Neste bloco de aulas, a Sofia lecionou o inverso de um número racional não negativo. Para tal, utilizou um *powerpoint* e elaborou um jogo adaptado do “bingo”. Nos cartões dos alunos estavam representadas diversas frações, do saco ia tirando papéis que tinham o inverso dos números racionais não negativos presentes nos cartões das crianças. Os meninos tinham de compreender qual o inverso dos números que iam saindo e caso o tivessem no cartão colocavam um feijão em cima do mesmo. O jogo acabava quando um aluno fizesse “bingo”.

Língua Portuguesa – 6.ºC

Neste dia, foi-nos solicitado a exploração do rimance “A bela infanta” de Almeida Garrett. Princiámos com uma leitura gestual ao som de uma música medieval. A Ana reviu as particulares dos textos do património oral, aproveitando o texto que estava a ser analisado para as enquadrar. Posteriormente, coloquei algumas questões sobre o texto aos alunos com o objetivo de o interpretar. A Sofia atribuiu a cada aluno um excerto do texto e solicitou que o lessem de várias formas: fadista, cigano, cantor lírico, deputado do parlamento... No fim seleccionámos dois alunos para representarem as duas personagens e fazerem uma pequena dramatização.

Estudo Acompanhado – 5.ºA

Os alunos realizaram uma ficha de avaliação. Solicitaram-nos que assistíssemos à aula de Estudo Acompanhado de outra turma e que auxiliássemos os alunos sempre que necessário.

Inferências

Antes de haver uma exploração do rimance o professor deve aludir aos acontecimentos passados no mesmo, estudando os factos e as imagens, desta forma, o aluno quando lê pela primeira vez o texto tem noção do que este transmite, proporcionando uma melhor interpretação, como referem Rebelo, Marques e Costa (2000, p.117), “são realmente os conhecimentos anteriores (...) do sujeito que condicionam a compreensão (...). A compreensão será facilitada se houver coincidência ou aproximação entre o vocabulário usado no texto e os conhecimentos do leitor neste domínio”.

Terça-feira, 29 de novembro de 2011

Matemática – 5.ºB

Neste dia, introduzi o tema dos critérios de divisibilidade. No início, solicitei às crianças que explicassem o que significava divisão. Após ter verificado que alguns alunos não conseguiram resolver operações de divisão, optei por questionar o processo deste algoritmo. Posteriormente, referi o significado de divisão exata. De seguida, demonstrei porque existem números divisíveis por 2, 3, 5 e 10. No final, apresentei algumas formas de descobrir se o número é divisível por 2, 3, 5 e 10 solicitando que os alunos as passassem para o caderno diário.

História e Geografia de Portugal – 5.ºB

No princípio da aula, a professora elaborou um esquema sobre a religião dos romanos, distinguindo monoteístas e politeístas. No seguimento, introduziu o cristianismo e representou um friso cronológico. No final, quando questionou um aluno sobre a que século pertence o ano 303 d. C. que não soube responder, indicou que referia-se ao século I.

Língua Portuguesa – 6.ºC

No início da aula, a docente corrigiu os trabalhos de casa sobre a pronominalização. Posteriormente, os alunos recontaram o rimance “A bela infanta”. No final, leu outra versão, “A D. infanta”, demonstrando as diferenças dos textos.

Inferências

Em Matemática os alunos tiveram bastantes dificuldades na resolução das operações de divisão, para explicar como se efetua a operação apelei aos conhecimentos dos alunos, como menciona Brousseau (1996, p.38), “o trabalho do professor é, em certa medida, o inverso do do investigador, uma vez que ele tem de produzir uma *recontextualização* dos conhecimentos”. Há momentos para aproveitar os conhecimentos dos alunos pois, citando o mesmo autor, “cada momento tem de nascer da adaptação a uma situação específica, porque as probabilidades não se criam no mesmo género de contexto e de relações com o meio em que se inventa ou utiliza a aritmética ou álgebra” (p.38), aproveitando as dúvidas dos alunos, estes foram orientados a construir o saber, através do que já conheciam.

Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Língua Portuguesa – 6.ºC

Neste dia corriji o trabalho de casa sobre “A Bela Infanta”.

Na continuação da aula, a Sofia entregou aos alunos uma banda desenhada sobre o texto trabalhado e efetuou a revisão dos adjetivos e respetivos graus. Os alunos preencheram as lacunas presentes na banda desenhada. No final, a Ana através da banda desenhada iniciou o estudo dos adjetivos irregulares.

História e Geografia de Portugal – 5.ºC

A docente entregou aos alunos uma ficha de consolidação da matéria lecionada sobre os romanos e a contagem dos séculos. Os alunos começaram por realizá-la a lápis e, posteriormente, após a correção escreveram as respostas a caneta. No final, a professora terminou o estudo da matéria focando a queda do império romano.

Inferências

A Ana utilizou uma estratégia divergente do que normalmente se aplica em sala de aula. Ao apresentar uma banda desenhada para trabalhar um conteúdo gramatical da Língua Portuguesa, foi ao encontro daquilo que Martins e Duarte (2000, p.171) referem como uma aprendizagem progressiva e articulada, preparada, neste caso, com um período de jogo e de sistematização, encaminhando os alunos “para o entendimento do conceito que um termo designa e para a utilidade da sua aprendizagem” apresentando o conteúdo como um instrumento de trabalho útil.

Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Matemática – 6.ºD

No decorrer desta aula, a docente solicitou que os alunos resolvessem exercícios do manual.

Língua Portuguesa – 6.ºC

A docente corrigiu oralmente o teste de avaliação. Posteriormente, entregou a cada aluno uma ficha de leitura sobre “Os três reis do oriente”.

Ciências da Natureza – 6.ºC

A professora valendo-se do manual escolar, iniciou o estudo da constituição do sangue, mencionando e explicando a função dos seus constituintes, os conceitos de diapedese e fagocitose.

História e Geografia de Portugal – 5.ºC

Neste dia, introduzimos o tema dos muçulmanos, para tal, e em diálogo com a turma, abordámos a origem dos povos árabes, o aparecimento, a expansão, a ocupação e a herança da religião islâmica. Como estratégia projetámos um *powerpoint*

e realizámos, perante as ideias dos alunos, um esquema no quadro, solicitando que o passassem para uma folha A3. Antes de começarmos a aula pedimos a um aluno para vestir o fato de muçulmano e o mostrasse aos colegas.

Inferências

Na aula de Ciências da Natureza a docente utilizou o manual escolar para explicar a matéria. O manual escolar não é a única ferramenta de trabalho que o professor possui, este deve diversificar as suas estratégias de ensino-aprendizagem. O professor tem o papel de ser, como refere Jorge (1991, p.37), o “facilitador da construção do conhecimento, seleccionando e organizando situações de aprendizagem que a permitam”. Assim o aluno passa a ser o edificador do seu próprio conhecimento.

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Matemática – 5.ºB

Neste dia, elaborámos um jogo baseado no “Trivial Pursuit” para fazer a revisão da matéria. Os alunos foram divididos em grupos tendo cada grupo um porta-voz e uma cor associada. No final, venceu a equipa que conseguiu mais respostas certas.

História e Geografia de Portugal – 5.ºB

A docente solicitou aos meninos que realizassem a sua autoavaliação. Os alunos mencionavam o que tinha corrido menos bem e o que tinha corrido bem ao longo do 1.º período. No final, a professora referiu e explicou qual a avaliação que cada aluno obteve.

Língua Portuguesa – 6.ºC

Nesta aula, os meninos analisaram, através de perguntas dirigidas, o capítulo referente ao rei Gaspar, da obra “Os Três Reis do Oriente”. No início, realizei a leitura modelo e pedi aos alunos que a fizessem em silêncio. Posteriormente, algumas crianças representaram determinadas personagens do texto. Devido à dificuldade, de uma aluna, na leitura da palavra “abóbada”, solicitei que a criança explicasse as regras de acentuação. No final da aula entreguei uma ficha formativa que visava estabelecer a sinonímia entre as palavras/expressões dadas e as do texto.

Inferências

A professora de História e Geografia de Portugal permitiu que os alunos se autoavaliassem. É importante o aluno fazer uma autoavaliação, reflexão, dos

conhecimentos adquiridos e do seu percurso sendo, como refere Hadji (1994, p.53), a autoavaliação uma “hetero-avaliação, na medida em que o sujeito que avalia introduz uma distância entre o «eu» que aprecia e o «eu próprio» que é apreciado”, deste modo, a criança assume-se “como objecto de apreciação e, ao fazer isto, desdobra-se entre uma instância que julga e um objecto que é julgado”, deste modo, o aluno pode considerar de outra forma o resultado obtido.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Língua Portuguesa – 6.ºC

Os alunos representaram, no anfiteatro da escola, a peça “A bela Jacinta”, uma outra versão do texto de “A bela Infanta”.

Ciências da Natureza – 6.ºC

A docente continuou a lecionar o sistema circulatório, fazendo distinção da grande circulação e da pequena circulação. No decorrer da aula a professora foi escrevendo definições no quadro, que os alunos copiaram para o caderno.

História e Geografia de Portugal – 5.ºC

Nesta aula, os meninos realizaram a autoavaliação, tendo a professora tecido alguns comentários e explicando o motivo de atribuir determinadas classificações.

Inferências

Os alunos devem ter um papel mais participativo nas aulas, como refere Sanches (2001, p.38), “é altura de os pormos a falar em vez de os colocarmos a ouvir. E eles têm tanto para nos dizerem, a questão está em nós os sabermos ouvir... Temos de ser suficientemente humildes para ouvir os outros e aprender com eles”. Em Ciências da Natureza, provavelmente, se os alunos tivessem mais oportunidades expunham os seus conhecimentos e o desenvolvimento da aula seria diferente.

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Matemática – 5.ºB

Nesta aula a professora fez revisões relativamente às divisões, recordou o conceito de divisor e os critérios de divisibilidade. Os alunos resolveram exercícios de divisão que a professora tinha escrito no quadro e esta solicitou que a turma resolvesse exercícios de toda a matéria dada.

História e Geografia de Portugal – 5.ºB

A docente distribuiu uma ficha de registo de comportamento por aluno, na qual cada um teria que retirar pontos aos 100 que teria inicialmente, caso o seu comportamento fosse inadequado. O momento seguinte foi dedicado às revisões para o teste, os alunos realizaram uma ficha formativa.

Língua Portuguesa – 6.ºC

A docente pediu à Sofia que lesse um texto da autoria de Maria Alberta Meneres, texto a partir do qual se explicava a razão da publicação da obra de Ulisses. Posteriormente, os alunos preencheram uma ficha biográfica sobre a autora da obra acima referida.

Inferências

As fichas de revisão são estratégias adotadas em grande escala nas aulas que assisti, no entanto, para as realizar, o aluno, deverá conhecer bem os temas tratados. Ensinar não é a mesma coisa que instruir, como refere Antunes (2007, p.30), “ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade”, deste modo, o aluno fica capacitado para “reconstruir os significados atribuídos a essa realidade e essa relação”. Primeiramente o aluno deverá entender/perceber o significado de determinado conteúdo.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

Matemática – 6.ºD

Neste dia a Ana abordou o conceito de rotação, começou por indagar os alunos acerca das imagens apresentadas no *powerpoint* (moinho, relógio, roda...) e só depois explicou que uma rotação pode ser feita no sentido dos ponteiros do relógio (rotação positiva) ou no sentido contrário (rotação negativa). Enquanto projetava as propriedades da rotação explicava-as e solicitou à turma que as copiassem para o caderno. Por fim os alunos resolveram uma ficha de exercícios.

Língua Portuguesa – 6.ºC

A aula teve início com a apresentação do regulamento de um concurso a ser realizado no colégio: os alunos tinham que elaborar uma carta dirigida aos colegas, tendo como tema a partida do Homem para outro planeta. A aula continuou com uma leitura dramatizada da obra “Ulisses” de Maria Alberta Meneres e com a realização de uma ficha de compreensão relativa ao primeiro episódio.

Ciências da Natureza – 6.ºC

Nesta aula, a professora entabulou um diálogo com os alunos sobre os cuidados a ter para prevenir situações complicadas a nível cardíaco e falaram de atitudes prejudiciais para o coração, seguidamente os alunos resolveram exercícios do manual.

História e Geografia de Portugal – 5.ºC

A professora introduziu o conteúdo características naturais de Portugal no século XIII, utilizando o manual da disciplina e recorrendo principalmente à explanação do que vinha descrito no livro. No momento em que falava sobre as dimensões e limites de Portugal a docente afirmou que o planeta Terra é um ser vivo, pois está em constante transformação.

Inferências

A docente de História de Portugal utilizou, mais uma vez, o manual escolar. O manual escolar pode ser uma boa ferramenta para as aulas, mas o professor tem outros recursos e não se deve prender só ao manual, como refere Sanches (2001, p.26), “o manual é um bom recurso, mas não o único a ser utilizado, não será de seguir à risca o que é proposto. É preciso recriar o manual”. Uma das estratégias possíveis seria questionar os alunos sobre o tema e a partir do que estes referiam seguir com o planeado.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Matemática – 5.ºB

A professora organizou grupos de alunos e cada um desses grupos, através de pesquisas anteriormente elaboradas, escreveu uma biografia de um matemático famoso, focando as principais descobertas e/ou prémios recebidos.

História e Geografia de Portugal – 5.ºB

Esta aula foi muito parecida com a aula do dia 13 de janeiro lecionada à turma C do 5.º ano, uma vez que a professora falou sobre o mesmo tema e utilizou as mesmas estratégias.

Língua Portuguesa – 6.ºC

Os alunos apresentaram os seus trabalhos individuais sobre os livros que haviam escolhido. Esta apresentação pretendia dar a conhecer a biografia do autor do livro e aliciar os colegas a lerem a obra, argumentando as razões.

Inferências

A docente de Língua Portuguesa cumpriu com uma das finalidades do ensino da língua materna, esta prende-se com o conhecimento e a exploração do património e da cultura portuguesa e internacional, que foi feita com a investigação e exploração dos alunos, pois, como referem Reis e Adragão (1992, p.16), o português deve “contribuir para a identificação do aluno com as manifestações e realizações da cultura nacionais e internacionais”.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Matemática – 6.ºD

A Sofia introduziu a reflexão e as suas propriedades. Distribuiu uma folha branca A4 na qual estava desenhado um eixo de reflexão e uma bisnaga de guache. Solicitou aos alunos que colocassem tinta no lado esquerdo da folha e que dobrassem a folha pelo eixo desenhado, de modo a fazer aparecer do lado direito da folha a mancha de tinta. Depois apresentou um *powerpoint* e explicou o conceito de reflexão, pediu que os alunos copiassem as propriedades para o caderno. Por fim, utilizando a pintura que fizeram, marcaram vários pontos na figura original e os mesmos na figura transformada. Para comprovarem a reflexão da figura original, fizeram as medições necessárias e verificaram as propriedades da reflexão.

Inferências

A Sofia serviu-se das expressões plásticas para lecionar um conteúdo de Matemática, esta foi uma estratégia positiva pois, como mencionam Boavida et al. (2008, p.37), a didática da Matemática indica que “as conexões Matemáticas visam, por um lado, a criação exploração de situações em que os alunos trabalhem a Matemática ligada a problemas da vida real (...) e a outras áreas curriculares (...)”. Deste modo, e sendo de extrema importância, as tarefas estão adaptadas aos interesses dos alunos.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Matemática – 5.º B

A professora trabalhou o conceito de máximo divisor comum, começando por pedir aos alunos que realizassem uma tarefa do manual, afirmando que não teriam qualquer ajuda para o fazer. Ao verificar que muitas crianças estariam com dificuldade em realizar os exercícios, ameaçou-as de que teriam uma classificação mais baixa que a anterior no final do período. Depois deste acontecimento a docente explicou o conteúdo e os alunos continuaram a resolução de exercícios do manual.

História e Geografia de Portugal – 5.º B

Nesta aula a docente deu a conhecer as atividades económicas das populações no decorrer do século XIII, recorrendo a uma apresentação em *powerpoint*, limitando a fazer uma exposição dos slides que iam sendo projetados.

Inferências

A professora de Matemática respondeu a um dos objetivos específicos, no programa de Matemática do Ministério da Educação (2008, p.33) é referido que os alunos devem “compreender as noções de mínimo múltiplo comum e máximo divisor comum de dois números e determinar o seu valor”. Para tal, o aluno pode utilizar a decomposição em fatores primos.

As atuais orientações curriculares dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, como mencionam Boavida et al. (2008, p.7), têm como finalidade valorizar esta disciplina através de diferentes metodologias, de modo a contribuir para o aprofundamento do conhecimento matemático, didático e curricular, desenvolvendo uma atitude positiva dos alunos em relação à Matemática

1.7. 7.ª Secção

1.7.1. Descrição da secção

Esta secção destina-se aos relatos diários respeitantes ao estágio realizado no 2.º Ciclo no Jardim-Escola João de Deus do Entroncamento, estes relatos encontram-se seguidos de inferências fundamentadas por citações de autores.

Período de estágio: de 31 de janeiro de 2012 a 21 de março de 2012

Faixa etária: 10/11 anos

Ano: 5.º

Turma: A

Professoras cooperantes: Maria (Ciências da Natureza); Maria (Língua Portuguesa); Sofia (História e Geografia de Portugal); Andrea (Matemática).

1.7.2. Caracterização da turma

A turma observada durante este período de estágio é constituída por oito alunos em que há sete rapazes e uma rapariga. Um dos alunos ingressou, pela primeira vez na escola neste ano letivo 2011-2012.

No quadro 10 visualiza-se o horário semanal da turma do 2.º Ciclo.

Quadro 10 — Horário da turma do 2.º Ciclo, no Jardim-Escola do Entroncamento

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00m 9h45m	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	HGP
9h45m 10h30m	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	HGP
10h30m 10h50m	Intervalo				
10h50m 11h35m	Inglês	Matemática	Educação física	Inglês	CNT
11h35m 12h10m	Língua Portuguesa	Matemática	Educação física	Inglês	CNT
12h10m 12h20m	Intervalo				
12h20m 13h05m	Educação física	HGP	CNT	Língua Portuguesa	FC
13h05m 14h30m	Almoço				
14h30m 15h15m	TIC	EA	EM	EVT	EVT
15h15m 16h00m	TIC	EA	EM	EVT	EVT

1.7.3. Relatos diários

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

Quando chegámos ao Jardim-Escola a diretora apresentou-nos as instalações. De seguida, encaminhou-nos à sala de aula do 5.º ano para assistirmos às aulas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal.

Língua Portuguesa

A professora iniciou o estudo da voz passiva e voz ativa. Elaborou um esquema no quadro, demonstrando as regras de transformação de um discurso para outro. Na segunda metade da aula, as turmas do 3.º e 4.º anos juntaram-se à do 5.º ano para estrear uma atividade lúdica no âmbito da disciplina: “Clube de Leitura: Estórias e Papelinhos...”. A professora esclareceu quais os objetivos desta atividade: troca de palavras, ideias ou histórias.

A docente projetou no quadro interativo um filme intitulado “O incrível rapaz que comia livros”. De seguida, dividiu os alunos em grupos de dois e distribuiu uma fábula com uma imagem alusiva. Por sorteio, os alunos eram selecionados para lerem o texto.

Matemática

A professora utilizou o manual escolar do quadro interativo para lecionar uma aula sobre os ângulos adjacentes, complementares e suplementares e ângulos verticalmente opostos, seguidamente os alunos realizaram exercícios.

História e Geografia de Portugal

Nesta aula a professora fez revisões para o teste utilizando o manual da disciplina, os alunos recordaram os conceitos relacionados com o aproveitamento dos recursos naturais da Península Ibérica.

Inferências

A professora ao criar um clube de leitura com várias atividades ao longo do ano está a criar um hábito, o que é de extrema importância nestas idades para a aprendizagem da leitura, como refere Magalhães (2008, p.58), “durante a infância a insistência em actividades reguladoras aparenta ser bem mais fecunda do que em qualquer outra idade, a promoção de uma regularidade de leitura junto deste grupo etário torna-se, indiscutivelmente, uma aposta promissora”. A escola deve promover estas atividades e outras, tendo em vista uma sociedade leitora.

Quarta-feira, 1 de fevereiro de 2012

Neste dia, os alunos da turma do 5.º ano do Jardim-Escola João de Deus do Entroncamento juntaram-se aos alunos do 5.º ano do Jardim-Escola João de Deus de Santarém, foram ao teatro Sá da Bandeira para assistir a uma peça de teatro intitulada “Querida Matemática!”, que tal como o nome indica versava sobre Matemática.

Inferências

Pretende-se que a escola de hoje vá ao encontro dos interesses dos alunos, com esta peça sobre a Matemática os meninos, de uma forma lúdica, vivenciaram problemas que a Matemática acarreta no dia-a-dia da população. As crianças deverão ser sensibilizadas às práticas artísticas e estas deverão fazer parte do currículo, seja como observadores ou praticantes pois, desta forma, como referem Landier e Barret (1999, p.12), “o desenvolvimento — num meio associativo ou escolar — das mais variadas actividades expressivas e artísticas (música, canto, dança, expressão dramática, teatro) permite algumas esperanças sobre a revivescência do senso criativo no nosso país”.

Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

Língua Portuguesa

A professora titular desta disciplina dispensou-nos da aula, alegando que os alunos iriam realizar um teste de avaliação.

Matemática

A docente iniciou a aula solicitando a resolução de exercícios relacionados com os polígonos e com a classificação de triângulos. De seguida, a professora elaborou no quadro uma tabela síntese com o intuito de rever a classificação de triângulos, por fim, falou e demonstrou de forma breve, os eixos de simetria dos triângulos.

História e Geografia de Portugal

A professora descreveu a vida quotidiana em Portugal no século XIII. Os alunos resolveram exercícios relacionados com o tema tratado, no caderno de atividades. Porém, durante esta tarefa, dois alunos começaram a insultar-se mutuamente, até que um deles começou a chorar e o outro teceu comentários vitoriosos. Perante esta situação a docente conversou com a turma sobre o *bullying* e pediu aos alunos que elaborassem um relatório sobre o sucedido.

Estudo Acompanhado

Esta área é dividida pelas professoras de Língua Portuguesa e de Matemática, sendo que cada uma das professoras estava presente durante 45 minutos: Neste dia os alunos limitaram-se a resolver os trabalhos de casa.

Inferências

Na aula de História e Geografia de Portugal a docente deparou-se com uma situação que não é desejável, o comportamento dos alunos não correspondeu ao pretendido. A escola tem o direito e o dever de educar para os princípios e valores que a sociedade necessita. Muitas vezes falar com os alunos não chega, existem estratégias que podem melhorar o ambiente relacional entre alunos tais como a criação de uma assembleia, que como refere Sanches (2001, p.67), é um momento no qual “cada um poderá assumir o papel do outro e vivenciar de diferentes maneiras de actuar e decidir perante a mesma situação (...)”.

Quarta-feira, 8 de fevereiro de 2012

Língua Portuguesa

Nos primeiros cinquenta minutos da aula, os alunos resolveram exercícios sobre as classes e subclasses de palavras. No momento seguinte, foi apresentado um trabalho individual, em que uma aluna fez referência a uma obra lida por si, fazendo um resumo da história e dando a conhecer alguns dados biográficos da autora dessa obra. A professora fez referência a estratégias que a aluna podia ter utilizado para cativar os colegas e promover o interesse pela obra, tais como uma boa colocação de voz e interpretação de personagens.

Ciências da Natureza

Durante esta aula os alunos realizaram exercícios de revisão para o teste, retirados do manual, a professora foi verificando as tarefas executadas pelos alunos.

Inferências

Na escola as crianças devem conhecer e explorar variados textos ou livros e depois partilhar com os restantes colegas, deste modo, como refere Azevedo (2008, p.81), é enfatizada “a necessidade de os alunos serem incentivados a experimentar uma relação afectiva com os textos, verbalizando e partilhando, com os colegas, as razões emotivas e afectivas pelas quais um texto pode ser amado ou detestado”.

Sexta-feira, 17 de fevereiro de 2012

História e Geografia de Portugal

Neste dia eu e as minhas colegas do grupo de estágio falámos sobre o tema da Revolução de 1383-1385. Fizemos uma representação com fantoches, abordando os principais motivos pelo qual se deu a revolução. Depois, eu foquei as consequências que os maus anos agrícolas trouxeram à sociedade, as causas e consequências da peste negra e apresentei um esquema das causas da crise económica e política instaurada neste período. De seguida a Sofia explicou os motivos pelos quais existiu um problema de sucessão aquando da morte do rei Dom Fernando, os grupos apoiantes dos candidatos ao trono e a forma como se confrontaram. Continuou com a análise de algumas crónicas de Fernão Lopes e pediu aos alunos que escrevessem no caderno o significado de “crónica”. Por fim, a Ana referiu invasões castelhanas, salientando as suas causas e consequências.

Ciências da Natureza

Eu e as minhas colegas lecionámos uma aula sobre os tipos de folha e as particularidades da sua constituição. A Sofia apresentou um *powerpoint*, no qual mostrou as partes constituintes da folha, solicitando aos alunos que definissem as mesmas. Seguidamente distribuiu um herbário por cada aluno, e as crianças legendaram a folha apresentada no herbário e escreveram a definição de cada parte.

De seguida, a Ana explicou os tipos de nervura das folhas, pedindo aos alunos que as observassem no herbário e as classificassem de acordo com a chave dicotómica facultada. Seguidamente a Ana deu uma breve explicação sobre o tipo de recorte e os alunos prosseguiram a classificação das folhas.

No último momento desta aula eu apliquei uma estratégia muito semelhante à anterior, mas relativamente à forma do limbo. Para terminar, expliquei sucintamente o conceito de fotossíntese.

Inferências

Ao longo da aula de Ciências da Natureza procurámos ir ao encontro do pressuposto na educação em Ciências, como menciona Jorge (1991, p.36), os alunos devem, entre outras, “desenvolver capacidades como, por exemplo, testar ideias, formular hipóteses, observar, planear e realizar experiências, problematizar, controlar variáveis, interpretar informação, conceptualizar, pensar afinal”, os alunos nesta aula observaram e manusearam folhas podendo, desta forma, compreender no real o conteúdo da aula.

Segunda-feira, 27 de fevereiro de 2012

Matemática

Neste dia o conteúdo trabalhado foi os números racionais, a professora utilizou o manual no quadro interativo. Primeiro procurou saber os conhecimentos dos alunos acerca de frações, tendo escrito uma fração e questionando-os acerca dos termos da mesma; como surgiram dificuldades na resposta a docente solicitou aos meninos que copiassem a fração para o caderno diário e a legendassem corretamente. Seguidamente, as crianças resolveram um problema do manual e a professora cronometrou o tempo de resolução. Um aluno dirigiu-se ao quadro a fim de resolver a operação referente à fração apresentada, fazendo a leitura do número, embora não tenha referido as casas décimas.

Língua Portuguesa

Nesta aula, a professora falou sobre a classe fechada de palavras: preposições, distinguindo as preposições simples das contraídas. Posteriormente, projetou no quadro interativo uma grelha síntese das classes de palavras referidas e alguns exemplos, solicitando aos alunos a copiassem para o caderno diário.

Inferências

O problema de Matemática que as crianças realizaram estava relacionado com o conteúdo lecionado na aula, o manual neste caso foi um auxiliador do professor, como referem Boavida et al. (2008, p.31), é importante que o professor use o manual de modo eficaz, questionando-se se com as tarefas abordadas no manual “os alunos irão envolver-se activamente de modo a trabalhar as principais ideias Matemáticas”.

Terça-feira, 28 de fevereiro de 2012

Língua Portuguesa

Nesta aula trabalhou-se a classe fechada de palavras, seguindo o tema da aula anterior, a estratégia utilizada pela professora foi a resolução de exercícios. Seguidamente, explicou as noções associadas às preposições: espaço, tempo e companhia. Depois deste momento de aprendizagem a turma dirigiu-se à sala do 3.º ano, e aconteceu mais uma sessão do “Clube de Leitura”, intitulada “Estórias e papeinhos”. Esta atividade tinha como objetivo a criação de uma quadra a partir de uma imagem, os alunos compuseram as quadras agrupados em conjuntos de três elementos.

Matemática

Durante esta aula os alunos corrigiram os trabalhos de casa e realizaram exercícios sobre frações, utilizando o manual da disciplina.

História e Geografia de Portugal

Esta aula foi totalmente dedicada à correção dos trabalhos de casa.

Inferências

Os alunos devem fazer exercícios adequados de uma forma a aplicarem o que foi aprendido. Na aula de Matemática e de História e Geografia de Portugal os meninos corrigiram e efetuaram exercícios, Garcia (1999) citado por Caldeira (2009a, p.212) refere que, “a finalidade do professor é arranjar as ligações adequadas e reforça-las, de modo a que os alunos recebam, uma prática adequada, proporcionando no ensino da Matemática o tipo adequado de exercícios”.

Quarta-feira, 29 de fevereiro de 2012

Língua Portuguesa

Um dos alunos questionou a professora acerca da pronúncia de uma palavra. Tentando explicar à turma a diversidade da Língua Portuguesa, quer relativamente ao vocabulário quer quanto ao sotaque (divergente consoante as regiões portuguesas), a docente disse que a língua é viva. Seguidamente a professora abordou o recado e fez uma apresentação em *powerpoint*, apresentando exemplos, depois pediu aos alunos que se orientassem pelas sugestões expostas no manual e elaborassem um recado dirigido a um familiar. Depois de concluída a tarefa, a professora afixou os recados escritos pelos alunos no placard da sala.

Ciências da Natureza

Dando seguimento ao tema explorado numa aula anterior, a professora mostrou aos alunos as partes que constituem a flor, permitindo que circulassem por todos os alunos. Dando por terminado o estudo das plantas com flor, a docente prosseguiu, introduzindo o tema das plantas sem flor. Para tal, reuniu numa mesa alguns musgos e fetos para que os alunos os pudessem observar com uma lupa.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa uma vez mais a docente utilizou o manual escolar. Sendo o manual escolar um dos principais instrumentos de trabalho em sala de aula, o seu aproveitamento em excesso tem vindo a provocar, de acordo com Bastos (1992, p.166), “uma completa submissão de toda a actividade docente aos conteúdos por ele veiculados, substituindo uma programação cuidada do professor face aos alunos que tem perante si”, o que se verifica é que o professor deixa de lecionar conteúdos e deixa de usar estratégias conducentes de ensino-aprendizagem, o que muitas vezes acaba por ter repercussões na atenção demonstrada pelos alunos e na sua intenção de aprender.

Quinta-feira, 1 de março de 2012

Matemática

Esta aula foi dedicada à resolução de operações de dividir, porém, no entanto alguns alunos não as souberam efetuar. Depois de trabalhadas as divisões, a docente explicou como se realiza a prova pela operação inversa e solicitou aos alunos que utilizassem a máquina de calcular.

Inferências

A docente nesta aula solicitou que os alunos utilizassem a calculadora. O aproveitamento da calculadora está previsto no programa, no entanto, como refere Fernandes (2000, p.71), “a calculadora não surge como um instrumento pedagógico, mas como um elo entre a sociedade e a escola, sendo a sociedade o factor determinante e responsável por essa ligação”, assim, o docente deverá e poderá usar este recurso com restrições, na medida em que, como menciona a mesma autora, “a sociedade apresenta-se como um dos motores de mudança da própria escola e é neste contexto que se deve localizar a calculadora no ensino”.

Sexta-feira, 2 de março de 2012

História e Geografia de Portugal

Esta aula foi lecionada por mim e pelas minhas colegas de estágio e foi assistida pelas professoras orientadoras de estágio, o tema da aula foi a vida e organização de Portugal no século XIII.

A Sofia começou por explicar a estratificação da sociedade medieval, mostrando uma pirâmide questionou os alunos sobre a imagem. Depois explicou a organização do reino de Portugal no século XIII, apresentando as definições de reguengos, honras, coutos e concelhos. Fazendo alusão ao início da época medieval, a Sofia levou os alunos a falarem sobre as razões pelas quais se formaram os concelhos, para terminar a sua aula distribuiu por todos os alunos uma carta de foral escrita em papel de pergaminho. Posteriormente, eu prossegui a aula com a leitura do documento entregue pela Sofia, fiz perguntas de interpretação acerca do mesmo de forma a evidenciar os direitos e deveres dos homens dos concelhos (vizinhos). Para finalizar, expliquei a organização dos concelhos, fazendo algumas analogias com a realidade atual. A Ana orientou o último momento da aula, começou por questionar os alunos acerca das diferenças entre as atividades dos concelhos rurais e dos concelhos urbanos, apresentando definições de zona rural e zona urbana. Seguidamente, referiu a importância do comércio externo e interno no século XIII e apresentou uma carta de feira, procedendo à sua leitura e interpretação. Para terminar mostrou um mapa de feiras do século XII e do século XIII, explorando as razões pelas quais existiram mais feiras num determinado século.

Ciências da Natureza

Eu e as minhas colegas lecionámos uma aula assistida pelas professoras orientadoras da prática pedagógica sobre o microscópio.

Tentei contextualizar o aparecimento do microscópio num período histórico, mostrando uma imagem do seu criador. Falei sobre a evolução do microscópio dando a conhecer a biografia de cientistas que o conceberam. Levei os alunos a verbalizarem a função do microscópio e apresentei uma definição sucinta de célula. A Ana fez uma apresentação em *powerpoint*, exibindo uma imagem do microscópio ótico composto, com o intuito de explicar as funções dos seus constituintes. Numa tarefa seguinte os alunos legendaram o microscópio com os nomes dos constituintes e respetivas funções. Os alunos visualizaram um microscópio e a Ana aduziu as regras de utilização e os cuidados a ter.

Para terminar, a Sofia dividiu os alunos em grupos de dois para efetuarem a atividade experimental, usando os microscópios. Um aluno demonstrou como se deve transportar um microscópio, relembrando as regras aduzidas pela Ana. De seguida, distribuiu por cada aluno um protocolo experimental cujo objetivo era a preparação da epiderme da cebola e a sua observação microscópica.

Inferências

Na aula de História e Geografia de Portugal, os alunos foram questionados várias vezes sobre as suas opiniões quanto ao tema que se estava a abordar. Muitas das perguntas foram dirigidas para o quotidiano das crianças. As questões e o desenvolvimento das mesmas serviram para iniciar o estudo do tema, como referem Fabregat e Fabregat (1991, p.33), “o aluno já possui uns conhecimentos mínimos, conhecimentos sobre que incidiremos o andamento da aula teórica, e a palavra andamento é a que melhor define o caminho a percorrer na ampliação de conhecimentos”.

Na aula de Ciências da Natureza, foi importante os alunos praticarem e aplicarem os novos conhecimentos através da preparação e da observação do microscópio, como referem Woolnough e Allsop (1985) citados por Pedrosa (2001 p.27), é “necessário recorrer-se a actividades práticas de natureza diversificada, para além das integradas em investigação genuína, designadamente exercícios, experiências ilustrativas e/ou comprovativas”.

Terça-feira, 6 de março de 2012

Língua Portuguesa

Esta aula foi concedida às atividades do “Clube de Leitura”, na sala do 4.º ano. Os alunos do 4.º ano tinham preparado, para apresentar aos alunos do 5.º ano, uma representação de um conto tradicional e de uma fábula.

Matemática

Nesta aula a Sofia abordou o tema das frações equivalentes. Utilizou como material de apoio à aula, o 5.º Dom de Fröebel com o objetivo de os alunos concretizarem e demonstrarem a noção de fração. Utilizando uma linguagem Matemática, a Sofia solicitou que os alunos comparassem e fizessem equivaler frações, e orientou a construção da Igreja. Num momento seguinte a Sofia fez uso do *Cuisenaire*, realizando diversas situações de equivalência de frações.

História e Geografia de Portugal

A professora continuou a abordagem do tema “Portugal no século XIII”, através de um diálogo com os alunos, tendo como orientação o manual.

Estudo Acompanhado

Este momento letivo foi dedicado ao tema frações equivalentes, a professora utilizou o quadro interativo, projetando o manual digital e explicando como se calculam estas frações, seguidamente os alunos realizaram exercícios do manual.

Inferências

A Matemática deve ser investigada pelos alunos. A Sofia concedeu espaço para a investigação e exploração de materiais didáticos como o *Cuisenaire*, segundo refere Caldeira (2009, p.245), “o material *Cuisenaire* pode ser utilizado em «demonstrações» feitas pelo professor, mas não será demais lembrar que ele foi concebido principalmente como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos”.

Quarta-feira, 7 de março de 2012

Língua Portuguesa

A Ana lecionou a Banda Desenhada (B.D.) e a classe e subclasses dos advérbios. Começou por fazer um *brainstorming*, questionando os alunos acerca dos seus hábitos de leitura e o significado dos balões em B.D., registando no quadro as ideias das crianças. No seguimento da aula, demonstrou, através de um *powerpoint*, as vinhetas, as tiras, a prancha, a legenda e o cartuxo. Explicou o significado de cada balão, das onomatopeias e dos símbolos cinéticos. De seguida, solicitou que os alunos lessem uma página de B.D. contemplada no manual. Recordou as categorias da narrativa. No final, apresentou em *powerpoint* a classe dos advérbios e as suas subclasses.

Ciências da Natureza

A docente reviu com as crianças os fatores que condicionam o meio. No final, solicitou que os alunos verificassem os efeitos nas plantas e na germinação do feijão, pelos condicionantes do meio.

Inferências

A Ana aquando do *brainstorming* sublinhou as ideias que pretendia abordar na aula, como refere Sanches (2001, p.51), o docente deve deixar falar os alunos sobre o tema que vai abordar “e registar no quadro aquilo que vai sendo dito, sublinhar o que

pretendemos realçar como ponto de partida... ou de chegada..., explorar, fazer a síntese. Está o caminho aberto para traçar várias pistas de abordagem (...). Deste modo as crianças refletem, antes de uma introdução, sobre o conteúdo.

Terça-feira, 13 de março de 2012

Língua Portuguesa

Neste dia a Sofia efetuou um *brainstorming* sobre as características do diário. Posteriormente, solicitou às crianças que lessem uma página de um diário presente no manual e pediu aos alunos para verificarem se todas ideias escritas no *brainstorming* estavam contempladas no diário.

Através de um *powerpoint*, evidenciou o que é um retrato e como se efetua a descrição física e psicológica. No final da aula, entregou, a cada criança, uma ficha que pedia aos alunos a elaboração de uma página do diário e o retrato físico e psicológico de um colega.

Matemática

Neste dia, lecionei as frações irredutíveis. Como estratégia da aula optei por utilizar os algarismos móveis e o material *Cuisenaire*. À medida que ia explicando os alunos aplicaram, através do material, os conhecimentos novos. Verifiquei que um aluno utilizou a máquina de calcular, pelo que pedi para a guardar.

História e Geografia de Portugal

Nesta aula, a docente verificou e corrigiu os trabalhos de casa.

Estudo Acompanhado

Neste momento, os alunos ensaiaram uma dramatização sobre o PI para apresentarem no dia seguinte.

Inferências

Na aula de Matemática, o aluno utilizou a calculadora sem ter sido solicitado, o uso da calculadora tem de ser muito bem gerido por parte do professor, como refere Fernandes (2000, p.73), “uma utilização «a torto e a direito» da calculadora pode reduzi-la rapidamente a um papel de «engenhoca», o que é nefasto e provoca a regressão de técnicas operatórias adquiridas à custa de muito esforço”. Deste modo, a calculadora pode ser um auxiliar na sala de aula pois, como menciona a mesma autora, “permite libertar a aprendizagem e o ensino de conceitos matemáticos do peso excessivo do cálculo” (p.73), o que não foi o caso.

Quarta-feira, 14 de março de 2012

Ciências da Natureza

Neste dia, a docente realizou exercícios como preparação para o teste de avaliação. A resolução foi concluída com base no jogo “O elo mais fraco”.

Inferências

O professor pode e deve alterar as suas estratégias de atuação na sala de aula, a docente ao conduzir a aula através de um jogo criou uma diferente motivação dos alunos para realizarem os exercícios, como menciona Morgado (1999, p.44), “cumprir ao professor o estabelecimento de uma atitude de *permanente ponderação* dos seus *valores*, dos seus *saberes*, das suas *práticas*, etc.”

Terça-feira, 20 de março de 2012

História e Geografia de Portugal

Neste dia, lecionámos uma aula de motivação para o estudo dos descobrimentos portugueses. Dirigimo-nos ao ginásio realizando uma dramatização envolvendo os alunos. No final os alunos jogaram ao “Caça ao Tesouro”.

Estudo Acompanhado

No princípio, a docente de Matemática distribuiu às crianças uma ficha de exercícios associados ao concurso das olimpíadas da Matemática. Já em Língua Portuguesa, um aluno elaborou a apresentação da obra *Uma aventura incrível*, de Jerónimo Stilton.

Inferências

O estágio permite-nos verificar, refletir e pôr em prática as estratégias que nos são transmitidas na teoria. É importante que assim o seja, como refere Charlier (2001, p.96), “a formação é concebida de modo a alternar os períodos de formação e de prática profissional, o que facilita a ligação formação-prática”. Assim, os professores podem “experimentar no seu local de trabalho os trabalhos realizados na formação, e dá-lhes oportunidade de formalizar na formação as experimentações realizadas em sala de aula, de aperfeiçoá-las para preparar outras”.

Quarta-feira, 21 de março de 2012

Língua Portuguesa

Neste dia, lecionei as características do texto memorialista aproveitando-me do texto diarístico. No início, os alunos leram o texto “Xarope de cenoura”, de José

Fanha, presente no manual, posteriormente, realizei a leitura modelo. De seguida, relembrei as características do diário e efetuei questões de interpretação acerca dos sentimentos descritos no texto. Aclarei as características do texto memorialista e os alunos leram o excerto de um diário que referia várias memórias de cheiros e sabores. As crianças, após estas atividades, escreveram uma memória pessoal. Posteriormente, os alunos leram os textos e sempre que necessário relembrei as características do texto memorialista.

No final, mostrei um *powerpoint* para lembrar os grupos constituintes da frase.

Ciências da Natureza

Neste dia, os alunos elaboraram um cartaz alusivo ao dia mundial da árvore, da floresta e da poesia. Os alunos escreveram um poema coletivo para a criação do cartaz. No final, a docente entregou os testes e corrigiu-os oralmente.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa os alunos realizaram uma leitura prévia. É de extrema importância a leitura realizada por parte dos alunos na sala de aula assim como a leitura por prazer, como mencionam Reis e Adragão (1992, p.87), “na escola, dois tipos de leitura, igualmente importantes, são possíveis: por um lado a leitura que pressupõe uma valorização da técnica e do rigor de análise e, por outro, a leitura espontânea”. Estas leituras deverão estar interligadas de forma a não serem separadas, “pois a reflexão e o estudo de uma dada obra não dever[á] impedir a fruição que ela proporciona”.

1.8. 8.ª Secção

1.8.1. Descrição da secção

Esta secção destina-se aos relatos diários respeitantes ao estágio realizado no 1.º Ciclo no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, estes relatos encontram-se seguidos de inferências fundamentadas por citações de autores.

Período de estágio: de 10 de abril a 22 de junho de 2012

Faixa etária: 9/10 anos

Ano: 4.º

Turma: B

Professora Cooperante: Filipa

1.8.2. Caracterização da turma

A turma é constituída por 20 alunos, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

Os alunos que frequentam o 1.º Ciclo são, na maioria, os alunos que já frequentaram a Infantil. Consideram-se, no entanto, algumas exceções, como as transferências de um outro colégio. Nesta turma, 19 alunos frequentam o Jardim-Escola desde os 3 anos, com exceção de um, que entrou no 2.º ano de escolaridade. No quadro 11 apresenta-se o horário da turma.

Quadro 11 — Horário da turma do 4.º ano, no Jardim-Escola de Alvalade

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m 11h30m	Tempo de jogos				
11h30m 13h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	Almoço/recreio				
14h30m 15h30m	História de Portugal	Clube de Ciências	Inf./Biblioteca	História de Portugal	Estudo do Meio
15h30m 16h30m	Música	Inglês	Expressões Plásticas	Estudo do Meio	Ed. Física
16h30m 17h00m	Orquestra	Assembleia	Expressões Plásticas	Estudo do Meio	História de Portugal
17h00m	Lanche				

1.8.3. Relatos diários

Terça-feira, 10 de abril de 2012

A docente conversou com os alunos sobre as atividades desenvolvidas durante o período de férias da Páscoa. Posteriormente, corrigiu os trabalhos de casa. De seguida, os alunos fizeram uma simulação das provas de aferição de Matemática e de Língua Portuguesa.

Inferências

A professora foi ao encontro do programa nacional de Língua Portuguesa quando pediu que os alunos se expressassem oralmente. De acordo com o programa (2008, p.47), os alunos devem “produzir discursos com diferentes finalidades de acordo com intenções específicas: i) expressar diferentes sentimentos e emoções; ii) relatar, recontar, contar; (...) iii) descrever; (...) iv) para partilhar informações e conhecimentos”, quando os alunos descreviam e partilhavam as suas férias estavam a dar a conhecer os locais, os sentimentos e as emoções que tinham vivido aos colegas.

Sexta-feira, 13 de abril de 2012

Na primeira parte da manhã, os meninos fizeram uma ficha de preparação para a prova de aferição de Matemática.

A professora, terminada a ficha, reviu a matéria lecionada na aula anterior sobre quantificadores. Os alunos analisaram morfossintaticamente várias palavras de um texto que pertenciam à classe de palavras quantificadores e subclasse de palavras numeral.

No final da manhã, a docente efetuou um ditado de um texto.

À tarde, a professora solicitou que os meninos abrissem o livro de História de Portugal nas páginas sobre as invasões francesas e que sublinhassem o que ia salientando no quadro interativo. Para terminar o dia, os meninos iniciaram a construção de uma apresentação em *powerpoint* ao mesmo tempo a professora ia demonstrando como se fazia no quadro interativo.

Inferências

As novas tecnologias fascinam as crianças, é de todo o interesse da escola proporcionar aos seus alunos momentos de aprendizagem através das novas tecnologias. No entanto, a docente terá de escolher o tipo de programa adequado às crianças, como refere Silveira-Botelho (2009, p.122), “para além dos programas utilitários mais comumente utilizados pelos adultos (...) e que são igualmente úteis e adequados para serem utilizados por crianças, (...) cabe ao educador seleccionar alguns programas, de carácter especificamente educativo”.

Terça-feira, 17 de abril de 2012

Neste dia a Patrícia começou por rever as classes e subclasses de palavras e introduziu os quantificadores existenciais. Através do *powerpoint* projetou a definição de quantificador. Apresentou alguns exemplos da classe e correspondente subclasse de palavras supracitadas. No final, pediu que os alunos escrevessem frases aplicando alguns quantificadores existenciais facultados por ela.

Em Estudo do Meio, a Patrícia questionou os alunos sobre o conceito de Emigração/Imigração. Explicou os diferentes tipos de emigração mediante uma apresentação de *powerpoint*. Referiu o significado de natalidade, no entanto, quando questionada por uma criança sobre a origem da palavra, negou a sua afirmação, mencionando que “natalidade” nada tem a ver com “natal”

No final, a Patrícia explicou o cálculo de números complexos para incomplexos. No momento em que foi confrontada com as questões dos alunos respondeu “É assim que se faz”.

Inferências

A prática pedagógica serve para que os futuros professores possam verificar os seus erros e posteriormente os corrigir, como menciona Altet (2001, p.32), “a formação «parte da prática» e «faz refletir sobre as práticas reais». Ela deve «explicar as práticas através da mediação de um questionamento, de uma explicitação»”. A Patrícia podia ter optado por outra estratégia pois, os alunos questionaram-na porque não estavam a perceber o que lhes estava a ser transmitido. A reflexão seguida à aula serve para entender o que se pode melhorar.

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

Na aula de Língua Portuguesa, a Joana lecionou a diferença e transformação da voz ativa para a voz passiva. Nos exemplos que apresentou não realizou a análise sintática das frases, tendo os alunos demonstrado algumas dúvidas sobre o conteúdo. No final, entregou uma ficha formativa às crianças.

Na aula de Matemática, solicitou que os alunos realizassem algumas situações problemáticas sobre números complexos e incomplexos.

No final, através de um jogo, explorou o tema “os países lusófonos”.

Inferências

Nestas idades, tanto como noutras, é importante o docente criar estratégias de ensino-aprendizagem facilitadoras, se a Joana realizasse a análise sintática das frases, provavelmente, os alunos compreenderiam melhor o tema abordado pois, como mencionam Reis e Adragão (1992, p.64), “o ensino tem de prestar atenção a uma série de dificuldades na apreensão de regras, conseguida mais por esforço de fixação do que por compreensão”.

Terça-feira, 24 de abril de 2012

Nesta manhã os alunos realizaram uma ficha de preparação para a prova de aferição de Língua Portuguesa.

No momento letivo seguido ao intervalo a Joana lecionou a aula de Estudo do Meio, pois não tinha lecionado esta aula no dia anterior como estava previsto.

Inferências

As fichas de preparação servem para o aluno praticar exercícios e, não menos importante, para o professor compreender e avaliar quais as dúvidas e dificuldades que as crianças carecem, como mencionam Ponte e Serrazina (2000, p.225), “a avaliação é um processo regulador da aprendizagem que envolve planeamento, recolha de informação, interpretação de resultados e tomada de decisões”. Deste

modo, estas situações muitas vezes servem como ponto de partida para ação do docente, em sala de aula, no âmbito ensino-aprendizagem.

Sexta-feira, 27 de abril de 2012

Neste dia lecionei três aulas referentes às áreas da Matemática, do Estudo do Meio e da Língua Portuguesa.

Na área da Língua Portuguesa, os alunos procederam à leitura de um texto informativo sobre as diferenças entre massa e peso. Seguidamente trabalhei a interpretação do texto focando os mesmos conceitos. Este momento suscitou algumas dúvidas por parte dos alunos que tentei ajudar a superar falando da força gravítica e relacionando-a com as informações dadas no texto. Embora tenha recorrido à interdisciplinaridade durante a interpretação do texto, depois da mesma, explorei conteúdos gramaticais, colocando questões orais aos alunos.

Relativamente à aula de Matemática, revimos a grelha das medidas de massa, recordamos a unidade principal das medidas de massa, e os alunos realizaram exercícios de conversão de unidades de medida de massa.

Na área da Estudo do Meio pus em prática uma atividade experimental de modo a que os alunos pudessem entender, através de uma linguagem científica e dos objetos usados (balanças, pedras, garrações com água) que a massa de um corpo é constante e o seu peso pode variar, no entanto não consegui terminar esta aula.

No período da tarde, os alunos resolveram exercícios de Matemática inspirados nas provas de aferição de anos anteriores.

Ainda durante a tarde os alunos preencheram um texto lacunar, no âmbito da História de Portugal, sobre o reinado de D. João VI.

Inferências

Na aula de Ciências o tipo de comunicação efetuada entre mim e os alunos pautou-se pelo rigor dos termos científicos. É importante no ensino das Ciências que a comunicação do professor seja objetiva, clara e científica pois, como menciona Oliveira (1991, p.162), “o trabalho do professor será (...) ajudar os alunos a usar a linguagem para organizar discursivamente a experiência e o pensamento”. Deste modo, os alunos devem abordar os temas com a exatidão que é pedida na área de Ciências.

Sexta-feira, 3 de maio de 2012

Neste dia pude terminar a aula de Estudo do Meio que tinha começado no dia 27 de abril.

Os alunos leram os protocolos experimentais e verificaram o material necessário para realizar a experiência. Ao longo da experiência coloquei questões aos alunos, e estes foram seguindo os procedimentos da experiência e verbalizando o que acontecia. A certa altura senti necessidade de explicar a equivalência de Newton (N) com as medidas de massa, pois os dinamómetros usados na experiência estavam em newtons.

Depois da realização da experiência a professora apresentou aos alunos duas fichas de trabalho acerca dos reinados de D. Pedro IV e D. Miguel.

Inferências

A necessidade de explicar a equivalência de Newton com as medidas de massa surgiu ao longo da aula. Os alunos podem no seu dia-a-dia deparar-se com situações em que a escala utilizada seja o Newton e, necessitarem de fazer uma conversão de medida, por isso, como referem Martins et al. (2007, p.19), a Ciência tem como uma das finalidades no seu ensino “promover a construção de conhecimentos científicos e tecnológicos que resultem úteis e funcionais em diferentes contextos do quotidiano”.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

Os alunos iniciaram esta manhã letiva corrigindo os trabalhos de casa de Língua Portuguesa.

Depois da correção dos trabalhos de casa a docente trabalhou oralmente com os alunos a ordem alfabética de palavras.

A professora explicou os procedimentos e regras que os alunos terão de cumprir durante a realização da prova de aferição.

Da parte da tarde, os alunos procederam à correção da ficha de preparação para a prova de aferição de Língua Portuguesa.

Inferências

As fichas de preparação assim como as revisões têm grande importância no ensino-aprendizagem, mas para tal a criança precisa de ser elucidada sobre o que é rever pois, como refere Meirieu (1998, p.82), “o problema da «revisão», que muitos jovens têm dificuldade em perceber, é que rever é reconstruir e não simplesmente uma tentativa para recordar conhecimentos anteriormente adquiridos”. A professora pode e deve explicar qual a intenção das revisões, de modo a que as crianças sintam que são úteis.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

Neste dia os alunos do 4.º ano realizaram a prova de aferição de Matemática e como não podíamos estar presentes na sala de aula onde acontecia a prova, realizámos o estágio deste dia na sala do 3.º ano B, com a professora Francisca.

Nesta sala assistimos a um “tribunal”, a professora falou sobre uma situação da vida real e os alunos, divididos em dois grupos, tiveram que defender as suas ideias com o objetivo de encontrar uma solução para o problema apresentado pela professora, e fazer valer as suas opiniões através de argumentos válidos. Num momento seguinte, utilizando o espaço do recreio, a professora propôs um exercício para recordar e treinar as tabuadas.

Da parte da tarde, regressámos à sala do 4.º ano B, e os alunos continuaram a corrigir os trabalhos de casa.

Inferências

No momento em que os alunos realizaram a pequena teatralização de um “tribunal”, foi-lhes proporcionado desenvolverem a sua comunicação oral e argumentação. As crianças necessitam de treinar a comunicação oral e falar, sendo que, como refere Figueiredo (2004, p.54), “ser competente a este nível é ter capacidades de, numa situação de comunicação determinada, adaptar-se às características do contexto e do referente (...), mobilizar modelos discursivos (...) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas”.

Terça-feira, 15 de maio de 2012

Nesta manhã a Sofia orientou a manhã de aulas e lecionou as três áreas. Na área de Língua Portuguesa, explorou um texto biográfico de Arquimedes. Depois de realizada a leitura do texto (leitura modelo levada a cabo pela Sofia e leitura realizada pelos alunos) seguiu-se a análise morfossintática e sintática. Posteriormente, a Sofia trabalhou o significado de paronímia, através de um jogo, cujo objetivo era identificar as palavras parónimas, homónimas, homófonas e homógrafas.

Na área da Matemática, a Sofia abordou o tema: volume do cilindro. Reviu o conceito de sólido geométrico, fez a distinção entre sólidos poliedros e não poliedros, e recordou a noção de volume. Por fim descreveu o raciocínio implícito na fórmula do cálculo do volume do cilindro e propôs situações problemáticas.

Na área de Estudo do Meio, realizou uma atividade experimental, e fazendo uso de um protocolo e dos materiais nele discriminados, os alunos puderam verificar a trajetória retilínea que a luz assume.

Durante a tarde, a professora solicitou o preenchimento de um texto lacunar sobre o reinado de D. Maria II, depois da realização deste trabalho escrito a professora falou com os alunos preparando-os para a visita de estudo a realizar-se no dia seguinte.

Inferências

Os alunos ao praticarem o jogo que a Ana criou em Língua Portuguesa estão a aprender gramática de uma forma lúdica e estão a aplicá-la. Como refere Pereira (2001, p.19) citando Fonseca (1994), “aprender a falar uma língua não é interiorizar um sistema de regras gramaticais em abstracto, é adquiri-las como operações condicionantes de uma capacidade de *construir textos* e de, com eles, *modificar situações*”. Deste modo, o aluno não decora mas interioriza os conteúdos gramaticais.

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

Neste dia, lecionei três aulas abordando temas das áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Na Matemática fiz uso do quadro interativo para começar a aula. Numa primeira abordagem à multiplicação e à divisão de potências, apresentei uma imagem interativa, com três árvores e três ninhos. Em cada árvore os alunos colocaram três ninhos e em cada ninho três ovos. Depois solicitei que os alunos transformassem em palavras o que a imagem demonstrava até chegar ao conceito de potência; para depois passar à explicação da regra da multiplicação e divisão de potências.

Na área da Língua Portuguesa, fiz a leitura modelo de um texto e seguidamente os alunos também o leram. Trabalhei a análise morfosintática e sintática. Apresentei um *powerpoint*, expliquei as regras da pronominalização e realizei alguns exercícios.

Na aula de História de Portugal, expus uma apresentação em *powerpoint* sobre D. Luís I, explicando de que forma este rei alcançou o trono e como manteve o seu reinado.

Inferências

Os alunos dos 3.º e 4.º anos, no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, têm as salas preparadas com um quadro interativo. A sociedade do conhecimento está sempre em desenvolvimento, cabe à escola acompanhá-la tendo como finalidade uma melhoria no processo ensino-aprendizagem. Deste modo, como refere Lagarto (2007, p.8), “se a Escola conseguir acolher e desenvolver no seu seio os novos instrumentos e metodologias disponíveis, os alunos que deles usufruírem serão com certeza cidadãos melhor preparados para a vida”. A escola deverá ser veículo de mudança da

sociedade em que está inserida e para isso deve aproveitar todo o tipo de suportes, tal como os quadros interativos.

Terça-feira, 22 de maio de 2012

A manhã iniciou-se com a correção dos trabalhos de casa de Matemática. Seguidamente a professora entregou os testes de avaliação de Língua Portuguesa com as respetivas avaliações e num breve diálogo com os alunos explicou-lhes que deviam mostrar os elementos de avaliação aos pais e/ou encarregados de educação.

No momento seguinte os alunos realizaram uma ficha de revisões para o teste de Matemática, e a professora disse aos alunos que tinham de explicar todos os raciocínios e passos efetuados para chegar às respostas das situações problemáticas apresentadas.

Para terminar o dia, a docente realizou a correção oral do teste de avaliação de Língua Portuguesa.

Inferências

A professora explicou o que pretendia que os alunos efetuassem no teste. Assim, as crianças sabem o que está a ser avaliado e o que é pretendido. Como menciona Lemos (1986, p.64), “todos os instrumentos que serviram para o professor obter informações acerca do aluno, portanto tudo o que foi alvo de avaliação deve ser do conhecimento prévio do aluno. O professor não pode usar dados que não sejam do conhecimento do aluno (...)”. Deste modo, o aluno tem conhecimento das “regras do jogo”.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Neste dia a Raquel lecionou uma aula com a duração de uma hora, abordando as três áreas do conhecimento, esta aula foi assistida pelas professoras orientadoras da Prática Pedagógica e como tal foi alvo de apreciação e avaliação.

A Raquel começou por dar a aula de Língua Portuguesa, os alunos leram um texto autobiográfico do rei D. Carlos; depois seguiu-se a interpretação do texto, durante a qual a Raquel destacou os conteúdos de História de Portugal, durante este momento da aula a Raquel evidenciou o tipo de texto apresentado, depois trabalhou a análise morfosintática e sintática.

Na área de História de Portugal, falou sobre o reinado do rei D. Carlos, explanando as situações que levaram ao acontecimento do regicídio.

Na área de Matemática, a Raquel expôs a média aritmética pela primeira vez a esta turma, explicou o conteúdo a partir de uma apresentação em *powerpoint*. No fim

da apresentação solicitou que os alunos resolvessem uma situação problemática, calculando a média.

Inferências

A Raquel ao longo da aula foi abordando conhecimentos de todas as áreas, não se cingindo a uma só área, fazendo deste modo uma interdisciplinaridade dos conteúdos. Como refere Tavares (2007, p.113), “a interdisciplinaridade implica a transposição de conhecimentos, de métodos, de análises, entre as disciplinas diferentes”. Esta é facilitadora do processo ensino-aprendizagem.

Terça-feira, 29 de maio de 2012

Nesta manhã a Sofia lecionou a aula assistida pelas professoras orientadoras da Prática Pedagógica, com organização idêntica à da Raquel descrita no dia anterior. A Sofia utilizou um só documento, de modo a abordar as três áreas do conhecimento a partir do mesmo. Elaborou um jornal cuja notícia da primeira página era o texto que explorado em Língua Portuguesa, realizou questões de interpretação colocando a tónica no conteúdo de História de Portugal. Depois realizou a análise morfossintática e sintática com base no texto.

Na área de História de Portugal apelou ao texto apresentado no jornal, fez referência ao Governo Provisório e facultou aos alunos imagens alusivas às medidas tomadas pela 1.^a República.

Na aula de Matemática, a Sofia introduziu o diagrama de caule e folhas, utilizou como material de suporte algarismos móveis. Recorreu ao jornal para que os alunos lessem e resolvessem a situação problemática nele expressa, fazendo uso do diagrama de caule e folhas. Neste momento da aula surgiram algumas dificuldades por parte dos alunos e a Sofia tentou ajudá-los a elaborar o diagrama explicando na oralidade a sua execução.

Inferências

A Sofia baseou a sua aula no estudo de um jornal que remetia à época da 1.^a República, as crianças aderiram a esta estratégia de forma positiva e estiveram com atenção ao que lhes estava a ser exposto, através da leitura de pequenos textos e da interpretação de imagens. Como refere Proença (1990, p.126), um documento histórico “pode ser comentado de várias maneiras; o importante é fazer-se um estudo exaustivo do mesmo e evitar utilizar documentos apenas como ilustração das afirmações do professor”.

Sexta-feira, 1 de junho de 2012

Neste dia, a Raquel lecionou uma aula de Língua Portuguesa cujo tema foi as conjunções. Recordou o conceito de frase e apresentou um *powerpoint* para explicar o que são orações e frases complexas, depois distribuiu uma ficha formativa pelos alunos, com exercícios de transformação de orações em frases complexas a partir de conjunções.

A Raquel lecionou também uma aula de Matemática, abordando o conceito de percentagem. Partiu de um quadrado dividido em cem partes iguais e foi colocando questões acerca dessas partes, de modo a associar essas partes a percentagens. De seguida, propôs situações problemáticas relacionadas com o tema.

Inferências

Na Matemática, como noutras áreas do saber é importante que os alunos construam os seus conhecimentos de modo a elaborarem raciocínios por si próprios, de modo a descobrirem, pois uma vez envolvidos na aprendizagem é mais fácil entenderem, explicarem e colocarem em prática conceitos. Fernandes (2000, p.95) fala do desenvolvimento das formas de raciocínio dos alunos e explica que o raciocínio pode ser, entre outros, dedutivo. Esta forma de desenvolver o raciocínio das crianças em idade escolar, baseia-se na comprovação experimental, ou seja, os alunos estabelecem lógica entre os signos matemáticos. Considero que a estratégia utilizada pela Raquel foi, de certa forma, ao encontro desta teoria, uma vez que os alunos puderam observar e relacionar elementos concretos (figuras geométricas) com símbolos numéricos.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Neste dia a Sofia deu uma aula de Língua Portuguesa subordinada ao tema complemento oblíquo, e uma de aula de Matemática cujo conteúdo conceptual era a proporcionalidade direta.

Na aula de Matemática, a Sofia confeccionou um bolo de chocolate com os alunos, apresentando uma receita para quatro pessoas propôs que refizessem a receita de forma a fazerem o bolo para trinta e duas pessoas. Os alunos calcularam o valor das medidas de uma receita para oito pessoas, depois para dezasseis pessoas e por fim para trinta e duas pessoas. Através de perguntas a Sofia tentou que os alunos entendessem a relação existente entre as medidas calculadas e a partir daí explicou a constante de proporcionalidade e a razão pelo qual existe proporcionalidade direta.

Na área de Língua Portuguesa, a Sofia expôs duas frases retiradas do texto da aula de Matemática, e procurou explicar a função sintática do complemento oblíquo.

Depois apresentou uma ficha formativa cujos exercícios consistiam em completar as lacunas das frases, com as funções sintáticas presentes numa chave previamente apresentada, no final os alunos tinham que identificar o complemento oblíquo de cada frase.

Inferências

A aula de Língua Portuguesa lecionada pela Sofia foi uma aula com algumas falhas em termos de apresentação e exposição de um conteúdo novo para os alunos. Considero que o que aconteceu nesta aula está ligado à falta de uma competência que Bélair (2001, p.60) designa como a competência ligada à disciplina ensinada. Como explica a autora, o novo professor ou aquele que será professor, percorre um caminho de testes e provações que lhe permite desenvolver competências enquanto profissional reflexivo. Deste modo é natural que os estagiários vivam momentos de aprendizagem que lhes permitem repensar práticas e assumir posturas proativas. O que sucedeu à Sofia, (na minha ótica de observador) está relacionado com o facto de ela não ter uma apropriação dos saberes que envolviam o tema e conseguir associar esses saberes ao saber ensinar. Tal como afirma Bélair (2001, p.60) esta capacidade advém de “um planeamento dos conteúdos a serem ensinados através da interdisciplinaridade” bem como de “um conhecimento aprofundado” dos programas, de modo a recorrer aos mesmos indo ao encontro das necessidades dos alunos.

Sexta-feira, 8 de junho de 2012

Neste dia a Sofia e a Raquel lecionaram, cada uma, uma aula de História de Portugal.

A Raquel fez uma apresentação em *powerpoint* sobre as consequências da 1.^a Guerra Mundial para Portugal; a revolta militar de Sidónio Pais e o golpe militar de 28 de Maio. Depois realizou com os alunos uma espécie de jogo da Glória, com o objetivo de os alunos responderem a questões relacionadas com os temas tratados.

A Sofia abordou os seguintes conteúdos: Salazar e o Estado Novo; Constituição de 1933; os limites da liberdade. Também a Sofia apresentou um *slideshow* com imagens e algumas frases chave alusivas aos temas. Depois desta apresentação em *powerpoint* a Sofia realizou um jogo de perguntas e respostas: dividindo a turma em dois grupos, de cada vez que a Sofia fazia uma pergunta um elemento de cada grupo tinha de responder corretamente de maneira a ganhar pontos para a equipa.

Inferências

Embora considere que não foi produtivo o facto de os alunos terem assistido a duas aulas da área de História de Portugal consecutivamente (porque os temas expostos abrangeram uma grande variedade de conceitos e conteúdos e também pelo facto de as aulas serem muito idênticas em termos de apresentação) julgo que a Raquel e a Sofia prepararam as suas aulas de modo a permitir um encadeamento dos temas e um fio condutor de pensamento.

Tal como referem Fabregat e Fabregat (1991, p.18), a preparação de uma aula ativa requer algumas aspetos, como por exemplo, “a elaboração de guiões conceptuais, programações de actividades, tais como os comentários de textos, análise de estatísticas, elaboração de mapas, exercícios de observação directa, etc.”. Neste sentido refiro que as minhas colegas organizaram as suas aulas de modo a aplicar estratégias que desenvolvessem a compreensão e interpretação por parte dos alunos, o que considero positivo.

Terça-feira, 12 de junho de 2012

Neste dia realizei o estágio na sala do 3.º ano B, cuja professora titular é a Francisca.

Durante a manhã assistimos às aulas da estagiária Patrícia, que começou por lecionar a aula de Língua Portuguesa, mostrando a frase escrita: “O que levarias para o fundo do mar?”. Perguntou a uma aluna qual o tempo e o modo da forma verbal. Porém, a Patrícia referiu que a forma verbal “levarias” estava no modo indicativo e tempo condicional. Um aluno tomou a palavra, e afirmou que o modo condicional não assume tempo verbal, mas a Patrícia negou esta afirmação, reafirmando o que tinha dito.

Depois a Patrícia pediu sugestões aos alunos como resposta à pergunta feita, tendo iniciado ela própria o exercício, com o exemplo: “Eu levaria o meu microfone para com os peixes cantar”. Antes de os alunos darem as suas sugestões a Patrícia referiu que não aceitaria respostas “estapafúrdias”. A meio desta atividade houve uma aluna que chegou atrasada e a Patrícia só reparou na sua presença trinta minutos depois, altura em que lhe pediu desculpa por se ter esquecido dela.

Na aula da Matemática, a Patrícia dividiu a turma em grupos e distribuiu uma situação problemática por cada grupo. Depois de ter concedido algum tempo para os alunos resolverem as situações problemáticas, a Patrícia fez a sua correção no quadro, sem explicar, porém, os passos de resolução dos exercícios.

A aula de Estudo do Meio baseou-se na realização de um jogo didático sobre a Monarquia, que consistia em preencher os cartões do Loto com coroas, com o objetivo

de preencher o cartão individual em primeiro lugar, descobrindo o nome do rei segundo as informações fornecidas. A Patrícia pediu aos alunos que atribuíssem um nome ao seu grupo que estivesse relacionado com o tema. Porém, não aceitou as propostas quando os alunos disseram cognomes de reis para nome do grupo.

Inferências

Considero que a estagiária, que lecionou as atividades deste dia, ainda apresenta muitas dificuldades relativamente à prática pedagógica, desde a postura que adota em sala de aula, passando pela comunicação que estabelece com os alunos, até à forma como apresenta os conteúdos das disciplinas.

Debruço-me então sobre a forma como a estagiária se dirigiu aos alunos durante as atividades que lecionou, para dizer que considero como um dos fatores principais de sucesso de uma aula, a interação estabelecida entre professor e alunos, e que nestas aulas essa interação (que pode ser a chave do sucesso de uma atividade) não aconteceu, como explica Sanches (2001, p.37) “se não houver entendimento das várias partes em confronto, não se opera a interação e a interação é a grande responsável pelo crescimento do indivíduo”.

Terça-feira, 19 de junho de 2012

A docente dialogou com a turma sobre o comportamento do dia anterior.

Posteriormente, os alunos realizaram uma ficha de avaliação de Estudo do Meio e quando concluíram, a professora prosseguiu com a resolução de exercícios e de situações problemáticas. Depois, continuou a aula corrigindo o trabalho de casa. Ela solicitou a uma aluna que lesse, por classes, um número misto decimal. A criança realizou a tarefa com dificuldade e a professora auxiliou-a dizendo-lhe que dividisse o número por classes.

Da parte da tarde, a docente realizou exercícios de revisão para a ficha de avaliação de Matemática.

Inferências

Acerca deste dia de estágio gostava de referir uma atitude da professora que considero positiva em sala de aula: o facto de a docente ajudar os seus alunos a encontrar a resposta certa a um exercício proposto. Considero que este tipo de atitude defende a postura profissional de um professor e para além disso funciona como um reforço positivo para o aluno, pois desta situação surgem aspetos como a confiança e a segurança sentidas pelo aluno, sem medo de falhar ou errar. Como afirma Branco (2000, p.263) citando Santos, associadas à estabilidade emocional do aluno dentro da sala de aula, estão a atenção persistente e a boa aprendizagem.

Capítulo 2 — Planificação

2.1. Descrição do capítulo

Este capítulo versa sobre a planificação e a importância dela. Serão apresentados sete planos de aula, três referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico e quatro alusivos ao 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Estas planificações estão apresentadas sob a forma de modelo T de Aprendizagem visto ser o modelo adotado e utilizado no Jardim Escola João de Deus.

No fim de cada planificação serão apresentadas todas as inferências referentes a cada procedimento que justificam a opção e o desenvolvimento de determinada estratégia.

2.2. Fundamentação teórica

Quando é importante prever acontecimentos, ou seja quando a tarefa a realizar exige da nossa parte a determinação de forma metódica dos processos a executar é imprescindível planejar, sabendo o que se tem com objetivo. Como afirma Serra (1999, p.18) “o futuro é um território de possibilidades edificado no presente, desdobrando-se a realidade em múltiplas faces ou estádios, intencionalmente regulados, com vista à prossecução de «objectivos» ou «fins»”.

Planificar, tal como descreve o dicionário da Língua Portuguesa (2004, p.1303) significa “organizar de acordo com um plano”, como afirma Arends (1995, p.43) “hoje em dia, as pessoas demonstram muita confiança na sua capacidade para controlar acontecimentos através de uma planificação sofisticada”. A planificação confere às atividades a pôr em prática, para além de preparação e organização, a “segurança” na aplicação da ação.

No contexto escolar a planificação abrange outras dimensões para além do prever e organizar metodologias ou atividades. A planificação no sistema educativo pretende espelhar os dados que o professor tem e conhece acerca do contexto em que trabalha. Esses dados são de natureza variada. Como explicam Ribeiro e Ribeiro (1990, p.66), citando Johnson (1977, p.11), os professores “escolhem actividades de aprendizagem e conteúdos instrumentais em função das características dos alunos, da disponibilidade dos recursos e das exigências do ensino em curso”. Para além das variantes mencionadas os autores salvaguardam a importância estrutural que os currículos desempenham na planificação.

De modo a contextualizar o conceito de planificação é imperativo focar o tema: currículo. Como refere Zabalza (1994, p.12), “o currículo é o conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para as alcançar”, sendo esses pressupostos de partida considerados os conhecimentos, habilidades e atitudes que se querem desenvolver na escola. Assim é

premente seguir uma orientação que desenvolva as potencialidades que os alunos apresentam, pois é aqui que nasce a relevância da planificação: planejar orienta os professores na sua função. De acordo com Zabalza (1994, p.12), o professor que conhece a razão ou motivo das suas ações, sabe “qual é o seu contributo para o desenvolvimento global do aluno face ao seu progresso no conjunto das matérias”.

Ribeiro & Ribeiro (1990, p.51) numa das dimensões em que caracterizaram o currículo, definem-no como “plano e organização do ensino-aprendizagem”; esse plano inclui objetivos e conteúdos de ensino (“o que se planeia ensinar”) e inclui também métodos e experiências (“o como se planeia ensinar”). A planificação emerge da necessidade de programar segundo a descrição e a análise dos saberes que constituem o sistema educativo, como referem os autores supra citados:

os planos de estudo e os programas de ensino mais não devem ser do que um conjunto de experiências e de resultados de aprendizagem que se planeiam e se formulam mediante um processo de reconstrução da experiência e saber humanos já acumulados (e não apenas da sua transmissão), a ocorrer sob a orientação do sistema educativo, no contexto da escola e visando, em última análise, o desenvolvimento pessoal e social dos alunos (p.52).

Como refere Arends (1995, p.44), é através da planificação que o currículo (“tal como é publicado”) é aplicado nas ações e atividades desenvolvidas no contexto escolar. Arends (1995, p.44) afirma ainda que “a planificação do professor é a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas”.

De acordo com Ribeiro & Ribeiro (1990, p.65), a planificação é suportada por elementos fundamentais de modo a que encontre o seu propósito mais específico: estabelecer a correspondência entre a formação que se pretende que os alunos alcancem, a que se promove com o ensino e a que os alunos realmente conseguem atingir. Os elementos fundamentais incluídos no plano de unidades de ensino definidos pelos autores são:

- (i) o contexto e justificação que esclarecem as suas linhas orientadoras, os pressupostos e as finalidades educativas que o antecedem, determinando os critérios de selecção dos fins a atingir;
- (ii) o quadro dos objectivos de ensino aprendizagem que tem como função determinar o percurso do plano curricular, bem como dos resultados a alcançar, seguindo uma estrutura e sequência;
- (iii) o roteiro de conteúdos que decide a selecção de matérias ou assuntos e a ordem de apresentação das mesmas;
- (iv) o plano de organização e sequência do processo de ensino aprendizagem que explana as estratégias, actividades, experiências de aprendizagem a implantar, evidenciando o papel do professor e as acções dos alunos nos contextos de ensino aprendizagem;
- (v) a avaliação define um plano de apreciação dos objectivos de aprendizagem que se propõem, determinando processos e instrumentos que permitam demonstrar os resultados reais obtidos, com o objectivo de melhorar o processo de ensino e devido plano (p.65).

Segundo Zabalza (1994) a planificação define-se como:

- (i) um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação que se decide;
- (ii) um propósito, um fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir;
- (iii) uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo (p.48).

De acordo com Clark e Yinger, citados por Zabalza (1994, p.48), os professores planificam por três razões diferentes: (i) para satisfazer as suas ansiedades e níveis de incerteza e para definir uma orientação que lhes desse confiança e segurança; (ii) para determinar os objetivos a alcançar, os conteúdos a aprender, os materiais a serem preparados, as actividades a serem organizadas e o tempo a ser disponibilizado; (iii) como um sinónimo de estratégias de atuação, como organizar os alunos, como começar as actividades, quais os indicadores para a avaliação.

No entanto, para além das concepções manifestadas pelos professores, o processo da planificação implica, segundo Braga (2004, p.25), “uma lógica de responsabilização dos vários níveis de decisão, em que os professores (...), através da observação, da reflexão e do ajustamento, reconceptualizam o currículo”.

Como refere Braga (2004, p.25), a preparação da planificação a longo termo, realizada no princípio do ano, ainda antes de se conhecerem os alunos, tem como objetivo a programação letiva quer na seleção e organização dos conteúdos, principalmente se as decisões forem tomadas por todos os professores de um ciclo, de um ano ou de um nível, visando as melhores opções para a escola e valendo-se do Projeto Curricular de Escola. De acordo com esta premissa a planificação não funciona de forma rígida e estática, para Solé (1990) citada por Braga (2004, p.27), que afirma que a planificação é “uma previsão do que se pretende e do plano geral para a sua realização (...). Deve ser uma forma de organização das situações didáticas que favoreça distintas formas de interacção”.

Relativamente aos métodos, estratégias e actividades a operacionalizar o processo de planificar, segundo Braga (2004), pressupõem:

- (i) valorizar a transversalidade disciplinar dos objectivos, a formação integral do aluno, o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e académicas;
- (ii) inter-relacionar o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- (iii) adoptar um conceito alargado de conteúdo, que englobe os conteúdos referentes a procedimentos, atitudes, para além dos habituais conteúdos conceptuais;
- (iv) organizar os conteúdos em temas-problema integradores, em função das competências a desenvolver, fazendo ressaltar conexões

entre os vários temas, entre os saberes e as competências de diferentes disciplinas e entre a escola e o meio;

(v) integrar a avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, enquanto dinâmica contínua de reflexão e de identificação das representações;

(vi) orientar a acção educativa com base no diagnóstico das representações prévias, dos processos de aprendizagem e dos estados de desenvolvimento dos alunos;

(vii) praticar uma avaliação concebida em três eixos de orientação: autoconsciencialização dos desempenhos, co-avaliação pelos colegas de turma e meta-avaliação pelo professor;

(viii) atribuir significado às informações recolhidas, investigando-as e recontextualizando-as;

(xix) Tomar decisões avaliativas coerentes com a modalidade de avaliação, com as suas finalidades, funções, referenciais, tipo e escalas (p.32).

De acordo com Arends (1995, pp.51-52), a planificação pode ser apresentada em cinco níveis: nível 1 — planificação diária; nível 2 — planificação semanal; nível 3 — planificação da unidade; nível 4 — planificação do período; nível 5 — planificação anual. Para cada um destes níveis são discriminados os objetivos, as fontes de informação, a forma do plano e os critérios de avaliação da eficácia do plano. De seguida salientamos as características que melhor evidenciam e clarificam os diferentes níveis de planificação, adaptando os quadros consultados à pertinência do presente relatório. No quadro 12 demonstra-se cada nível de planificação, como modelo.

Quadro 12 — Planificação em cada nível do modelo

	Objectivos da planificação	Fontes de informação	Forma do plano	Critério de avaliação da eficácia da planificação
Planificação anual	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estabelecimento do conteúdo geral 2. Estabelecimento da sequência do currículo básico 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Informação geral sobre o número e características dos elementos da turma 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Linhas gerais sobre o conteúdo básico e as ideias possíveis para cada área temática 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Abrangência dos planos
Planificação do período	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração detalhada dos conteúdos a dar para os próximos meses 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Contacto directo com os alunos 2. Restrições temporais estabelecidas para a calendarização da escola 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração de linhas gerais construídas para a planificação anual 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Calendarização — abrangente e de acordo com os objectivos delineados para o período
Planificação da unidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desenvolvimento de uma sequência de experiências de aprendizagem bem organizadas 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Capacidades, interesses do estudante, etc. 2. Materiais, duração de aula, tempo estabelecido, exigência, formato 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Listagem das linhas das actividades e do conteúdo 2. Listagem da sequência das actividades 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Organização 2. Concordância com os objectivos anuais ou do período 3. Concordância com o interesse previsto e o envolvimento do aluno
Planificação semanal	<ol style="list-style-type: none"> 1. Esboço das actividades a realizar durante a semana, de acordo com um horário de trabalho semanal. 2. Manutenção da continuidade e regularidade das actividades 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desempenho do estudante nos dias e semanas precedentes 2. Interrupções escolares 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Divisão do dia em quatro blocos de instrução preenchendo as horas entre o intervalo da manhã, o almoço e o intervalo da tarde 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Flexibilidade dos planos para permitir restrições especiais de tempo ou interrupções 2. Concordância com os objectivos
Planificação diária	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adaptação do programa a imprevistos do último minuto 2. Preparação dos alunos para as actividades diárias 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Atribuição do tempo necessário para a realização das actividades 2. Interesse, envolvimento e entusiasmo contínuos 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Programa de actividades para o dia 2. Preparação e organização dos materiais 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Preparativos e decisões de última hora sobre o conteúdo e materiais 2. Envolvimento, entusiasmo e interesse comunicado pelos alunos

Para Pérez & López (1994) os elementos básicos do projeto curricular de sala de aula no âmbito da sociedade do conhecimento são:

- (i) **planificação longa**, que representa uma planificação geral da área ou tema ou modelo globalizado. Este tipo de planificação realiza-se do seguinte modo: (i) uma avaliação inicial; (ii) um Modelo T de área ou tema; (iii) Modelos T de conteúdo, unidade didáctica e centro

de interesse; (iv) Avaliação formativa de capacidades – destrezas, de valores – atitudes.

(ii) **planificações curtas**, que representam planificações de um conteúdo, unidade didática ou centro de interesse. Este modelo de planificação efectua-se da seguinte forma: (i) traçam-se os objectivos gerais (capacidades – valores); (ii) definem-se os objectivos finais (o quê, como e para quem); (iii) realiza-se o quadro conceptual; (iv) decidem-se os conteúdos significativos (redes e mapas conceptuais); (v) elaboram-se as tarefas – actividades (desenvolvimento metodológico); (vi) realiza-se a avaliação formativa – sumativa de conteúdos e de métodos (procedimentos) (p.51).

Pérez e López (1994, p.56) denominam de Modelo T, a este formato da planificação, porque tem a forma de duplo T. O T superior “integra conteúdos conceptuais e procedimentos – estratégias e o T inferior integra capacidades – destrezas e valores – atitudes”. As capacidades e as destrezas são componentes essencialmente cognitivas. A capacidade é uma habilidade geral que tem como propósito o fim e a destreza é uma habilidade específica que, normalmente atua como meio para atingir os objetivos. Portanto a um conjunto de destrezas podemos chamar capacidade. A componente basilar dos valores e das atitudes é a afetividade. As atitudes são desenvolvidas na aula por intermédio de técnicas metodológicas e condutas práticas, sendo estas um meio para atingir um fim, enquanto que os valores, normalmente, são conjuntos de atitudes e atuam, na maioria das vezes, como um fim.

2.3. Planos de aula

2.3.1. Plano de aula de Matemática do 3.º ano do 1.º Ciclo

Segue-se o quadro 13 que reflete o plano de aula sobre o Pi.

Quadro 13 — Plano de aula de Matemática sobre o Pi

<h1>Plano de Aula</h1>		
Jardim-Escola João de Deus de Alvalade Professora: Margarida 3.º Ano, turma: B 22 de novembro de 2010		Estagiário: Ricardo Alvarez N.º 10 Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos
Ano letivo de 2010 / 2011		
Conteúdos	Procedimentos	
Pi (π)	<ul style="list-style-type: none">— Relembrar a diferença entre círculo e circunferência;— Recordar algumas linhas da circunferência: raio e diâmetro;— Medir (com a régua) quatro fios de lã de cores diferentes e comparar com o diâmetro de uma circunferência previamente desenhada;— Descobrir quantos desses fios (que têm a medida do diâmetro), se repetem na circunferência [colar os fios em cima da linha da circunferência];— Relacionar as descobertas anteriores com o número π.	
Capacidades / Destrezas	Competências	Atitudes / Valores
Comunicar Interpretar Relacionar Identificar Criar Manipular		Respeitar Colaborar Curiosidade Espírito crítico
Material: fios de lã; cola; folhas.		
Planificação baseada no Modelo T. Este plano pode estar sujeito a alterações.		

2.3.1.1. Inferências

Antes de começar o tema da aula, o Pi, lembrei a diferença entre o conceito de círculo e circunferência, apelando aos conhecimentos prévios dos alunos, verificando deste modo as suas concepções para, se necessário, alterá-las. Como referem Ponte e Serrazina (2000, p.104), “muitos dos erros que os alunos cometem resultam de concepções erradas que formaram sobre determinados conceitos”. Ao recorrer aos conhecimentos dos alunos, questionando-os, estes sentem uma maior participação na aula, deste modo, é esperado o encorajamento por parte do professor, como está mencionado nas NCTM (1994, p.59), em que se deve “aceitar riscos intelectuais, colocando questões e formulando conjecturas”.

Os alunos, nesta aula, tiveram de investigar quantas vezes o diâmetro se repetia na circunferência, sendo a investigação um processo de ensino-aprendizagem da matemática, como afirmam Ponte e Serrazina (2000, p.59), “o professor deve ter presente que tanto a resolução de problemas como as investigações constituem processos característicos da actividade matemática que devem marcar uma forte presença no processo ensino-aprendizagem desta área disciplinar”. A investigação segue-se por, normalmente, quatro etapas, de acordo com Ponte *et al* citados por Ponte e Serrazina (2000, p.57), as etapas características de uma investigação são: “i) Formular a questão a investigar; ii) Formular conjecturas relativamente a essa questão; iii) Testar as conjecturas e, eventualmente, reformula-las; iv) validar e comunicar os resultados”. Nesta aula os meninos passaram pelas quatro etapas supra mencionadas.

Nesta investigação matemática, os alunos utilizaram vários materiais. Na matemática pretende-se criar um ambiente propício para a aprendizagem e, como defendem Ponte e Serrazina (2000, p.126), “o uso de materiais diversos pode contribuir para o desenvolvimento de trabalho participativo, onde se realiza uma actividade matemática estimulante”. O professor deve desenvolver a comunicação, integrar tarefas, usar materiais, de modo a que o “ambiente de forma a promover a aprendizagem dos alunos”. Os alunos demonstraram ao longo desta aula um espírito investigativo e participativo, através da partilha de conhecimento entre os seus pares e comigo.

2.3.2. Plano de aula de Matemática do 5.º ano do 2.º Ciclo

No quadro 14, apresenta-se o plano de aula elaborado para as frações irredutíveis.

Quadro 14 — Plano de aula de Matemática sobre as frações irredutíveis

Plano de Aula		
Jardim-Escola João de Deus de Alvalade		Estagiário: Ricardo Alvarez
Professora: Andrea		N.º 10
5.º Ano		Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos
13 março de 2012		
Ano letivo de 2011 / 2012		
Conteúdos	Procedimentos	
Frações Irredutíveis	<ul style="list-style-type: none"> — Recordar a noção de fração equivalente; — Representar uma fração com os algarismos móveis; — Utilizar as peças do <i>Cuisenaire</i> para representar o numerador e denominador dessa fração; — Encontrar os divisores do numerador e denominador (utilizando o <i>Cuisenaire</i>); — Verificar quais são os divisores comuns entre o numerador e o denominador; — Conferir o mínimo e o máximo divisor comum; — Dividir o numerador e o denominador pelo máximo divisor comum; — Apresentar graficamente em <i>powerpoint</i> a equivalência das frações demonstradas anteriormente; — Explicar o conceito de fração irredutível recorrendo ao exercício apresentado; — Indagar os alunos acerca da possibilidade de encontrar o máximo divisor comum quando o numerador e denominador sem determinar todos os divisores dos termos da fração; — Mostrar em <i>powerpoint</i> a decomposição em fatores primos dos termos de uma fração; — Entregar uma ficha de exercícios aos alunos, para elaborar na aula, de acordo com o tema abordado. 	
Capacidades / Destrezas	Competências	Atitudes / Valores
Entender Identificar Selecionar Distinguir Criar Manipular		Disciplina Respeito Curiosidade Atenção
Material: fios de lã; cola; folhas.		
Planificação baseada no Modelo T.		
Este plano pode estar sujeito a alterações.		

2.3.2.1. Inferências

O programa de Matemática do Ministério da Educação (2009, p.34) refere que, nos objetivos específicos, os alunos devem “identificar e dar exemplos de fracções equivalentes a uma dada fracção e escrever uma fracção na sua forma irredutível”. Sendo este, um conteúdo programático e, sabendo que os meninos não o trabalhavam há bastante tempo, optei por recordar a noção de fracção através de perguntas direcionadas, orientando o pensamento dos meninos para o que era pretendido. Deste modo, como referem Boavida et al. (2008, p.68), “para que a comunicação matemática na sala de aula seja profícua, há que criar condições e hábitos que permitam, a todos, não apenas falar, mas também escutar”. As crianças articularam o seu pensamento comigo e com os colegas, o que se veio a mostrar produtivo para relembrar a noção de fracção.

Posteriormente, os alunos representaram diversas fracções através de materiais manipulativos, tais como, *Cuisenaire*, trabalhando desta forma no concreto. Como refere Caldeira (2009a, p.152), o professor tem de saber quando “deve provocar situações que possam auxiliar a criança a progredir, existindo a necessidade de uma correspondência entre o desenvolvimento psicogenético e as actividades propostas na escola, lembrando que o pensamento cresce a partir de acções, que vão do concreto para o abstrato”. Neste caso, os alunos, através dos materiais, conseguiram interiorizar e aplicar o conteúdo que lhes estava a ser lecionado.

Os alunos experimentaram diversas maneiras para transformar as fracções em fracções irredutíveis, até chegarem à forma mais simples de o fazer. Desta forma, exploraram vários conceitos de Matemática para chegar ao que era pretendido, como mencionam Ponte e Serrazina (2000, p.28), a Matemática “comporta tanto o desenvolvimento de novas ideias (...) como a resolução de problemas envolvendo ideias e conceitos bem conhecidos. Envolve também a aplicação de ideias e conceitos matemáticos à resolução de problemas noutras áreas desta ciência (...)”. As crianças tiveram de relembrar vários conceitos e aplicá-los nesta aula para poderem superar o que lhes era pedido.

No final, os alunos realizaram várias tarefas para exercitarem o tema abordado em sala de aula.

2.3.3. Plano de aula de Língua Portuguesa do 4.º Ano do 1.º Ciclo

No quadro 15, apresenta-se o plano de aula proposto sobre quantificadores universais.

Quadro 15 — Plano de aula de Língua Portuguesa sobre os quantificadores universais

<h2>Plano de Aula</h2>		
Jardim-Escola João de Deus de Alvalade Professora: Filipa 4.º Ano, turma: B 27 de abril de 2012		Estagiário: Ricardo Alvarez N.º 10 Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos
Ano letivo de 2011 / 2012		
Conteúdos	Procedimentos	
Quantificadores universais	<ul style="list-style-type: none"> — Ler um texto sobre medidas de massa; — Fazer perguntas de interpretação sobre o texto; — Analisar morfossintaticamente palavras desse mesmo texto, através de questões orais; — Realizar um exercício ortográfico contemplando uma frase, de modo a trabalhar a análise sintática da mesma; — Evidenciar, através de um <i>powerpoint</i>, a definição de quantificador universal; — Procurar no texto os diferentes quantificadores universais. 	
Capacidades / Destrezas	Competências	Atitudes / Valores
Comunicar Interpretar Relacionar Identificar Criar Manipular		Respeitar Colaborar Curiosidade Espírito crítico
Material: <i>powerpoint</i> .		
Planificação baseada no Modelo T. Este plano pode estar sujeito a alterações.		

2.3.3.1. Inferências

O texto que foi selecionado para esta aula de Língua Portuguesa teve a finalidade de a relacionar com as restantes áreas do conhecimento. Deste modo, aquando da exploração deste, as crianças estavam a interpretar outros conceitos, como as unidades de medida de massa. Como referem Reis e Adragão (1992, p.27), “sendo a língua materna o lugar por excelência de cruzamento e da partilha dos conhecimentos de todas as disciplinas, parece competir ao docente responsável o papel da interdisciplinaridade possível na escola”.

Dadas as potencialidades e competências diversificadas dos alunos que constituem uma turma, é importante planear uma aula cujos procedimentos possam ir ao encontro das características dos alunos. Deste modo, tal como refere Sanches (2001, p.72) “uns aprendem melhor se ouvirem, outros se visualizarem, outros se experimentarem, mas todos aprendem melhor se usarem uma estimulação multissensorial”. É essencial pensar uma aula com estratégias diversificadas, solicitar a interpretação por parte dos alunos, recorrer à análise oral, efetuar exercícios escritos, apresentar conteúdos em formato *powerpoint*, procurar conceitos depois de os entender. Estas foram algumas das estratégias adotadas nesta aula que julgo visarem a utilização de vários canais sensoriais, fazendo com que os alunos estejam despertos e atentos aos acontecimentos da aula, tornando a atividade didática e lúdica. Sanches (2001, p.72) afirma ainda que “a diversidade de actividades poderá dar oportunidade a todos de utilizarem as vias para si mais sensíveis”, o que quer dizer que os professores têm sempre a possibilidade de criar atividades, nas quais os seus alunos sintam; vontade de aprender, motivação e estímulo. Como é desejável, os objetivos e as expectativas do professor em relação ao grupo devem ser diversificadas e apropriadas de aluno para aluno.

2.3.4. Plano de aula de Língua Portuguesa do 5.º Ano do 2.º Ciclo

Segue-se o quadro 16 que reflete o plano de aula sobre o texto memorialista e funções sintáticas.

Quadro 16 — Plano de aula de Língua Portuguesa sobre o texto memorialista e funções sintáticas

<h2>Plano de Aula</h2>		
Jardim-Escola João de Deus de Alvalade		Estagiário: Ricardo Alvarez
Professora: Maria		N.º 10
5.º Ano		Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos
13 de março de 2012		
Ano letivo de 2011 / 2012		
Conteúdos	Procedimentos	
<p>O texto memorialista</p> <p>Funções sintáticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> — Relembrar as características de um diário; — Leitura de um excerto de um diário; — Realizar a interpretação do texto lido; — Solicitar que os alunos escrevam acerca de um cheiro e/ou sabor, relacionados com uma memória; — Apresentar em <i>powerpoint</i> os seguintes conteúdos: Constituintes da frase (grupo nominal e grupo verbal); Funções sintáticas (sujeito e predicado); Tipos de sujeito (sujeito simples, sujeito composto e sujeito nulo). — Realizar uma ficha formativa de modo a trabalhar os conteúdos apresentados anteriormente. 	
Capacidades / Destrezas	Competências	Atitudes / Valores
<p>Organização</p> <p>Clareza</p> <p>Sintaxe</p> <p>Interpretar</p> <p>Distinguir</p> <p>Comunicação</p>		<p>Disciplina</p> <p>Cooperação</p> <p>Interesse</p> <p>Saber ouvir</p>
Material: <i>powerpoint</i> .		
Planificação baseada no Modelo T.		
Este plano pode estar sujeito a alterações.		

2.3.4.1. Inferências

Nesta aula tentei trabalhar de forma coerente e de acordo com a didática da Língua Portuguesa a relação existente entre as duas variantes da língua: a oralidade e a escrita. Tentando contribuir para a sensibilidade sonora e a capacidade de ouvir dos alunos, e procurando, por um lado colmatar algumas falhas na ortografia, e por outro dar a hipótese dos alunos escreverem, manifestando os seus pensamentos. Julgo que o facto de apelar às memórias sensoriais dos alunos pode ter sido uma condição que os levou a partilhar uma ideia, uma sensação, e neste sentido tentei ir ao encontro daquilo que é desejável no treino da escrita criativa. No momento da aula dedicado à abordagem dos conteúdos: constituintes da frase; funções sintáticas; tipos de sujeito, tentei que os alunos fizessem um bom uso da comunicação oral, não só pela forma como fui indagando os mesmos, mas também pela maneira como os levei a interpretar e expor as informações que estavam patentes na apresentação em *powerpoint*.

Como afirmam Reis e Adragão (1992, p.36), “a língua é essencialmente um código de comunicação oral (...) a escrita é um código secundário (...) que liga os elementos sonoros a grafismos”, como referem os autores (1992, p.37) a escrita apresenta-se mais estável e rígida que a oralidade. Deste modo cabe ao professor ajudar os alunos a utilizar as duas variantes da língua (oralidade e escrita) com autonomia e criatividade, quer no papel de recetor, quer no de emissor.

Reis e Adragão (1992, p.38) definem como competências a desenvolver na escola o saber escutar e saber falar. No primeiro saber está implícito dar aos outros, tempo para falar, distinguir na mensagem o essencial do acessório e compreender a comunicação. Relativamente ao saber falar, os mesmos autores (1992, p.39) explicam que falar implica perceber usar os sons da língua na comunicação e fazê-lo com autonomia, “por outro lado, falar é a forma mais directa de exprimir o pensamento”.

Para além dos dois saberes supra referidos, Reis e Adragão (1992, p.39) referem que fazem parte das competências da oralidade e da escrita, o ato de ler e o ato de escrever. No que diz respeito ao ato de ler destacam-se os mecanismos de análise textual, as técnicas de seleção e organização de conteúdos, o reconhecimento de diferentes modelos de escrita, as pistas de interpretação. Relativamente ao ato de escrever Reis e Adragão (1992, p.41) defendem que neste processo o professor deve corrigir, ensinar melhores formas, treinar, avaliar, quando o aluno revela dificuldades ao nível da caligrafia e da ortografia; mas “quando o aluno começa a elevar-se, voando com as suas asas, cabe ao professor estimulá-lo, animá-lo”.

A oralidade e a escrita apresentam-se portanto como as duas variantes da língua que sendo diferentes têm uma relação ténue e como afirmam Reis e Adragão

(1992, p.42) “há que levar os alunos a compreender esta articulação para dela tirarem partido”. Estes investigadores (1992, p.42) advertem para o perigo de testar a capacidade oral dos alunos por escrito, e explicam que “o aluno deve ser estimulado a utilizar todos os recursos que cada uma delas lhe põe à disposição”.

2.3.5. Plano de aula de Ciências da Natureza do 5.º Ano do 2.º Ciclo

Segue-se o quadro 17 que reflete o plano de aula sobre a unidade na diversidade dos seres vivos.

Quadro 17 — Plano de aula de Ciências da Natureza sobre a unidade na diversidade dos seres vivos

<h2>Plano de Aula</h2>		
Jardim-Escola João de Deus de Alvalade		Estagiário: Ricardo Alvarez
Professora: Maria		N.º 10
5.º Ano		Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos
2 de março de 2012		
Ano letivo de 2011 / 2012		
Conteúdos	Procedimentos	
Unidade na diversidade dos seres vivos: A história do microscópio	<ul style="list-style-type: none"> — Iniciar a aula, contextualizando o surgimento do microscópio num determinado período histórico; — Mostrar uma imagem do criador do microscópio e outra do próprio objeto; — Referenciar a evolução do microscópio através da biografia de Robert Hooke; — Mostrar imagens da evolução do microscópio e do que se podia observar; — Elucidar os alunos sobre o objetivo da utilização do microscópio; — Projetar no powerpoint uma imagem do microscópio ótico. 	
Capacidades / Destrezas	Competências	Atitudes / Valores
Saber comunicar Clareza Enriquecer o vocabulário Interpretar Distinguir Identificar		Disciplina Cooperação Interesse Saber ouvir
Material: <i>powerpoint</i> .		
Planificação baseada no Modelo T. Este plano pode estar sujeito a alterações.		

2.3.5.1. Inferências

O microscópio é uma excelente ferramenta de trabalho na sala de aula, no entanto, as crianças têm de conhecer um pouco da história deste para perceber o seu papel na sociedade e a sua evolução. Através do *powerpoint* apresentado, verifiquei que as crianças ficaram curiosas. Como refere Santos (2002, p.23), a educação em Ciências pressupõe “desenvolver atitudes tais como, curiosidade, criatividade, flexibilidade, abertura de espírito, reflexão crítica, autonomia, respeito pela vida e pela natureza”.

Ao longo da aula, realizei perguntas dirigidas, tendo em vista uma interpretação das crianças baseada no que já sabiam e orientando sempre que possível, indo ao encontro de Santos (2002, p.28), que defende “a aprendizagem como construção de significado pelo próprio aluno”, sendo “um processo activo, o aluno não se limita a adquirir conhecimento”, constrói-o “a partir da sua experiência prévia”.

Os alunos, no final da aula, tiveram a oportunidade de observar e manipular diversos microscópios, que como defende Santos (2002, p.29) mencionando Asoko (1993), o processo de ensino-aprendizagem “envolve interação entre o aluno e qualquer experiência de aprendizagem apresentada, seja observação, seja explanação pelo professor ou trabalho realizado pelo aluno. Aprender envolve dar sentido às coisas em relação às ideias existentes”.

As crianças foram questionando de uma forma ordenada sobre o conteúdo que estava a ser lecionado. É importante os alunos sentirem curiosidade e terem a hipótese de partilhar, havendo, deste modo, um ambiente motivador para a aprendizagem em que o professor tem um papel primordial. Como destaca Sá (2002, p.78), “o professor desempenha um papel fundamental quanto ao estabelecimento de uma atmosfera da aula desejável”, de modo a que a verdadeira aprendizagem seja vivida e percebida pelos alunos.

2.3.6. Plano de aula de História de Portugal do 4.º Ano do 1.º Ciclo

No quadro 18, apresenta-se o plano de aula proposto sobre História de Portugal.

Quadro 18 — Plano de aula de História de Portugal sobre o 5 de outubro de 1910

Plano de Aula

Jardim-Escola João de Deus de Alvalade
Professora: Filipa
4.º Ano, turma: B
25 de maio de 2012

Estagiário: Ricardo Alvarez
N.º 10
Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos

Ano letivo de 2011 / 2012

Conteúdos		Procedimentos	
5 de outubro de 1910		<ul style="list-style-type: none">— Apresentar um <i>powerpoint</i> que explique os principais acontecimentos pré e pós 5 de outubro;— Referir as causas que levaram ao fim da monarquia;— Indicar quem participou na revolução republicana, quando e onde ocorreu;— Aludir aos principais símbolos que sofreram alterações com a proclamação da República;— Falar do governo provisório presidido por Teófilo Braga e do primeiro presidente da República eleito;— Mencionar os poderes contemplados pela constituição de 1911.	
Capacidades / Destrezas	Competências	Atitudes / Valores	
Comparar Analisar Participar		Constatar Cooperar	
Criar Reconhecer Observar		Indagar Consultar	

Material: *powerpoint*.

Planificação baseada no Modelo T.

Este plano pode estar sujeito a alterações.

2.3.6.1. Inferências

Está provado que os alunos devem beneficiar de um ensino através da descoberta. Nesta aula os alunos foram respondendo a várias questões e formando o seu pensamento. Proença (1990, p.54) reforça que, “muitas das mais representativas novas correntes psicopedagógicas realçam a prioridade que o ensino deve conferir aos métodos activos, à pedagogia da descoberta e à necessidade de fazer participar o aluno na elaboração dos conhecimentos a adquirir”.

O diálogo funciona como um auxiliador da aprendizagem e os meninos nesta aula puderam partilhar as suas noções deste tema pois, como refere Proença (1990, p.93), o diálogo “permite corrigir a expressão verbal dos alunos e facilitar a comunicação na aula, mas também porque a relação educativa apoiada no diálogo tem uma interacção psicossocial estimulante tanto do ponto de vista intelectual como afectivo”.

No *powerpoint* as crianças observaram vários documentos históricos, que evidenciavam o tema a tratar. Proença (1990, p.97), afirma que, para que haja uma iniciação ao método de pesquisa histórica “é essencial que, desde o início, habituemos os nossos alunos a analisar documentos históricos, já que, sem eles, não poderemos falar de História”.

A História do homem reflete o passado, constrói-se no presente e reflete-se no futuro.

Capítulo 3 — Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Neste capítulo procede-se à exposição do conceito de avaliação.

Primeiramente e de modo a compreender e enquadrar o conceito de avaliação apresenta-se uma breve revisão das obras e autores que tratam o mesmo. Assim versa-se sobre os subtítulos de maior relevância dentro do conceito de avaliação: perspectiva histórica; definição; finalidade da avaliação; tipos de avaliação; distinção entre classificação e avaliação e instrumentos de avaliação.

Seguidamente apresentam-se três dispositivos de avaliação efetuados durante o estágio profissional, cada um deles concebido para uma atividade específica, contemplando assim três áreas curriculares: Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio. Na exposição de cada um dos dispositivos de avaliação encontram-se os seguintes tópicos de organização: contextualização da atividade sobre a qual recai a avaliação; grelha de avaliação, acerca da qual se referem os parâmetros, os critérios e as cotações dos mesmos; grelha de correção, seguida à qual aparece a descrição do procedimento; apresentação dos resultados e análise dos mesmos.

3.2. Fundamentação teórica

O conceito de avaliação, quer no seu significado imediato quer no que diz respeito à sua (muito específica) aplicação, tem sofrido alterações ao longo dos tempos. Segundo Leite (2001, p. 19), até à década de 70 a avaliação "destinava-se à certificação de saberes e à selecção dos mais aptos". No decorrer desta década, o mesmo autor refere que, "a questão da aprendizagem foi o aspecto a que se deu mais ênfase no currículo e que justificou o desenvolvimento (...) da função pedagógica da avaliação" (p.19). Também Rosales (1992, p.19) enuncia que, até aos anos sessenta, a avaliação surge muito ligada "a uma forma de investigação predominantemente quantitativa" tendo por base um "paradigma positivista"; no princípio da década de setenta, tornou-se fundamental que "esta orientação investigadora", quanto à avaliação, ficasse vinculada à "responsabilidade social"; no seguimento dos anos setenta, e coincidindo com o surgimento de novos paradigmas da investigação, ocorrem "importantes contributos para a renovação conceptual e metodológica da avaliação, [tornando-se] patente a necessidade de uma harmonização com a utilização adaptada de metodologias e técnicas em função de diversas condicionantes".

Embora os anos tenham decorrido e se tenham encontrado novas formas de concretizar a avaliação, Fernandes (2005, p.15) considera que o ensino continua a ser rotineiro, norteado para "a atribuição de classificações", não privilegiando "a

análise do que os alunos sabem e fazem, para a compreensão das suas dificuldades e para a ajuda à sua superação”.

Méndez (2002, p.15) refere que a avaliação está relacionada com "actividades de qualificar, medir, corrigir, classificar, certificar, examinar, testar mas não se confunde com elas". As actividades mencionadas e a avaliação têm em comum "um campo semântico mas diferenciam-se pelos recursos que utilizam e os usos e fins que servem. São actividades que desempenham um papel funcional e instrumental". Não se aprende através deste tipo de "actividades artificiais". A avaliação é muito mais do que colocar em prática estas actividades, "é onde elas não chegam que começa a avaliação educativa".

A avaliação, como referem Pacheco e Zabalza (1995, p. 14), pertence ao universo do sistema escolar, sendo mesmo "uma das dimensões do sistema escolar que mais ressalta socialmente". Os principais efeitos da ação escolar derivam, maioritariamente, da avaliação, tornando-se, esta, num tema muito sensível para a comunidade.

Citando ainda o mesmo autor:

O sentido básico da avaliação, a sua função curricular, é oferecer informação sobre o conjunto do sistema curricular. A avaliação é esse mecanismo de autocomprovação constante que converte o sistema curricular num sistema aberto e generativo: é capaz de introduzir reajustamentos, quer nos elementos particulares do sistema, quer na relação existente entre eles, de maneira que o processo, no seu conjunto, funcione adequadamente (p.15).

Zabalza (2000, p. 220) refere que a avaliação necessita "quer [de] uma medição, quer [de] uma valoração". A medição como forma de constatar "o estado actual do objecto ou situação que se quer avaliar" e a valoração serve a "comparação entre os dados obtidos na medição que reflectem o «como é» (...) o «como era» ou «como deveria ser»". Embora, o professor aplique em muitos contextos, qualquer uma destas duas técnicas, não avalia tudo o que o aluno sabe, como afirma Méndez (2002, pp. 38, 39), "nem tudo o que se aprende é avaliável, nem o é no mesmo sentido, nem tem o mesmo valor", sendo assim o professor deve conseguir discernir o que é mais valioso para a avaliação, "ainda que o mais valioso se costume identificar com o que é mais cotado", como refere o autor acima citado.

A finalidade da avaliação, segundo Ribeiro & Ribeiro (1990, p. 337), "corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades".

Segundo o Instituto de Inovação Educacional (1992, p. 11), "a avaliação consiste na recolha de informações e tomada de decisões pedagógicas adequadas às necessidades dos alunos. É, portanto, um elemento regulador da prática educativa".

Como refere Ribeiro (1989, p. 75), "a avaliação é uma operação descritiva e informativa nos meios que emprega, formativa na intenção que lhe preside e independente face à classificação". A avaliação que o professor pratica, pode espelhar-se em três tipos: avaliação de diagnóstico, formativa e sumativa.

A avaliação de diagnóstico, segundo Ferreira (2007, p. 24), analisa se o aluno frui de pré-requisitos preponderantes para a iniciação de novas aprendizagens, "para verificar o domínio de certos objectivos que posam levá-lo à inserção num programa mais avançado e, ainda, classificar os alunos de acordo com o seu interesse, aptidões, *background*, personalidade" e, também, a aprendizagem ao longo do ano "em relação a uma determinada estratégia de ensino". Então, como refere Ribeiro (1989, p.79), a avaliação de diagnóstico serve para apurar a "posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes", sendo que, a avaliação de diagnóstico pratica-se "no início de novas aprendizagens", não tendo, conforme citam Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 342), qualquer pertinência realizá-la só no início do ano letivo ou no início de períodos letivos.

Com avaliação de diagnóstico pretende-se, citando Ferreira (2007):

averiguar o domínio dos pré-requisitos necessários ao início do processo de ensino-aprendizagem do aluno, que possibilitem que esteja em situação inicial propiciadora do sucesso na aprendizagem, determinando, por isso, a tomada de decisões iniciais relativas àquele processo (p.24).

Ribeiro (1989, p. 78) refere que, "a função essencial [da avaliação de diagnóstico] é verificar se o aluno está de posse de certas aprendizagens anteriores que servem de base à unidade que se vai iniciar".

A avaliação formativa, que tem um papel paralelo ao da avaliação de diagnóstico, segundo Ribeiro & Ribeiro (1990, p. 348), "acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando as aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades", para posteriormente arranjar soluções e encaminhar a grande maioria dos alunos "à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam". Segundo Hadji, citado por Ferreira (2007, p. 27), "a avaliação torna-se formativa na medida em que se inscreve num projecto educativo específico, o de favorecer o desenvolvimento daquele que aprende, deixando de lado qualquer outra preocupação". Ferreira (2007, p. 27) refere que as principais finalidades da avaliação

formativa são, o informar todos os "intervenientes do acto educativo sobre o processo ensino-aprendizagem, o *feedback*" das dificuldades e dos sucessos dos alunos "na aprendizagem e, ainda, a regulação da mesma, com a intervenção atempada no sentido de encaminhar o processo realizado pelo aluno".

Segundo Cortesão (1993, p. 12), a avaliação formativa é "um conjunto de práticas variadas que se integram no processo de ensino/aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas, como importantes". Então, como referem Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 348), a avaliação formativa não é mais do que uma avaliação contínua, "meta desejável mas dificilmente exequível nas condições de ensino de que a generalidade dos professores dispõe". No entanto, citando Cortesão (1993, p. 12), esta avaliação "nunca poderá, formalmente, ser usada para classificar e muito menos para decidir da passagem ou da reprovação do aluno". Ferreira (2007, p. 27), citando Hadji, encara como principal função da avaliação formativa "a de informar, já que é a sua virtude informativa que é seu carácter essencial. A partir do momento em que informa, ela é formativa, quer seja instrumentalizada ou não, acidental ou deliberada, quantitativa ou qualitativa".

Portanto, citando Cortesão (1993, p. 13), a avaliação formativa inserida no contexto da sala de aula em que "o processo educativo é analisado, é com ele que se aprecia o que está a acontecer, que se diagnosticam, se investigam os problemas que se apresentam ou se manifestam mais ou menos abertamente".

Por fim, no que se refere á avaliação sumativa, citando Leite & Fernandes (2002, p. 26), "tem-se subjacente que se está a ajuizar sobre os conhecimentos adquiridos pelos alunos durante um determinado período escolar". Então, como refere Ferreira (2007, p. 30) enunciando Hadji, esta avaliação "realiza-se no final do processo de ensino-aprendizagem (...), normalmente através de testes e exames, e consiste no balanço (...) das aprendizagens dos alunos depois de uma ou várias sequências de ensino-aprendizagem". Referindo Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 359), a avaliação sumativa serve de complemento a todo um ciclo de avaliação, no qual, foram já "utilizadas a avaliação de diagnóstico e formativa". Contudo, Pais & Monteiro (2002, p. 50) referem que, "no decurso do processo de ensino-aprendizagem, ela tem a função formativa, uma vez que permite adequar o ensino às necessidades de aprendizagem dos alunos".

Importa reforçar que, como refere Zabalza, citado por Leite e Fernandes (2002):

Reduzir a avaliação à consideração de uma só área (o rendimento), a uma só técnica (os exames), a uma só situação (a controlada) e a

uma só modalidade (a sumativa) representa um empobrecimento da avaliação e a uma perda do sentido no âmbito do discurso didáctico (p.27).

O professor para avaliar, como explicam Pais & Monteiro (2002, pp. 52-63), tem que diversificar os instrumentos/materiais de avaliação, pois as situações a avaliar são muitas e cada aluno é diferente de outro. Os instrumentos/materiais que o professor tem ao seu dispor são: (i) "observação", através da observação o professor pode realizar recolhas de informações, no desenrolar do ensino-aprendizagem; (ii) "registos de incidentes críticos", o professor, através destes materiais, avalia os comportamentos, "negativos ou positivos", que se verificam no dia-a-dia dos alunos; (iii) "listas de verificação", com este tipo de instrumento, o professor, realiza um acompanhamento do aluno na existência ou não de uma determinada ação; (iv) "escalas de classificação", o professor, através de registos que evidenciam determinadas características ou qualidades, avalia os alunos mediante de uma escala referente ao grau dos atributos; (v) "grelhas de observação", com as grelhas, o professor, pode observar a frequência dos comportamentos e verificar o seu crescendo; (vi) "entrevistas e questionários", este instrumento é importante para perceber quais as expectativas dos alunos; (vii) "testes", o professor com os testes, avalia as aprendizagens dos alunos.

3.3. Avaliação da atividade n.º 1

3.3.1. Contextualização

A presente avaliação refere-se a uma atividade realizada no decorrer do estágio profissional efetuado no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, no dia 30 de Maio, com 25 crianças do 2.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na área da Matemática.

No seguimento da aula de introdução aos gráficos circulares os alunos representaram vários enunciados em gráficos circulares móveis e atribuíram os títulos e respetivas legendas. Posteriormente distribuí pelos alunos uma ficha (anexo 1), em que tinham de representar, ilustrar e legendar um gráfico circular de acordo com o enunciado.

3.3.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações

Segue-se o quadro 19 que explana os parâmetros, os critérios e as cotações da atividade n.º1

Quadro 19 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 1

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.1.	Representação de dados no gráfico circular	Representou corretamente três dados.	2,4	2,4
		Representou corretamente dois dados.	1,6	
		Representou corretamente um dado.	0,8	
		Não representou corretamente qualquer dado.	0	
1.2.	Utilização do código fornecido	Utilizou corretamente o código.	3,1	3,1
		Não utilizou o código.	0	
2.1.	Redação do título de acordo com o gráfico circular.	Redige o título de acordo com o tema do gráfico e sem erros ortográficos.	2,25	2,25
		Redige o título de acordo com o tema do gráfico e com um erro ortográfico.	1,5	
		Redige o título de acordo com o tema do gráfico e com dois ou mais erros ortográficos.	0,75	
		Não redige o título de acordo com o tema do gráfico.	0	
2.2.	Interpretação e associação de dados do gráfico circular	Interpreta e associa três legendas corretamente.	2,25	2,25
		Interpreta e associa duas legendas corretamente.	1,5	
		Interpreta e associa uma legenda corretamente.	0,75	
		Não responde.	0	

3.3.3. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com o intuito de avaliar a ficha que foi entregue aos alunos, foi elaborada uma grelha na qual constam parâmetros, respetivos critérios e cotações. Os critérios estipulados para cada um dos parâmetros visam apurar competências específicas na área da Matemática.

O primeiro parâmetro: representação de dados no gráfico circular; pretende aferir a capacidade do aluno de traduzir a informação que lhe é fornecida.

O segundo parâmetro: utilização do código fornecido; tem como objetivo perceber se os alunos utilizam linguagem Matemática mediante a forma e divisão do gráfico.

O terceiro parâmetro: redação do título de acordo com o gráfico circular; define a aptidão dos alunos para a leitura e interpretação de uma imagem, conseguindo traduzir a mensagem da mesma num título.

O último parâmetro: interpretação e associação de dados do gráfico circular; serve para compreender se os alunos conseguem legendar o gráfico circular, associando a cor atribuída às frequências absolutas e a quantidade de vezes que estas estão expressas.

O quadro 20 apresenta as classificações quantitativas (que estão compreendidas entre 0 e 10 valores) e respetivas classificações qualitativas (que se podem expressar pela atribuição de fraco, insuficiente, suficiente, bom e muito bom), atribuídas a um aluno pela soma das cotações verificadas nos critérios estipulados para as tarefas a realizar. Deste modo, nele expõem-se os dois tipos de classificações, consoante as variações dos valores quantitativos (arredondados), atribuem-se valores qualitativos. A escala seguinte é uma escala de Likert e é, como menciona Tuckman (2002, p.279), “uma escala de cinco níveis, em que cada um desses diferentes níveis é considerado de igual amplitude. (...) usa-se para registar o grau de concordância ou discordância com determinada afirmação sobre uma atitude, uma crença, ou um juízo de valor”.

Quadro 20 — Escala das classificações quantitativa e qualitativa

0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 – 10	Muito Bom

3.3.4. Grelha de correção

Segue-se o quadro 21 com a grelha de parâmetros e cotações atribuídos à atividade n.º1.

Quadro 21 — Grelha de correção da atividade n.º 1

Parâmetros		1.1.	1.2.	2.1.	2.2.	Total
Cotações		2,4	3,1	2,25	2,25	10
N.º	Nome					
1	A	1,6	3,1	1,5	1,5	7,7
2	B	0,8	3,1	1,5	1,5	6,9
3	C	0,8	3,1	0,75	2,25	6,9
4	D	2,4	3,1	1,5	2,25	9,25
5	E	0	3,1	0,75	0,75	4,6
6	F	1,6	3,1	2,25	2,25	9,2
7	G	1,6	3,1	1,5	1,5	7,7
8	H	0,8	3,1	1,5	1,5	6,9
9	I	2,4	3,1	2,25	2,25	10
10	J	2,4	3,1	1,5	1,5	8,5
11	K	2,4	3,1	0,75	1,5	7,75
12	L	1,6	3,1	0,75	1,5	6,95
13	M	0,8	3,1	1,5	1,5	6,9
14	N	1,6	3,1	0,75	0,75	6,2
15	O	1,6	3,1	2,25	2,25	9,2
16	P	2,4	3,1	2,25	2,25	10
17	Q	0	3,1	0,75	0,75	4,6
18	R	0,8	3,1	1,5	1,5	6,9
19	S	1,6	3,1	1,5	1,5	7,7
20	T	2,4	3,1	1,5	2,25	9,25
21	U	2,4	3,1	0,75	2,25	8,5
22	V	2,4	3,1	2,25	1,5	9,25
23	W	2,4	3,1	1,5	1,5	8,5
24	X	2,4	3,1	0,75	2,25	8,5
25	Y	1,6	3,1	1,5	0,75	6,95
Média por questão:		1,632	3,1	1,41	1,65	7,792

3.3.5. Apresentação dos resultados

Apresenta-se na figura 6 a classificação qualitativa de atividade de Matemática, com os resultados obtidos em percentagem.

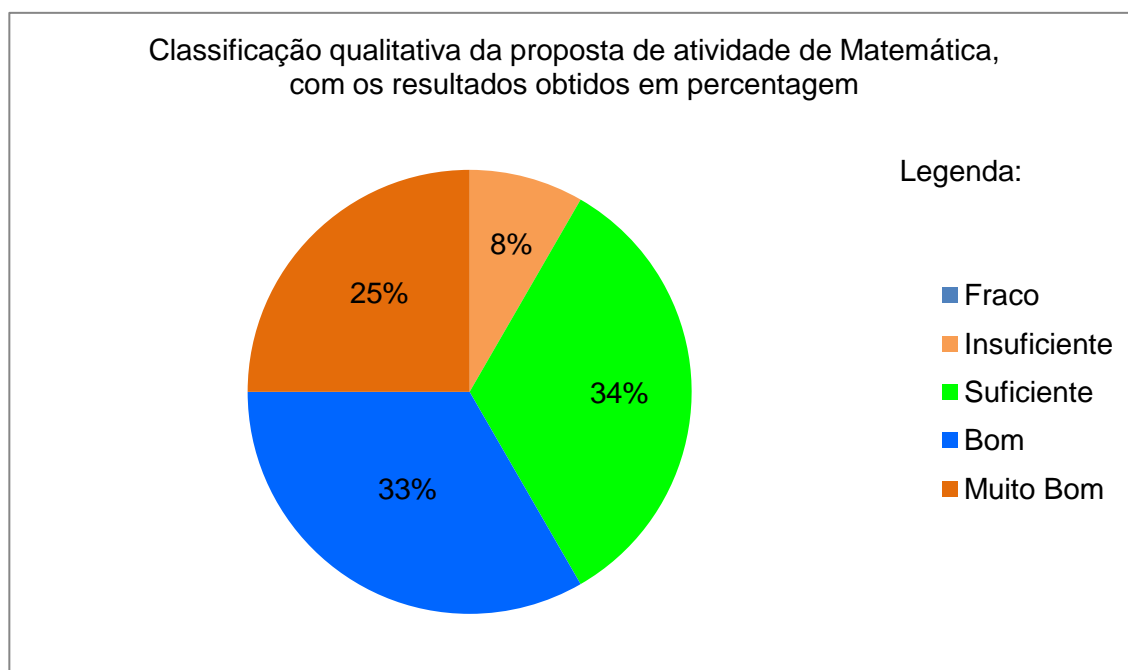


Figura 6 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 1

3.3.6. Análise dos resultados obtidos

Através dos dados do gráfico, é possível verificar que existem mais resultados positivos do que negativos na turma, em que, dois alunos obtiveram a classificação Fraco (8%) e os restantes alcançaram uma classificação positiva (92%). Também se observa que, oito alunos auferiram a classificação Suficiente (34%), outros oito alcançaram a classificação Bom e 6 alunos (33%) atingiram a classificação Muito Bom (25%).

3.4. Avaliação da atividade n.º 2

3.4.1. Contextualização

A presente avaliação refere-se a uma atividade realizada no decorrer do estágio profissional efetuado no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, no dia 22 de Novembro, com 20 crianças do 3.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na área da Língua Portuguesa.

No seguimento da aula de introdução ao Pi os alunos realizaram uma ficha formativa (anexo 2). A ficha continha um texto, que os alunos exploraram e responderam a perguntas de interpretação, e de análise morfossintática e sintática.

3.4.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações

Segue-se o quadro 22 com a grelha de parâmetros e cotações atribuídos à atividade n.º2.

Quadro 22 — Grelha de parâmetros e cotações atribuídos à atividade n.º 2

	Parâmetros	Critérios	Cotações	
1.1.	Interpretação da mensagem do texto e, conseqüente, redação do título	Relaciona o significado do texto com o título escolhido e escreve-o no local adequado, sem erros ortográficos.	0,8	0,8
		Relaciona o significado do texto com o título escolhido e escreve-o no local adequado, com um erro ortográfico.	0,6	
		Relaciona o significado do texto com o título escolhido, não o escreve no local adequado e dá um erro ortográfico.	0,4	
		Relaciona o significado do texto com o título escolhido, não o escreve no local adequado e dá mais que um erro ortográfico.	0,2	
		Não relaciona o significado do texto com o título escolhido.	0	
1.2.	Definição de um conceito do texto	Define o conceito de Pi corretamente utilizando as palavras do texto.	3	3
		Define o conceito de Pi corretamente não utilizando as palavras do texto.	1,5	
		Não define o conceito de Pi	0	
1.3.1.	Identificação do número que representa o valor de Pi	Coloca a cruz no quadrado correto.	1	1
		Não coloca a cruz no quadrado correto.	0	
2.1.a)	Classificação morfológica	Refere corretamente a classe, a subclasse, o género e o número do nome.	1	1
		Refere corretamente a classe, a subclasse e uma ou duas das restantes categorias.	0,5	
		Não refere corretamente a classe, a subclasse e uma das restantes categorias.	0	
2.1.b)	Classificação morfológica	Classifica como forma verbal, menciona o modo, o tempo, a pessoa, o número e não dá erros ortográficos.	1,2	1,2
		Classifica como forma verbal, menciona o modo, o tempo, a pessoa, o número e dá erros ortográficos.	1	
		Classifica três/quatro categorias do verbo e não dá erros ortográficos.	0,8	
		Classifica três/quatro categorias do verbo e dá erros ortográficos.	0,6	
		Classifica uma/duas categorias do verbo e não dá erros ortográficos.	0,4	
		Classifica uma/duas categorias do verbo e dá erros ortográficos.	0,2	
		Não classifica.	0	
2.2.	Análise sintática	Identifica o sujeito, predicado, complemento direto, complemento circunstancial de lugar e não dá erros ortográficos.	3	3
		Identifica dois/três constituintes da frase e não dá erros ortográficos.	2,4	
		Identifica dois/três constituintes da frase e dá erros ortográficos.	1,8	
		Identifica um constituinte da frase e não dá erros ortográficos.	1,2	
		Identifica um constituinte da frase e dá erros ortográficos.	0,6	
		Não analisa sintaticamente a frase.	0	

3.4.3. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com o objetivo de avaliar a ficha que foi entregue aos alunos, foi elaborada uma grelha na qual constam parâmetros, respectivos critérios e cotações. Os critérios estipulados para cada um dos parâmetros visam apurar competências específicas na área de Língua Portuguesa.

O primeiro parâmetro: interpretação da mensagem do texto e, conseqüente, redação do título; pretende aferir a capacidade de o aluno sintetizar, num título, a informação do texto.

O segundo parâmetro: definição de um conceito do texto; tem como objetivo perceber se os alunos interpretaram corretamente o conceito.

O terceiro parâmetro: identificação do número que representa o valor de Pi; serve para compreender se os alunos reconhecem o número.

O quarto parâmetro: classificação morfológica; serve para verificar se os alunos conseguem realizar a análise morfológica da palavra: mundo.

O quinto parâmetro: classificação morfológica; tem como objetivo aferir se os alunos efetuam a análise morfológica da palavra: chamaram.

O sexto parâmetro: análise sintática; pretende verificar se os alunos identificam corretamente os constituintes de uma frase.

3.4.4. Grelha de correção

No quadro 23 está representada a grelha de correção da atividade n.º2.

Quadro 23 — Grelha de correção da atividade n.º 2

Parâmetros		1.1.	1.2.	1.3.1.	2.1.a)	2.1.b)	2.2.	Total
Cotações		0,8	3	1	1	1,2	3	10
N.º	Nome							
1	A	0,6	3	1	0,5	1	2,4	8,5
2	B	0,8	3	1	0,5	0,8	2,4	8,5
3	C	0,8	3	1	1	0,4	1,8	8
4	D	0,4	1,5	1	1	1	2,4	7,3
5	E	0,6	3	0	0,5	1	2,4	7,5
6	F	0,2	1,5	1	1	1	3	7,7
7	G	0,8	1,5	1	0,5	1,2	2,4	7,4
8	H	0,8	3	0	0,5	1,2	2,4	7,9
9	I	0	3	1	1	1,2	2,4	8,6
10	J	0,2	0	1	1	1,2	1,8	3,8
11	K	0,4	1,5	1	1	1,2	2,4	7,5
12	L	0,6	1,5	1	1	1,2	3	8,3
13	M	0,8	3	1	1	1,2	3	10
14	N	0,8	3	0	0,5	1	3	8,3
15	O	0,6	1,5	1	0,5	1	1,8	6,4
16	P	0,6	0	1	0,5	0,8	3	5,9
17	Q	0,6	1,5	1	0	1	2,4	6,5
18	R	0,6	3	1	1	1	3	9,6
19	S	0,2	1,5	1	1	1	2,4	7,1
20	T	0,2	1,5	1	0,5	1,2	2,4	6,8
Média por questão:		0,53	2,025	0,85	0,725	1,03	2,49	7,58

3.4.5. Apresentação dos resultados

Na figura 7 está representado em percentagens o gráfico da classificação qualitativa da atividade n.º2.

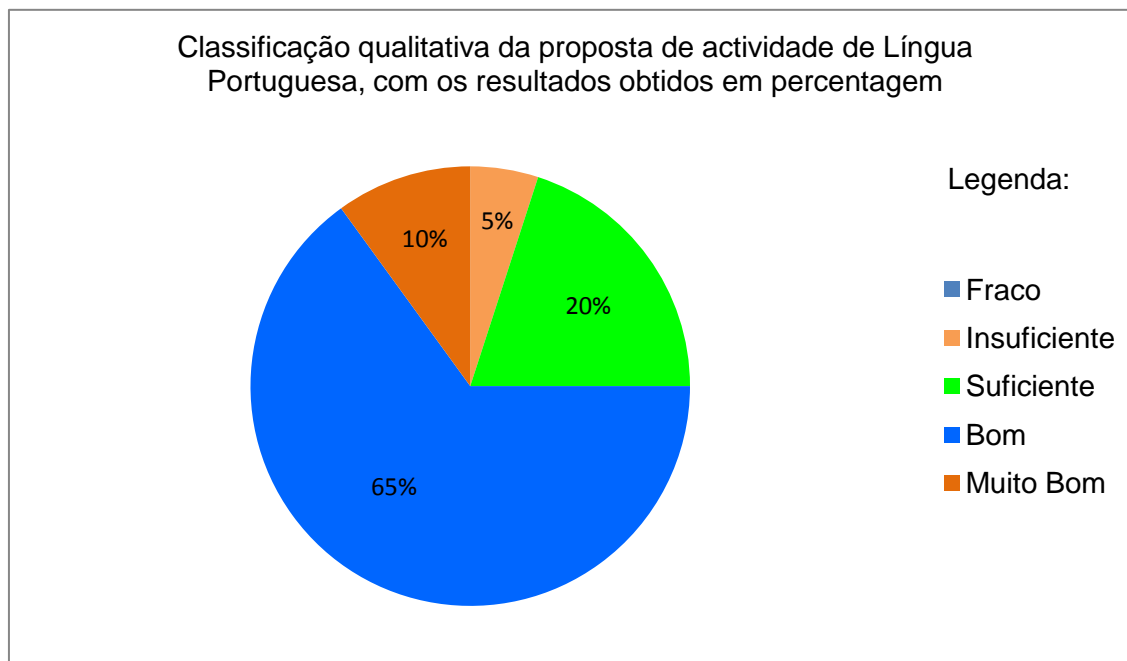


Figura 7 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 2

3.4.6. Análise dos resultados obtidos

Através dos dados do gráfico, é possível verificar que existem mais resultados positivos (95%) do que negativos na turma (5%). Um aluno obteve a classificação Insuficiente (5%) e os restantes alcançaram uma classificação positiva. Também se observa que, quatro alunos auferiram a classificação Suficiente (20%), treze alunos alcançaram a classificação Bom (65%) e dois alunos atingiram a classificação Muito Bom (10%).

3.5. Avaliação da atividade n.º 3

3.5.1. Contextualização

A presente avaliação refere-se a uma atividade realizada no decorrer do estágio profissional efetuado no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, no dia 4 de abril, com 23 crianças do 1.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na área de Estudo do Meio.

Nesta aula os alunos foram explorando e verificando, através de experiências, a existência do ar e da pressão atmosférica. Para tal, entreguei um protocolo experimental (anexo 3), no qual, as crianças tinham de seguir determinadas atividades (procedimento) e registar os resultados e as conclusões a que chegaram.

3.5.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações

No quadro 24 apresenta-se a grelha com os parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º3.

Quadro 24 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 3

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Realização dos procedimentos do protocolo	Realiza todos os procedimentos do protocolo.	2	2
		Realiza quatro procedimentos do protocolo.	1,5	
		Realiza três procedimentos do protocolo.	1	
		Realiza dois procedimentos do protocolo.	0,5	
		Realiza um ou nenhum procedimento do protocolo.	0	
2.	Reconhecimento da situação observada através da experiência	Identifica o resultado observado.	4	4
		Não identifica o resultado observado.	0	
3.	Conclusão da situação observada através da experiência	Identifica a conclusão correta.	4	4
		Não identifica a conclusão correta.	0	

3.5.3. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com o objetivo de avaliar o protocolo entregue aos alunos, foi elaborada uma grelha na qual constam parâmetros, critérios e cotações. Os critérios estipulados para cada um dos parâmetros visam apurar competências específicas na área de Estudo do Meio.

O primeiro parâmetro: realização dos procedimentos do protocolo, tem como objetivo verificar se os alunos conseguem realizar as atividades específicas referentes ao protocolo.

O segundo parâmetro: reconhecimento da situação observada através da experiência, pretende aferir a capacidade de o aluno distinguir/discernir e escolher a resposta correta de entre algumas que são semelhantes, apurando assim a sua capacidade de interpretação.

O terceiro parâmetro: conclusão da situação observada através da experiência, tem como objetivo aferir se os alunos compreenderam a experiência realizada, através da leitura de algumas hipóteses possíveis (sendo que estas apresentam algumas semelhanças), escolhendo a mais adequada.

3.5.4. Grelha de correção

Apresenta-se no quadro 25 a grelha de correção da atividade n.º 3.

Quadro 25 — Grelha de correção da atividade n.º 3

Parâmetros		1.	2.	3.	Total
Cotações		2	4	4	10
N.º	Nome				
1	A	2	4	0	6
2	B	2	4	0	6
3	C	2	4	0	6
4	D	2	4	4	10
5	E	2	4	0	6
6	F	2	4	4	10
7	G	2	0	0	2
8	H	2	4	4	10
9	I	2	4	4	10
10	J	2	4	4	10
11	K	2	4	0	6
12	L	2	4	0	6
13	M	2	4	0	6
14	N	2	4	0	6
15	O	2	0	0	2
16	P	2	0	0	2
17	Q	2	4	0	6
18	R	2	4	4	10
19	S	2	0	4	6
20	T	2	4	0	6
21	U	2	4	4	10
22	V	2	4	4	10
23	W	2	4	0	6
Média por questão:		2	3,3	1,6	6,9

3.5.5. Apresentação dos resultados

Na figura 8 o gráfico da classificação qualitativa em percentagem da atividade n.º 3.

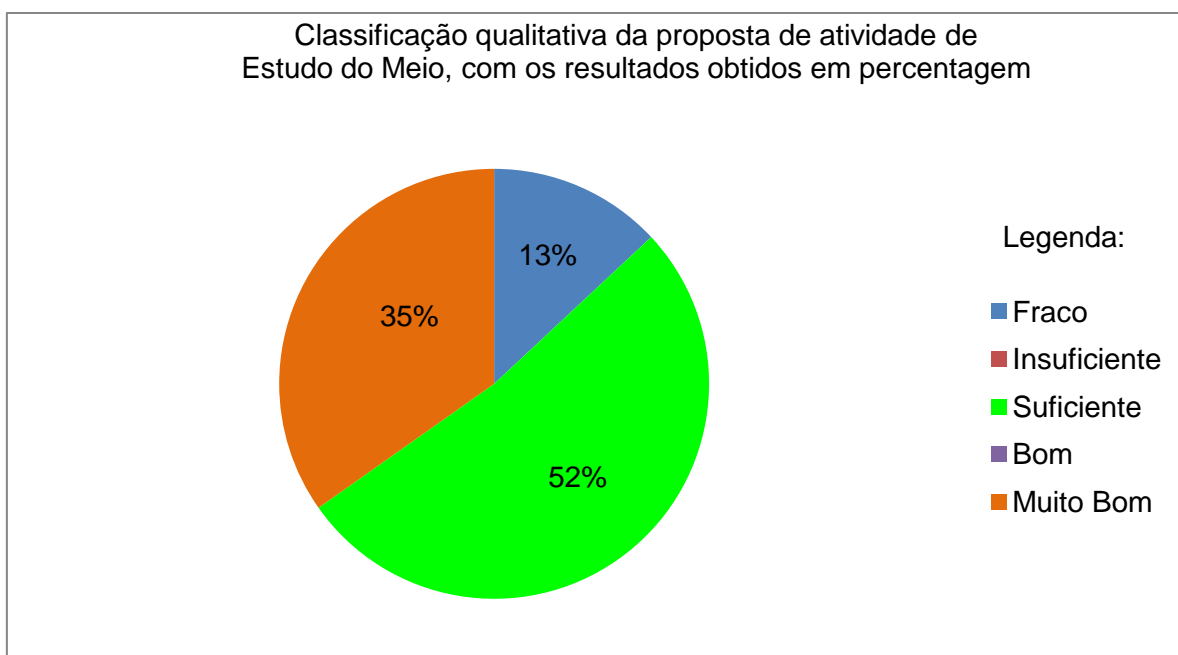


Figura 8 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 3

3.5.6. Análise dos resultados obtidos

Através dos dados do gráfico, é possível verificar que existem mais resultados positivos (87%) do que negativos (13%) na turma, sendo que, três alunos obtiveram a classificação Fraco (13%) e os restantes alcançaram uma classificação positiva. Também se observa que, doze alunos auferiram a classificação Suficiente (52%) e oito alunos atingiram a classificação Muito Bom (35%).

3.6. Avaliação da atividade n.º 4

3.6.1. Contextualização

A presente avaliação refere-se a uma atividade realizada no decorrer do estágio profissional efetuado no Colégio São João de Brito, com 30 crianças do 6.º ano de escolaridade do 2.º Ciclo do Ensino Básico, na área de História e Geografia de Portugal.

No final de ter sido lecionado o conteúdo programático “A Península Ibérica: dos primeiros povos à formação de Portugal”, os alunos realizaram a ficha alusiva a este tema (anexo 4).

3.6.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações

Segue-se o quadro 26 que explana os parâmetros, os critérios e as cotações da atividade n.º4.

Quadro 26 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 4

Parâmetros		Critérios		Cotações
1.1.	Referir quais as atividades dos povos recolectores.	Refere 3 atividades.	1,5	1,5
		Refere 2 atividades.	1	
		Refere 1 atividades.	0,5	
		Não refere nenhuma atividade.	0	
1.2.	Identificar as diferenças entre os povos recolectores e os povos produtores.	Refere as diferenças e enuncia as atividades dos povos produtores.	1	1
		Refere as diferenças entre os povos.	0,5	
		Não refere diferenças e não enuncia atividades dos povos produtores.	0	
1.3.	Enunciar o tipo de habitação.	Enuncia três tipos de habitação dos povos recolectores e enuncia três materiais utilizados nas casas dos povos produtores.	1	1
		Enuncia um dos tipos de habitação: ou dos povos recolectores ou dos povos produtores.	0,5	
		Não enuncia nenhum dos tipos de habitação solicitados.	0	
2.1.	Intitular o mapa.	Refere as rotas comerciais dos povos mediterrâneos.	1,5	1,5
		Não refere as rotas comerciais dos povos mediterrâneos.	0	
2.2.	Referir o nome dos povos mais antigos da P.I.	Refere o nome dos três mais antigos povos da Península Ibérica.	1,5	1,5
		Refere o nome dos dois mais antigos povos da Península Ibérica.	1	
		Refere o nome de um dos mais antigos povos da Península Ibérica.	0,5	
		Não refere o nome de nenhum dos mais antigos povos da Península Ibérica.	0	
2.3.	Explicar o objetivo de os povos terem vindo à P.I.	Refere o interesse nos metais, produtos agrícolas e peixe.	1,5	1,5
		Refere o interesse em dois dos recursos nomeados.	1	
		Refere o interesse em um dos recursos nomeados.	0,5	
		Não refere o interesse em nenhum dos recursos.	0	
3.1.	Situar no tempo a alínea correta.	Circunda a alínea correta.	1,5	1,5
		Não circunda a alínea correta.	0	

3.6.3. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com o objetivo de avaliar a ficha entregue aos alunos, foi elaborada uma grelha na qual constam parâmetros, respetivos critérios e cotações. Os critérios estipulados para cada um dos parâmetros visam apurar competências específicas na área de História e Geografia de Portugal.

O primeiro parâmetro: referir quais as atividades dos povos recolectores, tem como objetivo verificar se os alunos conseguem identificar as atividades específicas.

O segundo parâmetro: identificar as diferenças entre os povos recolectores e os povos produtores, pretende aferir a capacidade de o aluno referir e enunciar as diferenças das atividades dos povos produtores.

O terceiro parâmetro: enunciar o tipo de habitação, tem como objetivo aferir se os alunos enunciam um dos tipos de habitação: ou dos povos recolectores ou dos povos produtores.

O quarto parâmetro: intitular o mapa, pretende aferir a capacidade de o aluno sintetizar, num título, a informação do mapa.

O quinto parâmetro: referir o nome dos povos mais antigos da Península Ibérica, tem como objetivo perceber se os alunos sabem quais os povos mais antigos que estiveram na Península Ibérica.

O sexto parâmetro: explicar o objetivo de os povos terem vindo à Península Ibérica, serve para compreender se os alunos percebem a importância dos metais, dos produtos agrícolas e da atividade piscatória.

O sétimo parâmetro: situar no tempo a alínea correta, serve para verificar se os alunos conseguem analisar uma barra cronológica.

3.6.4. Grelha de correção

Apresenta-se no quadro 27 a grelha de correção da atividade n.º 4.

Quadro 27 — Grelha de correção da atividade n.º 4

Parâmetros		1.1.	1.2.	1.3.	2.1.	2.2.	2.3.	3.1.	Total
Cotações		1,5	1	1	1,5	1,5	1,5	1,5	10
N.º	Nome								
1	A	1,5	1	1	1,5	1	1,5	1,5	9
2	B	1,5	0,5	1	1,5	1	1	1,5	8
3	C	1	1	1	1,5	1,5	1	1,5	8,5
4	D	1	0,5	1	1,5	1,5	1,5	1,5	8,5
5	E	1	0,5	1	1,5	1	1,5	1,5	8
6	F	1,5	1	0,5	1,5	1,5	1	1,5	8,5
7	G	1	0,5	1	1,5	1	1,5	1,5	8
8	H	1,5	1	0,5	0	1	1,5	1,5	7
9	I	1	1	1	1,5	1,5	1,5	1,5	9
10	J	1,5	1	1	1,5	1	1,5	1,5	9
11	K	1	1	0,5	1,5	1	0,5	1,5	7
12	L	1	0,5	1	1,5	1,5	1	1,5	8
13	M	0,5	1	1	0	1	1,5	1,5	6,5
14	N	1,5	0,5	1	1,5	1,5	1,5	1,5	9
15	O	1	1	1	0	1,5	1,5	1,5	7,5
16	P	1,5	0,5	0,5	0	1	1,5	1,5	6,5
17	Q	1,5	1	1	0	1	1,5	1,5	7,5
18	R	1	0,5	0,5	1,5	1	1,5	1,5	7,5
19	S	1	0,5	0,5	0	1,5	1,5	1,5	6,5
20	T	1,5	0,5	0,5	1,5	1	1,5	1,5	8
21	U	1,5	1	0,5	1,5	1	1	1,5	8
22	V	1,5	1	1	0	1	1,5	1,5	7,5
23	W	1,5	1	1	0	0,5	1,5	1,5	7
24	X	0,5	1	1	0	1	1,5	1,5	6,5
25	Y	1	1	1	1,5	0,5	1	1,5	7,5
26	Z	1,5	1	1	1,5	1	1,5	1,5	9
27	A1	1,5	1	0,5	1,5	1,5	1,5	1,5	9
28	B1	0,5	0,5	1	1,5	1	1	1,5	7
29	C1	1,5	0,5	1	0	1,5	1,5	1,5	7,5
30	D1	1	1	1	1,5	1	1,5	1,5	8,5
Média por questão:		1,2	0,8	0,85	1	1,1	1,35	1,5	7,8

3.6.5. Apresentação dos resultados

Na figura 9 o gráfico da classificação qualitativa em percentagem da atividade n.º 4.

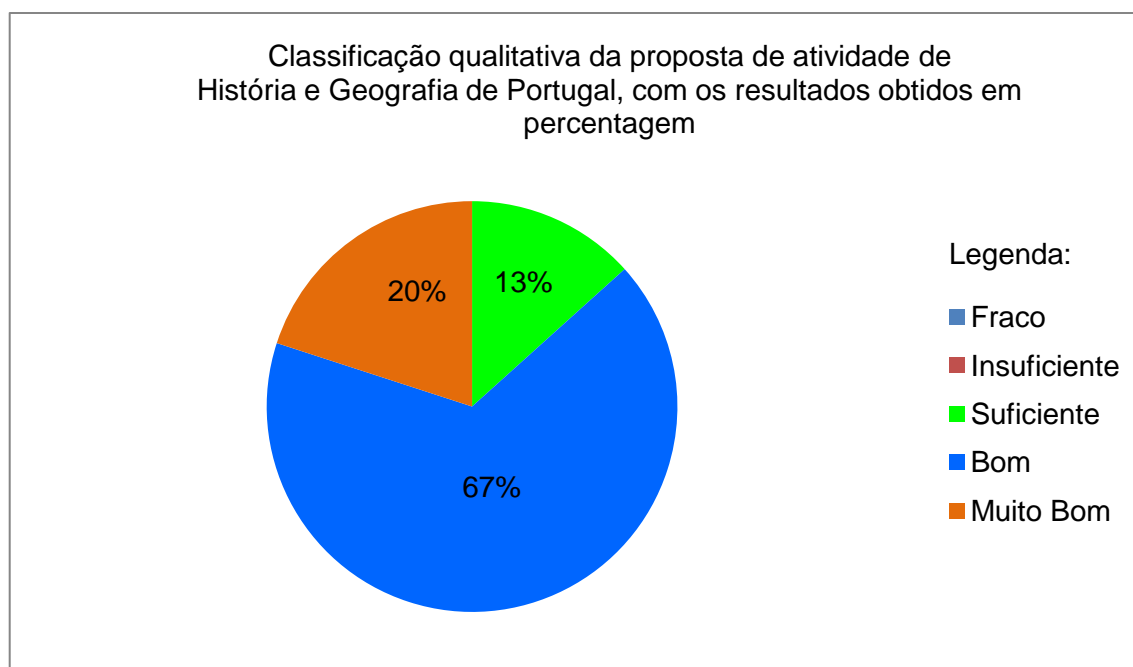


Figura 9 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 4

3.6.6. Análise dos resultados obtidos

Através dos dados do gráfico, é possível verificar que só existem resultados positivos (100%) na turma, sendo que, quatro alunos obtiveram a classificação Suficiente (13%), vinte alunos auferiram a classificação Bom (67%) e seis alunos atingiram a classificação Muito Bom (20%).

3.7. Avaliação da atividade n.º 5

3.7.1. Contextualização

A presente avaliação refere-se a uma atividade realizada no decorrer do estágio profissional efetuado no Colégio São João de Brito, com 30 crianças do 6.º ano de escolaridade do 2.º Ciclo do Ensino Básico, na área de Língua Portuguesa.

No final de ter sido lecionado o conteúdo programático “A Península Ibérica: dos primeiros povos à formação de Portugal”, os alunos realizaram a ficha alusiva a este tema (anexo 5).

3.7.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações

Segue-se o quadro 28 que explana os parâmetros, os critérios e as cotações da atividade n.º 5.

Quadro 28 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 5

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Identificar quem recolheu o texto	Identifica corretamente.	0,5	0,5
		Não identifica.	0	
2.	Identificar um local possível para situar o jardim	Identificou o local respeitando o sentido do texto (perto do mar ou rio).	0,5	0,5
		Não identificou o local respeitando o sentido do texto (perto do mar ou rio).	0	
2.1.	Justificar um local possível para situar o jardim	Justifica corretamente por palavras suas.	2,5	2,5
		Justifica corretamente recorrendo-se ao texto.	2	
		Não justifica corretamente.	1,5	
		Identifica dois ou três elementos.	1	
		Identifica um elemento.	0,5	
3.	Enumerar as ofertas que a Infanta se propõe a fazer ao capitão	Não identifica qualquer elemento.	0	1
		Enumera quatro ofertas.	1	
		Enumera duas ou três ofertas.	0,75	
		Enumera uma oferta.	0,5	
4.	Explicar a razão pela qual o capitão não aceitou o que a Infanta lhe oferecera	Não enumera qualquer oferta.	0	1
		Explica corretamente por palavras suas.	1	
		Explica corretamente recorrendo-se ao texto.	0,5	
5.	Transcrever a expressão que melhor expressa a insatisfação do capitão	Não explica corretamente.	0	1
		Transcreve a expressão que melhor expressa a insatisfação do capitão.	1	
		Transcreve uma expressão que expressa a insatisfação do capitão.	0,5	
6.	Explicar o motivo pelo qual a protagonista não aceitou a última proposta do capitão	Não transcreve uma expressão que expressa a insatisfação do capitão.	0	0,5
		Explica corretamente.	0,5	
7.	Referir a forma como a Infanta reconheceu o seu marido	Não explica corretamente.	0	1
		Refere corretamente.	1	
8.	Completar o quadro tendo em conta os sentimentos da Infanta	Não refere corretamente.	0	2
		Completa todos os espaços corretamente.	2	
		Completa dois ou três espaços corretamente.	1,5	
		Completa um espaço corretamente.	1	
		Não completa corretamente os espaços.	0,5	
Não indica o tema correto.	0			

3.7.3. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com o objetivo de avaliar a ficha entregue aos alunos, foi elaborada uma grelha na qual constam parâmetros, respetivos critérios e cotações. Os critérios estipulados para cada um dos parâmetros visam apurar competências específicas na área de Língua Portuguesa.

O primeiro parâmetro: identificar quem recolheu o texto, tem como objetivo verificar se os alunos conseguem identificar as atividades específicas.

O segundo parâmetro: identificar um local possível para situar o jardim, pretende aferir a capacidade de o aluno reconhecer o local onde se passa a ação respeitando o sentido do texto (perto do mar ou rio).

O terceiro parâmetro: justificar um local possível para situar o jardim, tem como objetivo aferir se os alunos inferem sobre o local onde o jardim se possa situar.

O quarto parâmetro: enumerar as ofertas que a Infanta se propõe a fazer ao capitão, pretende aferir se o aluno percebeu quais as ofertas que a Infanta sugere ao capitão.

O quinto parâmetro: explicar a razão pela qual o capitão não aceitou o que a Infanta lhe oferecera, tem como objetivo perceber se os alunos sabem referir o que o capitão pretendia.

O sexto parâmetro: transcrever a expressão que melhor expressa a insatisfação do capitão, serve para verificar se os alunos compreenderam qual a insatisfação do capitão.

O sétimo parâmetro: explicar o motivo pelo qual a protagonista não aceitou a última proposta do capitão, serve para verificar se os alunos perceberam os motivos da Infanta.

O oitavo parâmetro: referir a forma como a Infanta reconheceu o seu marido, os alunos analisam como a Infanta reconheceu o seu marido.

O nono parâmetro: completar o quadro tendo em conta os sentimentos da Infanta, serve para verificar se os alunos sabem inferir sobre os sentimentos da Infanta.

3.7.4. Grelha de correção

Apresenta-se no quadro 29 a grelha de correção da atividade n.º 5.

Quadro 29 — Grelha de correção da atividade n.º 5

Parâmetros		1.	2.	2.1.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	Total
Cotações		0,5	0,5	2,5	1	1	1	0,5	1	2	10
N.º	Nome										
1	A	0,5	0	2,5	1	0,5	1	0,5	1	1	8
2	B	0,5	0,5	2	1	1	1	0,5	1	1	8,5
3	C	0,5	0,5	2	1	1	1	0,5	1	1,5	9
4	D	0,5	0,5	2,5	0,75	0,5	1	0,5	1	1,5	8,75
5	E	0,5	0,5	2,5	0,75	0,5	1	0,5	1	2	9,25
6	F	0,5	0,5	2	1	1	0,5	0,5	1	2	9
7	G	0,5	0,5	1,5	1	1	1	0,5	1	1,5	8,5
8	H	0,5	0	2,5	1	1	0,5	0,5	1	2	9
9	I	0,5	0,5	2,5	1	1	1	0,5	0	2	9
10	J	0,5	0,5	1,5	0,75	1	1	0,5	0	2	7,75
11	K	0,5	0,5	2	0,75	1	0,5	0,5	0	2	7,75
12	L	0,5	0,5	2,5	0,75	0,5	1	0,5	1	2	9,25
13	M	0,5	0,5	2,5	0,5	1	1	0,5	1	2	9,5
14	N	0,5	0,5	2,5	1	1	1	0,5	0	2	9
15	O	0,5	0,5	2,5	1	1	1	0,5	0	2	9
16	P	0,5	0,5	1,5	1	1	0,5	0,5	0	1	6,5
17	Q	0,5	0,5	2	1	1	1	0,5	1	2	9,5
18	R	0,5	0	2,5	1	1	0,5	0,5	0	2	8
19	S	0,5	0,5	2,5	1	0,5	0,5	0,5	1	2	9
20	T	0,5	0,5	2,5	1	0,5	0,5	0,5	0	2	8
21	U	0,5	0,5	2,5	0,75	1	0,5	0,5	0	2	8,25
22	V	0,5	0	1,5	0,75	1	1	0,5	1	1,5	7,75
23	W	0,5	0,5	2	1	1	1	0,5	1	2	9,5
24	X	0,5	0,5	2,5	1	1	1	0,5	1	2	10
25	Y	0,5	0,5	2,5	1	1	1	0,5	1	2	10
26	Z	0,5	0,5	2	0,5	0,5	1	0,5	1	2	8,5
27	A1	0,5	0,5	2	1	0,5	0,5	0,5	0	2	7,5
28	B1	0,5	0,5	2,5	0,75	1	1	0,5	0	2	8,75
29	C1	0,5	0,5	2,5	0,75	1	1	0,5	1	2	9,75
30	D1	0,5	0,5	2,5	1	1	1	0,5	0	2	9
Média por questão:		0,5	0,4	2,2	0,9	0,9	0,85	0,5	0,6	1,8	8,7

3.7.5. Apresentação dos resultados

Na figura 10 o gráfico da classificação qualitativa em percentagem da atividade n.º 5.

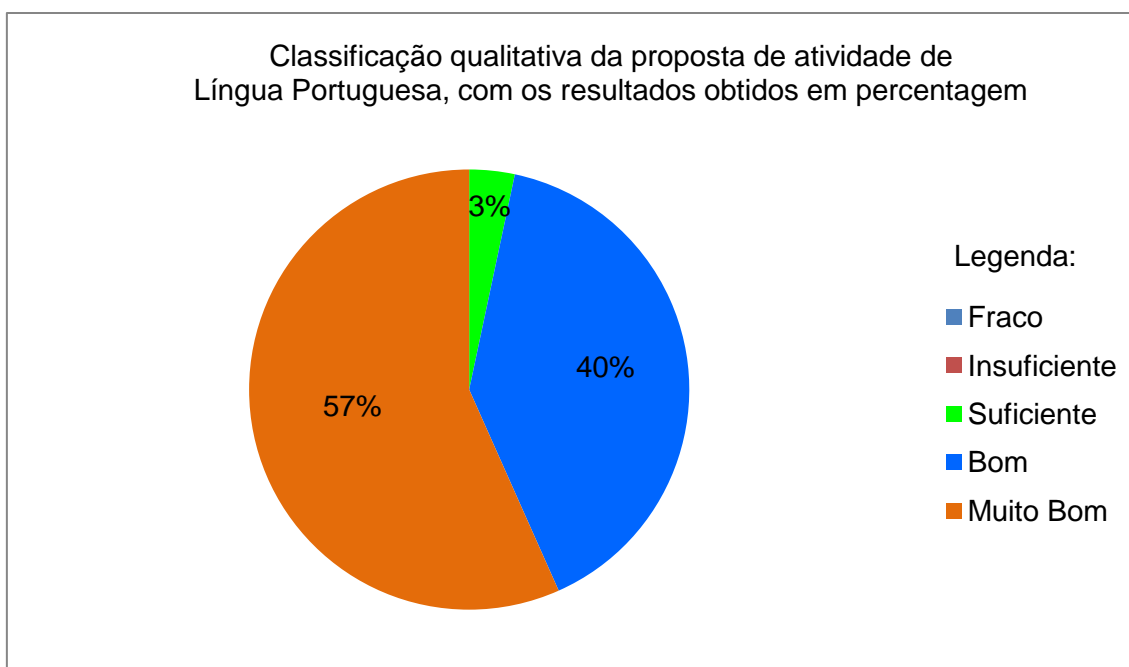


Figura 10 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 5

3.7.6. Análise dos resultados obtidos

Através dos dados do gráfico, é possível verificar que só existem resultados positivos (100%) na turma, sendo que, um aluno obteve a classificação Suficiente (3%), doze alunos auferiram a classificação Bom (40%) e dezassete alunos atingiram a classificação Muito Bom (57%).

3.8. Avaliação da atividade n.º 6

3.8.1. Contextualização

A presente avaliação refere-se a uma atividade realizada no decorrer do estágio profissional efetuado no Colégio São João de Brito, com 30 crianças do 6.º ano de escolaridade do 2.º Ciclo do Ensino Básico, na área de Matemática.

No final de ter sido lecionado o conteúdo programático “A Península Ibérica: dos primeiros povos à formação de Portugal”, os alunos realizaram a ficha alusiva a este tema (anexo 6).

3.8.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações

Segue-se o quadro 30 que explana os parâmetros, os critérios e as cotações da atividade n.º 6.

Quadro 30 — Grelha de parâmetros, critérios e cotações atribuídos à atividade n.º 6

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.1.	Realizar conversões as	Realiza a conversão correta.	1	1
		Não realiza a conversão correta.	0	
1.2.	Realizar conversões as	Realiza a conversão correta.	1	1
		Não realiza a conversão correta.	0	
1.3.	Realizar conversões as	Realiza a conversão correta.	1	1
		Não realiza a conversão correta.	0	
1.4.	Realizar conversões as	Realiza a conversão correta.	1	1
		Não realiza a conversão correta.	0	
2.1.	Calcular a área da figura	Calcula a área corretamente e apresenta todos os resultados.	2	2
		Calcula a área corretamente e não apresenta todos os resultados.	1,5	
		Não calcula a área corretamente mas utiliza um raciocínio certo.	1	
		Não calcula a área corretamente nem utiliza um raciocínio certo.	0	
2.2.	Calcular a área da figura	Calcula a área corretamente e apresenta todos os resultados.	2	2
		Calcula a área corretamente e não apresenta todos os resultados.	1,5	
		Não calcula a área corretamente mas utiliza um raciocínio certo.	1	
		Não calcula a área corretamente nem utiliza um raciocínio certo.	0	
2.3.	Calcular a área da figura	Calcula a área corretamente e apresenta todos os resultados.	2	2
		Calcula a área corretamente e não apresenta todos os resultados.	1,5	
		Não calcula a área corretamente mas utiliza um raciocínio certo.	1	
		Não calcula a área corretamente nem utiliza um raciocínio certo.	0	

3.8.3. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com o objetivo de avaliar a ficha entregue aos alunos, foi elaborada uma grelha na qual constam parâmetros, respectivos critérios e cotações. Os critérios estipulados para cada um dos parâmetros visam apurar competências específicas na área de Matemática.

O primeiro parâmetro: realizar conversões, tem como objetivo verificar se os alunos conseguem converter para unidades de medidas comprimento.

O segundo parâmetro: realizar conversões, tem como objetivo verificar se os alunos conseguem converter medidas de área.

O terceiro parâmetro: realizar conversões, tem como objetivo verificar se os alunos conseguem converter medidas agrárias.

O quarto parâmetro: realizar conversões, tem como objetivo verificar se os alunos conseguem converter unidades de medida de área em unidades de medida agrárias.

O quinto parâmetro: Calcular a área da figura, tem como objetivo perceber se os alunos sabem calcular a área de meia coroa circular.

O sexto parâmetro: Calcular a área da figura, tem como objetivo perceber se os alunos sabem calcular a área de um quadrado e de um retângulo e posteriormente subtrair a área do primeiro à do segundo.

O sétimo parâmetro: Calcular a área da figura, tem como objetivo perceber se os alunos sabem calcular a área de um círculo e de um de um quadrado inscrito neste e posteriormente subtrair a área do segundo à do primeiro, de modo a descobrir três quartos desse valor.

3.8.4. Grelha de correção

Apresenta-se no quadro 31 a grelha de correção da atividade n.º 6.

Quadro 31 — Grelha de correção da atividade n.º 6

Parâmetros		1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	2.1.	2.2.	2.3.	Total
Cotações		1	1	1	1	2	2	2	10
N.º	Nome								
1	A	1	1	1	1	2	2	1	9
2	B	1	1	1	0	2	2	2	9
3	C	1	0	0	1	1,5	2	1	6,5
4	D	0	1	0	1	2	2	1	7
5	E	1	1	1	1	2	2	1	9
6	F	1	1	1	1	2	2	1	9
7	G	1	1	1	1	2	2	1,5	9,5
8	H	1	1	1	1	1,5	2	1	8,5
9	I	1	1	1	1	1,5	2	1	8,5
10	J	1	0	1	1	1	2	1	7
11	K	1	1	1	0	1,5	2	1	7,5
12	L	0	1	1	0	1,5	2	1,5	7
13	M	1	1	1	0	1,5	2	1,5	8
14	N	1	1	1	0	1	2	1,5	7,5
15	O	0	1	1	1	0	2	1	6
16	P	1	0	1	1	2	2	2	9
17	Q	1	1	1	1	2	2	1,5	9,5
18	R	0	0	1	1	2	2	2	8
19	S	0	1	0	1	2	2	2	8
20	T	1	1	1	0	2	2	2	9
21	U	0	1	1	1	2	2	2	9
22	V	1	1	0	1	2	2	1,5	8,5
23	W	0	1	1	0	1,5	2	1,5	7
24	X	1	1	1	1	1,5	2	1,5	9
25	Y	0	1	1	1	1	2	1,5	7,5
26	Z	1	1	0	1	2	2	2	9
27	A1	0	1	1	0	2	2	2	8
28	B1	1	1	1	1	2	2	2	10
29	C1	1	0	1	0	1,5	2	1,5	7
30	D1	0	1	1	0	1,5	2	1,5	7
Média por questão:		0,7	0,8	0,8	0,7	1,7	2	1,5	8,15

3.8.5. Apresentação dos resultados

Na figura 11 o gráfico da classificação qualitativa em percentagem da atividade n.º 6.

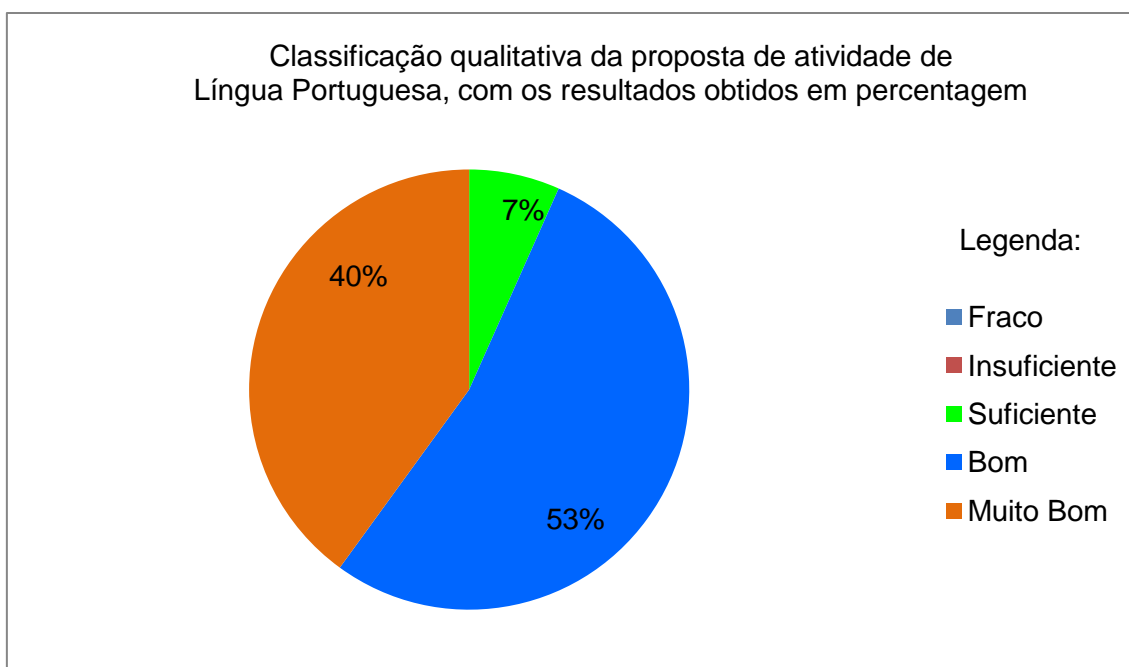


Figura 11 — Gráfico de classificação qualitativa da atividade n.º 6

3.8.6. Análise dos resultados obtidos

Através dos dados do gráfico, é possível verificar que só existem resultados positivos na turma (100%), sendo que, dois alunos obtiveram a classificação Suficiente (7%), dezasseis alunos auferiram a classificação Bom (53%) e doze alunos atingiram a classificação Muito Bom (40%).

Capítulo IV — Reflexão final

1. Considerações finais

Terminado o estágio profissional sinto ser necessário refletir sobre todos os momentos que vivenciei ao longo deste período, referindo os aspetos que considero positivos e as limitações que surgiram. O balanço que faço dos dois anos de prática profissional é muito positivo, pois através desta enriqueci a minha formação quer pessoal, quer profissional perante uma construção dos conhecimentos práticos e teóricos, aplicados à realidade educativa na escola. Como refere Dewey, citado por Alarcão e Tavares (2003, p.19), a “formação profissional dos professores deve ter uma componente teórica e uma componente prática”. Deste modo, tanto a componente prática como a teórica completam-se, tirando o maior partido das duas.

Verifiquei quais as minhas capacidades e limitações, auxiliado por uma equipa de docentes que, ao longo de todo o estágio profissional, me esclareceu e orientou para atingir o sucesso pretendido. Alarcão (2002, p.58) refere que, “as estratégias para uma formação reflexiva assentam numa atitude de questionamento sustentado por: a) uma vontade de melhor conhecer e melhor agir; b) referentes teóricos de análise; c) domínio das metodologias apropriadas; d) encorajamento e apoio”, deste modo, a supervisão, como menciona Oliveira-Formosinho (2002, p.102), “torna-se um mediador da aprendizagem e do desenvolvimento do adulto”.

Quero mencionar a forma como fui avaliado ao longo destes dois anos, pois a avaliação é parte integrante do reconhecimento e a reflexão dos processos da minha prática profissional. O permanente *feedback* dos professores supervisores da prática pedagógica é um fator que em muito determinou o desenvolvimento das minhas competências. Ele foi fornecido com base num diálogo e entendimento entre ambas as partes (formando e formadores). Como mencionam Alves e Machado (2002, p.694), “os discursos e as práticas de avaliação em formação têm acentuado, (...) a problemática da participação dos formandos” nos processos de negociação, reflexão e autonomia, de modo a possibilitar que os dispositivos de formação concorram para a mudança.

No decorrer do estágio, consegui ponderar muitas das minhas atitudes que tomei pelos registos que efetuei das aulas que observava e lecionava. Com as inferências aprendi com as observações, experiências e refleti sobre diferentes estratégias no processo ensino-aprendizagem. Morgado (1999, p.55), refere que, é necessário uma reflexão constante sobre o que é praticado e os princípios de natureza distinta que suportam essa prática, pois “esta reflexão poderá constituir-se como instrumento privilegiado de regulação e avaliação do trabalho desenvolvido, facilitando a introdução, quando justificada, de mecanismos de ajustamento”.

Acredito que o percurso vivido enquanto estagiário possa contribuir futuramente para uma integração na vida ativa dando relevo à função de ser professor. Alves (1997) citado por Braga (2001, p.65), fala do “choque de realidade” vivido pelos professores em início de carreira. Refere ainda que, a “situação de contradição institucional e conseqüente impreparação do futuro professor para a vida real, derivada, em grande medida, do carácter preponderantemente teórica da formação inicial”; acerca desta opinião considero que a prática pedagógica realizada em muito pode contribuir para a minimização deste choque e gostaria de salientar, que apesar de nunca ter exercido a profissão de professor, é com grande entusiasmo que encaro esta nova etapa. Com base neste sentimento estão todas as aulas lecionadas e as participações ativas nas rotinas diárias de uma escola. Julgo que a prática profissional contribuiu, em muito, para uma atitude e postura de confiança, na medida em que contatei com muitos docentes experientes que não só possibilitaram o desenvolvimento das minhas competências, dos valores, das atitudes e das capacidades, como também serviram de modelo.

2. Limitações

No que diz respeito às limitações sentidas ao longo da realização deste relatório com base na observação direta de contextos pedagógicos estas prendem-se sobretudo com duas dimensões: uma na ótica do estagiário observador e participante e outra ligada a fatores exteriores.

Relativamente às limitações vividas enquanto estagiário, verifiquei em algumas circunstâncias que as estratégias que aplicava não eram as mais apropriadas. Sempre que preparava uma aula procurava equilibrar os saberes científicos com os saberes didáticos, como tal tentava ter também alguns procedimentos lúdicos que fossem ao encontro dos temas que tencionava abordar. Aconteceu, em algumas situações, que nem sempre esses procedimentos incitaram à descoberta e investigação por parte dos alunos. A título de exemplo: numa aula de História de Portugal, na qual me vesti de rei com o objetivo de apresentar a vida e obra desse monarca, permiti que os alunos adotassem uma postura de espectadores ao invés de os levar a pesquisar os factos históricos para que fossem eles próprios a fazerem parte da ação, numa perspetiva construtivista. Julgo que esta limitação está ligada à condição de um estagiário que não se encontra em permanente contato diário com os alunos, nem tem a perspetiva real de como atingir objetivos com determinadas estratégias, para cada turma, que é diferenciada de outra, provocando assim, que as atividades possam não ter a sequência pretendida.

Quanto aos fatores exteriores não posso deixar de referir uma situação que vivenciei durante um período de estágio. Ao estagiar num colégio particular de Lisboa tive a oportunidade de conviver com alguns professores que lecionavam as diferentes áreas do saber, apresentando uma atitude recetiva em relação aos estagiários; outros pautaram a sua postura pela indiferença. Houve momentos em que senti que a minha presença (enquanto formando) era um fator exterior e acessório ao que acontecia na sala de aula. Considero que esta situação em nada se coaduna com o que se pretende na atualidade, no ensino, pois a escola deve ser por excelência um lugar de troca de experiências e saberes, em que os docentes têm um papel primordial na formação dos futuros profissionais. Foi com decepção que senti e vivi neste período de estágio pois, por variadas vezes, não me foi possível participar de forma ativa e integrante na dinâmica escolar da instituição.

3. Novas pesquisas

A elaboração deste relatório levou-me a investigar e a procurar compreender atitudes, práticas, estratégias e planificações. Um dos objetivos que me prendia à concretização deste trabalho era a vontade de conhecer melhor o processo de ensino-aprendizagem. Deste modo tentei elaborar as inferências dos relatos descritos e baseados nas obras pesquisadas e lidas. A realização destas inferências veio motivar a minha necessidade de compreender e saber explicar as diversas dimensões da prática pedagógica e profissional efetuadas.

A reflexão que norteou a elaboração deste relatório também contribuiu para a melhoria dos procedimentos que ia pondo em prática nos contextos de sala de aula. Ao refletir sobre as aulas que programei e lecionei, deparei-me com situações novas que exigiram a aptidão de interagir e modificar procedimentos com os alunos de modo a contribuir para o desenvolvimento das suas aprendizagens. É aqui que penso ser fundamental criar instrumentos que concorram para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Assim deixo em aberto a possibilidade de elaborar um jogo baseado numa bolsa de valores que potencie a capacidade dos alunos de analisarem, compreenderem e atuarem, praticando uma situação relacionada com a vida real. Este jogo terá como objetivo principal a tomada de decisões por parte dos alunos, a partilha e o respeito mediante o cálculo e a interpretação de dados. O jogo consistirá em apresentar situações ligadas ao mundo do comércio e das empresas; dando a oportunidade aos alunos de assumirem um papel de representantes de associações e assim poderem atuar de forma a manterem os seus negócios estáveis e seguros em termos financeiros.

A concretização decorre da tentativa de criar uma atividade interdisciplinar e multidisciplinar que promova a autonomia, a transversalidade, a cultura dos alunos para poderem serem cidadãos e homens do futuro realizados pessoal e profissionalmente.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Matos, J. M. & Ponte, J. P. (1998). *Investigação em educação Matemática*. Coimbra: Instituto de Inovação Educacional.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância — actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa Letras.
- Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão. Um contexto e desenvolvimento profissional dos professores*. PT: Edições Pedagogo.
- Alarcão, I. & Tavares, j. (2003). *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina.
- Alarcão, I. (2002). “Estratégias para uma formação reflexiva”. In Estrela, A. & Ferreira, J. (org.). *A formação de professores à luz da investigação*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Lisboa; p.58.
- Alarcão, I., Infante, M. J. & Silva, M. S. (1996). “Descrição e análise interpretativa de episódios de ensino: os casos como estratégia de supervisão reflexiva”. In Alarcão, I. (org.). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alonso, L. & Roldão, M. C. (eds.) (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.
- Altet, M. (2000). *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*. Porto: Porto Editora.
- Altet, M. (2001). “As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de acção e adaptação, saber analisar”. In Paquay, L., Perrenoud, P., Altet, M. & Charlier, É. *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?*. Porto Alegre: Artmed Editora; pp. 23-35.
- Alves, M. P. C. & Machado, E. A. (2002). “Dar sentido(s) à formação de professores: o contributo da avaliação formadora”. In Estrela, A. & Ferreira, J. (org.). *A formação de professores à luz da investigação*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Lisboa; p.694.

- Alves, M. P. C. (2002). "A avaliação e o desenvolvimento profissional do professor". In Moreira, A. F. B. & Macedo, E. F. (org.). *O currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora.
- Amado, J. S. (2001). *Interação pedagógica e indisciplina na sala de aula*. Porto: Edições ASA.
- André, C. & Lelord, F. (2000). *A auto-estima: aprender a gostar de si para melhor viver com os outros*. Lisboa: Editorial Presença.
- Antunes, C. (2007). *Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal.
- Azevedo, F. (2008). "Desenvolver a aprendizagem activa de competências através da literatura". In Sousa, O. & Cardoso, A. *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais Escola Superior de Educação de Lisboa; pp.75-88.
- Barbeiro, L. (1998). *O jogo no ensino-aprendizagem da língua*. Leiria: Legenda.
- Bastos, G. (1992). "A leitura". In Reis, C. & Adragão, J. V. *Didáctica do português*. Lisboa: Universidade Aberta; pp. 159-197.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Best, D. (1996). *A racionalidade do sentimento: o papel das artes na educação*. Porto: ASA.
- Bloom, H. (2001). *Como ler e porquê?* Lisboa: Caminho.
- Boavida, A. M. R., Paiva, A. L., Cebola, G., Vale, I. & Pimentel, T. (2008). *A experiência Matemática no ensino básico: programação de formação contínua em Matemática para professores dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Braga, F. (Coor.). (2004). *Planificação: novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Branco, M. E. C. (2000). *Vida, pensamento e obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Brousseau, G. (1996). "Fundamentos e métodos da didáctica da Matemática". In Brun, J. (dir.). *Didáctica das Matemáticas*. Lisboa: Instituto Piaget; pp. 35-113.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F. (2009a). "O lúdico do jogo". In *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da Matemática*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga, departamento da didáctica da língua e da literatura.
- Carita, A. & Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula: Como prevenir? Como remediar?* Lisboa: Editorial Presença.
- Charlier, É. (2001). "Formar professores profissionais para uma formação contínua articulada à prática". In Paquay, L., Perrenoud, P., Altet, M. & Charlier, É. *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?*. Porto Alegre: Artmed Editora; pp. 85-102.
- Chateau, J. (1975). *A criança e o jogo*. Coimbra: Atlântica Editora.
- Collis, K. F. (1979). "O pensamento matemático nas crianças". In P.V. Varma & P. William (Coor.). *Piaget, psicologia e educação*. Lisboa: Moraes Editor.
- Cortesão, L. (1993). *A avaliação formativa - Que desafios?*. Porto: Edições ASA
- Curto, P. M. (1998). *A escola e a indisciplina*. Porto: Porto Editora.
- Damas, E. et al. (2010). *Alicerces da Matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.
- Davies, D. (dir.) (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Deus, M. L. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. (8.^a edição). Lousã: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa: instrumentos de análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Estrela, A. & Nóvoa, A. (1993) (Org.). *Avaliações em educação: novas perspectivas*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, A. & Nóvoa, A. (1993) (Org.). *Avaliações em educação: novas perspectivas*. Porto: Porto Editora.
- Fabregat, C. H. & Fabregat, M. H. (1991). *Como preparar uma aula de história*. PT: Edições ASA.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Fernandes, D. F. (1994). *Educação Matemática no 1.º Ciclo do Ensino Básico: aspectos inovadores*. Porto: Porto Editor.
- Fernandes, D. M. (2000). *Aprender Matemática com calculador e folha de cálculo: para a educação básica, com maior incidência no 1.º Ciclo*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Figueiredo, O. (2004). *Didáctica do português língua materna: dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas*. Porto: Edições Asa.
- Fourez, G. (dir.). (2008). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- García, J. S. (2000). *A criança e o livro – A aventura de ler*. Porto: Porto Editora.
- Gomes, J. A. (1996). *Da nascente à voz – Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.
- Gómez, A. P. (1992). “O pensamento prático do professor — formação do professor como profissional reflexivo”. In Nóvoa, A. (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; pp. 93 - 114.
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo*. Porto: Porto Editora.
- Instituto de Inovação Educacional (1992). *Avaliar é aprender. O novo sistema de avaliação. Cadernos de avaliação 5*. Lisboa: IIE

Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores: concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Jares, X. R. (2002). *Educação e conflito: guia de educação para a convivência*. Porto: Edições ASA.

Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.

Jesus, O. F. (2006). "Aspectos da aprendizagem da leitura e da escrita". In Célia A. Figueiredo & Osvaldo Figueiredo Jesus. *Linguística aplicada: Aspectos da leitura e do ensino das línguas*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

Jesus, S. N. (2004). *Psicologia da educação*. Coimbra: Quarteto Editora.

Jorge, M. M. (1991). "Educação em Ciência: perspectivas actuais". In Oliveira, M. T. M. (coord.). *Didáctica da biologia*. Lisboa: Universidade Aberta; pp. 29-41.

Lagarto, J. R. (2007). "A escola, a sociedade da informação e as tic". In Lagarto, J. R. (org.). *Na rota da sociedade do conhecimento. As tic na escola*. Lisboa: Universidade Católica Editora; pp. 7-13.

Lages, M. F., Liz, C., António, J. H. C. & Correia, T. S. (2007). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: GEPE.

Landier, J.C. & Barret, G. (1999). *Expressão dramática e teatro*. Porto: Edições Asa.

Lebrun, M. (2008). *Teorias e métodos pedagógicos para ensinar e aprender*. Lisboa: Instituto Piaget.

Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos - novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.

Leite, C. (Org.). (2001). *Avaliar a avaliação*. Porto: Edições ASA.

Lemos, V. (1986). *O critério do sucesso*. Lisboa: Texto Editora.

Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Asa editores.

Ludke, M. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.

Magalhães, V. (2008). "A promoção da leitura literária na infância: Um mundo de verdura a não perder". In Sousa, O. & Cardoso, A. *Desenvolver competências em*

Língua Portuguesa. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-72.

Marques, R. (1988). *A escola e os pais: como colaborar?* Lisboa: Texto Editora.

Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V. & Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Martins, M. R. D. & Duarte, I. (2000). "Fazer gramática". In Rebelo, D., Marques, M. J. & Costa, M. L. *Fundamentos da didáctica da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta; p. 171.

Matos, J. M. & Serrazina, L. (s.d.). *O geoplano na sala de aula*. Associação de Professores de Matemática.

Matos, J. M. & Serrazina, M. L. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.

Melo, M. C. (2005). *A expressão dramática: à procura de percursos*. Lisboa: Livros Horizonte

Méndez, J. M. A. (2002). *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto: Edições ASA.

Ministério da Educação (2001). *Programa do 1.º ciclo do ensino básico*. (3.ª edição). Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2004). *Programa do 1.º ciclo do ensino básico*. (4.ª edição). Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2008). *Programas de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2009). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Mira, A. M. (1995). *João de Deus e a actualidade do seu método ou arte de leitura*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Moniz dos Santos, M. E. V. (1998). *Mudança conceptual na sala de aula: um desafio pedagógico epistemologicamente fundamentado*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Montadon, C. & Perrenoud, P. (2001). *Entre pais e professores, um diálogo impossível?: para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola*. Oeiras: Celta Editora.
- Monteiro, C. & Pinto, H. (2007). *Desenvolvendo o sentido do número racional*. Associação de Professores de Matemática.
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nabais, J. A. (s.d.). *À descoberta da Matemática com o calculador multibásico*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- Nascimento, M. J. (2007). *Pensamento e práticas disciplinares de professores*. Lisboa: EDUCA – Professores.
- NCTM. (1994). *Normas profissionais para o ensino da matemática*. Lisboa: APM
- Nóvoa, A. (1992). “Formação de professores e profissão docente”. In Nóvoa, A. (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; pp. 15-35.
- Oliveira, M. T. M. (coord.). (1991). *Didáctica da biologia*. Lisboa. Universidade Aberta.
- Oliveira-Formosinho, J. (2002). “Novos objectivos: supervisão como mediação do desenvolvimento organizacional e profissional”. In Oliveira-Formosinho, J. (org.). *A supervisão na formação de professores II: da organização à pessoa*. Porto: Porto Editora; pp. 102-117.
- Pacheco, J. A. & Zabalza, M. (Org.). (1995). *A avaliação dos alunos dos ensinos básico e secundário*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho.
- Pacheco, J. A. (1995). *O pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editora.
- Pais, A. & Monteiro, M. (2002). *Avaliação uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.

- Pedrosa, M. A. (2001). “Ensino das ciências e trabalhos práticos – (re)conceptualizar...” In Veríssimo, A., Pedrosa, M. A. & Ribeiro, R. (coord.). *Ensino experimental das ciências: (re)pensar o ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Pennac, D. (1996). *Como um romance*. Porto: ASA.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, M. L. A. (2001). *Para uma didáctica textual: tipos de texto/tipos de discurso e ensino do português*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Pérez, M. R. & López, E. D. (1994). *Currículum y programación: diseños curriculares de aula*. Madrid: EOS
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender história: questões de didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rebelo, D., Marques, M. J. & Costa, M. L. (2000). *Fundamentos da didáctica da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, C. & Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do português*. Lisboa: Universidade aberta.
- Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, L. C. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é reflectir sobre o ensino*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.
- Sá, J. (2002). *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das ciências da natureza*. Porto: Porto Editora.
- Sá, J. (2003). “Ciências experimentais na educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico: perspectiva de formação de professores”. In Veiga, L. (coord.). *Formar para a*

educação em ciências na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula.* Porto: Porto Editora.

Santos, M. C. (2002). *Trabalho experimental no ensino das ciências.* Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Savater, F. (2006). *O valor de educar.* Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da Matemática na educação pré-escolar e no 1.ºCiclo do Ensino Básico.* Porto: Porto Editora.

Silveira-Botelho, A. T. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na Formação inicial de professores em Portugal: Uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus.* Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga: Facultad de Ciências de la Educacion.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação: música e artes plásticas.* Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação.* Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, M. L. D. (1993). *A interpretação de textos nas aulas de português.* Lisboa: Edições Asa.

Sousa, O. C. & Cardoso, A. (eds.) (2010). *Desenvolver competências em Língua: percursos didácticos.* Lisboa: Edições Colibri.

Stel, J. V. D. (2000). *Manual [de] prevenção, drogas e tabaco: como facilitar o trabalho diário dos profissionais de prevenção.* Lisboa: IPDT.

Tavares, C. F. (2007). *Didáctica do português — língua materna e não materna — no ensino básico.* Porto: Porto Editora.

Tendbrink, T.D. (2006). *Evalucion guía practica para profesores.* (8.ª edición). Madrid: Narcea.

Traça, M. E. (1992). *O fio da memória: do conto popular ao conto para crianças.* Porto: Porto Editora.

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Veloso, R. M. & Riscado, L. (2002). Literatura infantil, brinquedo e segredo. *Malasartes, Cadernos de literatura para a infância e a juventude*, n.º10, Lisboa (pp. 26-29).

Vigotski, L. S. (2001). *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fortes.

Villalva, A. (2008). *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Legislação

Decreto-Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto.

Despacho n.º 5437/2000, de 9 de março.

Webgrafia

Ministério da Educação. (1999). Programa de História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo. Recuperado em 2012, junho 27 de http://sitio.dgfdc.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares_2HGP.aspx.

Ministério da Educação. (2007). Programa de Matemática do Ensino Básico. Recuperado em 2012, março 15 de <http://www.dgfdc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=71>.

Serra, F. S. (1999). *Fazer a escola acontecer: planificação e participação*. Recuperado em 2011, fevereiro 10 de <http://area.dgfdc.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe50/dossier1.htm>

Anexos

Anexo 1 — Ficha de Matemática

ESCOLA:

DATA:

ANO DE ESCOLARIDADE:

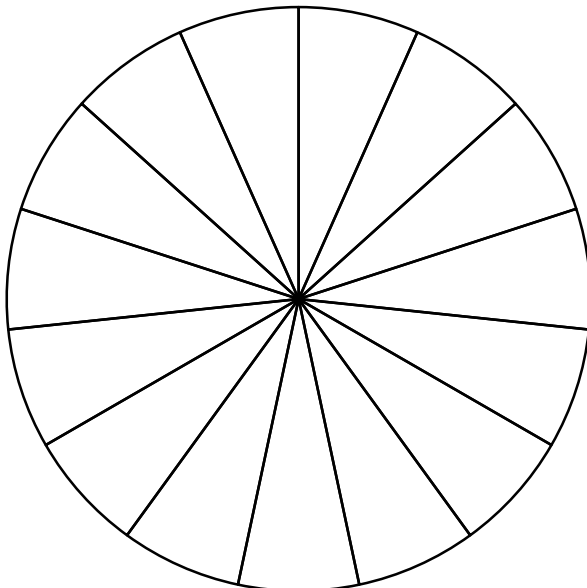
NOME:

Gráfico circular

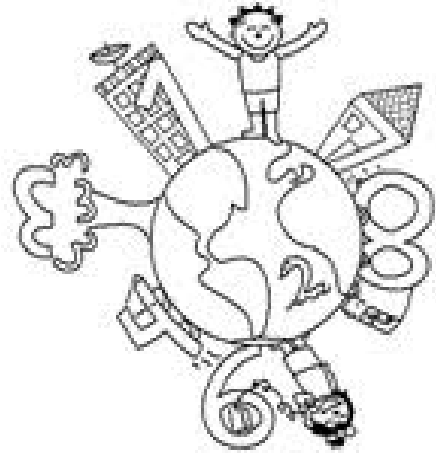
1. Considera a seguinte informação e representa-a no gráfico, pintando de acordo com o código e o enunciado.
 - 1.1. **Dá um título e de legenda-o.**
 - 1.2. **Código: rebuçados verdes — cor verde; rebuçados encarnados — cor encarnada; rebuçados laranjas — cor de laranja.**
 - 1.3. **Quatro meninos têm rebuçados verdes, sete meninos têm rebuçados encarnados e cinco meninos têm rebuçados laranjas.**

Título

Legenda:



Anexo 2 — Ficha de Língua Portuguesa



-
- 1 O π anda pelo mundo desde que o mundo é mundo, mas ninguém o conhece ainda inteiramente. Se divides o perímetro de uma circunferência pelo seu diâmetro, encontras sempre, qualquer que seja o tamanho da circunferência, o mesmo número. Só que esse número é infinito! É 3,141... e depois, por aí fora, uma série de algarismos.
- 6 Já na Bíblia se falava da misteriosa relação da circunferência com o seu diâmetro... como a circunferência é redonda, a Bíblia arredondava para 3 o resultado da divisão, mas os matemáticos não se contentavam com este arredondamento e, ao longo dos séculos, tentaram descobrir até onde ia esse número a que chamaram π (que é a primeira letra da palavra grega para "perímetro").

Manuel António Pina

"Pequeno livro da Matemática" (adaptado)

JARDIM-ESCOLA:

DATA:

ANO DE ESCOLARIDADE:

NOME:

Ficha Formativa

Língua Portuguesa

Funcionamento da Língua

1. Interpretação

1.1. Atribui um título ao texto escrevendo-o no local adequado.

1.2. Define o conceito de Pi de acordo com o texto.

1.3. Assinala com uma cruz no a resposta correta.

1.3.1. O Pi representa o seguinte número:

a) 3,15...

b) 3,41...

c) 3,141...

d) 3,143...

e) Nenhuma das hipóteses anteriores é a correta.

2. Análise gramatical

2.1. Faz a análise morfológica das seguintes palavras:

2.1.1. mundo _____

2.1.2. chamaram _____

2.2. Realiza a análise sintática da seguinte frase

Os matemáticos descobriram o valor de Pi, na antiga Grécia.

Anexo 3 — Protocolo de Estudo do Meio

À descoberta dos materiais e objetos

Realizar experiências com o ar



PROTOCOLO EXPERIMENTAL

Objectivos: Reconhecer, através de experiências, a pressão atmosférica e a existência do ar.

Material necessário:

Copos de plástico

Caixas de plástico

Água

Pedaços de papel coloridos

Procedimento:

1. Enche o recipiente com água;
2. Coloca o pedaço de papel dentro do copo;
3. Assenta o copo no recipiente com a abertura para baixo;
3. Pressiona até ao fundo do recipiente;
4. Observa o que acontece ao pedaço de papel.

Resultados:

1. Circunda a letra que corresponde ao resultado observado.
 - A. O pedaço de papel fica no mesmo sítio.
 - B. O nível de água não se altera e o pedaço de papel vai ao fundo.
 - C. O nível da água, circundado pela abertura do copo, baixa e por isso o pedaço de papel vai para o fundo.
 - D. O pedaço de papel ficou seco.

Conclusões:

2. Circunda a letra que corresponde à conclusão que podes tirar do que observaste.
 - A. O nível da água, circundado pela abertura do copo, baixa porque o copo tem ar.
 - B. O nível da água mantém-se pois o ar que se encontra no copo não interfere.
 - C. O papel vai ao fundo porque ficou molhado.
 - D. O papel muda de cor porque está seco.

Nome: _____

Data: _____

Anexo 4 — Ficha de História e Geografia de Portugal

ESCOLA:

DATA:

ANO DE ESCOLARIDADE:

NOME:

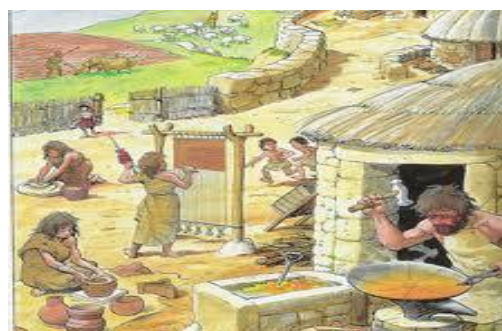
Ficha de avaliação

A Península Ibérica: dos primeiros povos à formação de Portugal

1. Com base nas imagens responde às questões que se seguem.



Povos recolectores



Povos produtores

1.1. A que atividades se dedicavam os povos recolectores?

R: Os povos recolectores dedicavam-se a atividades como: caça, pesca, recolha de frutos, de raízes e de moluscos.

1.2. Quais as diferenças das atividades dos povos recolectores e produtores?

R: Enquanto os povos recolectores aproveitavam os recursos naturais já existentes, os povos produtores dedicavam-se a atividades como a agricultura, a pastorícia, a cerâmica, a cestaria e a tecelagem, dependendo assim da sua própria produção.

1.3. Enuncia o tipo de habitação de cada uma dessas comunidades.

R: As habitações dos povos recolectores eram: grutas, tendas nas entradas dos abrigos e cabanas feitas de peles, ossos e ramagens. As habitações dos povos produtores eram: casas feitas de argila, lama seca, ramagens e troncos de árvores.

2. Observa a seguinte imagem.



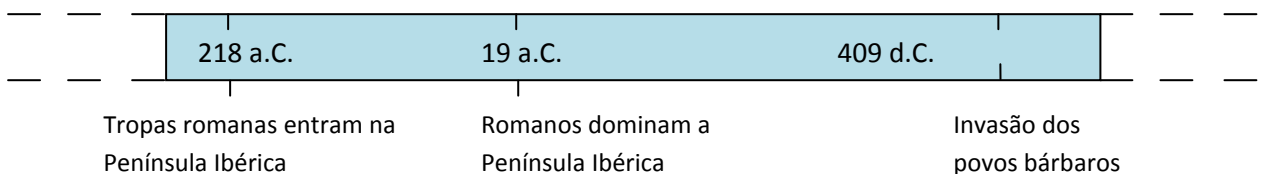
2.2. Refere os nomes dos três mais antigos povos da Península Ibérica.

R: Iberos, Celtas e Celtiberos.

2.3. Explica qual o objetivo dos povos A, B e C virem à Península Ibérica.

R: Os povos do mediterrâneo vinham à Península Ibérica buscar metais (cobre, prata, estanho e ouro), produtos agrícolas (vinho e azeite) e peixe.

3. Situa no tempo e circunda a alínea que corresponde à resposta correta.



3.1. Os romanos demoraram cerca de...

- a) Meio séc. a conquistar a Península Ibérica.
- b) Dois séculos a conquistar a Península Ibérica.
- c) Um séc. a conquistar a Península Ibérica.
- d) Nenhuma das respostas anteriores.

Anexo 5 — Ficha de Língua Portuguesa



LÍNGUA PORTUGUESA

Ano ____ Turma ____

Data ____ / ____ / ____

Nome: _____

N.º _____

1. **Refere** quem passou à escrita esta versão do texto do património oral “A Bela Infanta”.

_____.

2. A Infanta encontrava-se num jardim. **Enuncia** um local possível onde se pudesse situar esse jardim.

_____.

- 2.1. **Justifica** a tua resposta.

_____.

_____.

3. **Enumera** os sinais que o marido da Infanta levava.

_____.

_____.

4. **Explica** por palavras tuas, o significado da expressão “Na ponta da sua lança/A cruz de Cristo levava”.

_____.

_____.

5. **Enumera** as ofertas que a Infanta se propõe fazer.

_____.

_____.

_____.

6. **Identifica** a razão pela qual o capitão não aceitou nada do que a Infanta lhe oferecera.

_____.

_____.

7. **Refere** a forma como a Infanta reconheceu o capitão como seu marido.

_____.

_____.

8. **Completa** o quadro de acordo com o exemplo:

Expressões	Sentimentos
"Dize-me, ó capitão/ Dessa tua nobre armada,/ Se encontraste meu marido/ Na terra que Deus pisava."	
	Tristeza
-"Cavaleiro que tal pede,/ Que tão vilão é de si,/ Por meus vilãos arrastado/ O farei andar por aí Ao rabo do meu cavalo/À volta do meu jardim./ Vassalos, os meus vassalos,/ Acudi-me agora aqui!"	
	Alívio

Anexo 6 — Ficha de Matemática



MATEMÁTICA

Ano ____ Turma ____

Data ____ / ____ / ____

Nome: _____

N.º _____

1. Realize as seguintes conversões:

1.1. $36,5\text{mm} =$ _____ dm ;

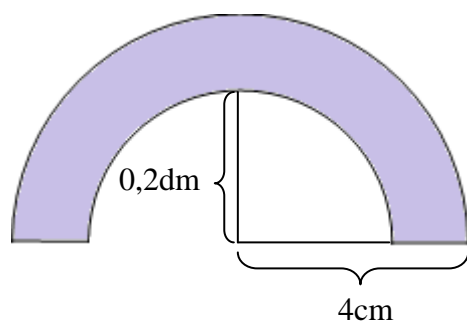
1.2. $9,8\text{km}^2 =$ _____ dam^2 ;

1.3. $57,98\text{a} =$ _____ ma ;

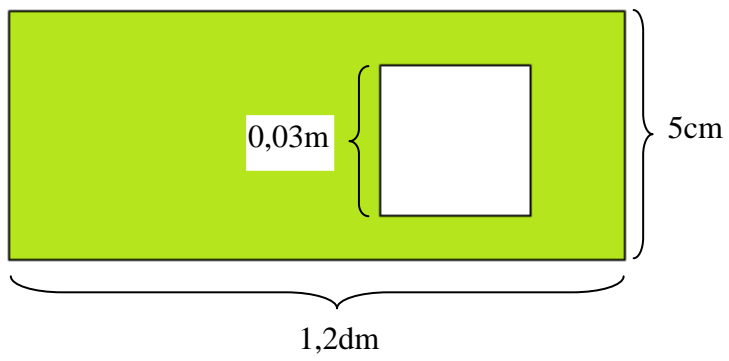
1.4. $482\text{a} =$ _____ km^2 ;

2. Efetue os cálculos necessários, em centímetros, para saber a área sombreada das seguintes imagens (**apresente todos os cálculos**).

2.1. Utiliza o valor aproximado de π .



1.1.



1.2. Utiliza o valor aproximado de π .

